UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LINGUÍSTICA

ALESSANDRA CIRRINCIONE

Brás, Bexiga/Bela Vista, Barra Funda: estudo antropotoponímico

Versão corrigida
De acordo: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

SÃO PAULO
2010

ALESSANDRA CIRRINCIONE

Brás, Bexiga/Bela Vista, Barra Funda: estudo antropotoponímico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Versão corrigida
De acordo: Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

São Paulo
2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Documentação Linguística
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

Cirrincione, Alessandra
Brás, Bexiga/Bela Vista, Barra Funda: estudo Antropotoponímico / Alessandra Cirrincione ; orientadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick – São Paulo, 2010.
135 f. ; il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Toponímia - São Paulo (SP). 2. Sociolinguística. 3. Cultura. 4. São Paulo (SP) – história . I. Título II. Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral.

CDD 910.014

À MEMÓRIA DOS MEUS PAIS

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick pelo apoio durante os anos desta pesquisa.

Aos colegas de Toponímia: Francisco Resende, Virgílio Antiquera e Ana Maria Goulart Bustamante pelo companheirismo durante estes anos na USP.

Às amigas Cleide Lugarini de Andrade, Lilian Osborn e Regina Milder pelo suporte nos anos de pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal Washington Luis, em particular à Seção de Denominação dos Logradouros Públicos, nas pessoas de Maurílio José Ribeiro, Historiador, de Shirley Bertho dos Santos e Suely Noemia Diogos, Assistentes de Gestão de Política dos Logradouros Públicos, ao Arquiteto Eudes de Mello Campos, da Seção Técnica de Estudos e Pesquisa e à Claudia, estagiária da Seção.

Ao meu irmão Nino, à minha cunhada Tita e aos meus sobrinhos, Alessandro, Sara, Carla, Maurício, Patrizia e Ernani pelo carinho e pelo incentivo que sempre me demonstraram.

O explorador quer conservar a memória as terras que descobriu e fazer com que todos as conheçam; para falar dos lugares ou dos ambientes, não há outro meio do que proceder ao batismo da terra e elaborar um vocabulário próprio para qualificar as diferentes facetas do espaço.

Paul Claval

RESUMO

CIRRINCIONE, ALESSANDRA, **Brás, Bexiga/Bela Vista, Barra Funda: estudo antropotoponímico.** 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

Este trabalho se insere no projeto *Atlas das Cidades* da Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. A pesquisa visa identificar as motivações dos denominadores dos logradouros públicos do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda da proclamação da Primeira República (1889) até 1926. A análise dos topônimos no período indicado comporta inúmeras referências aos anos anteriores a 1889, que ajudam na reconstrução, em retrospectiva, da história do progressivo desenvolvimento de antigas sesmarias, chácaras, sítios e várzeas alagadiças, localizadas em áreas periféricas em relação ao centro histórico antigo, nos quais se desenvolveu a malha viária da área em exame. Da análise do inventário toponímico da República, emerge o novo perfil da identidade do povo brasileiro, desenhado pelos intelectuais republicanos, que atuaram mais como agentes políticos propriamente ditos que como intelectuais mediadores da identidade simbólica da nação. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX os imigrantes europeus, pessoas de poucos recursos financeiros, tendiam a fixar-se na capital do Estado de São Paulo, em áreas dotadas de meios de transporte coletivo, próximas a seus locais de trabalho, nas quais o terreno tivesse custos accessíveis. O Brás, o Bexiga/Bela Vista e a Barra Funda, possuindo esses requisitos, atraíram os italianos, que, amalgamados a outros grupos etnolinguísticos, também residentes nestes três bairros, foram co-autores na construção do registro sociolinguístico-cultural da comunidade, processo do qual a toponímia é parte integrante. A participação dos imigrantes italianos foi significativa na composição étnica da população dos três bairros: introduziu traços culturais novos na arquitetura, nos hábitos, na culinária e na língua, mas foi numericamente pouco expressiva nas denominações dos logradouros. A pesquisa baseia-se na conferência de Sapir, *Língua e Ambiente.* O trabalho é documental e vale-se de documentação cartográfica, de documentos oficiais do acervo do Arquivo Municipal Washington Luiz e de literatura especializada. A metodologia utilizada é o método indutivo/dedutivo de Dick e vale-se dos instrumentos de pesquisa criados por ela, isto é, a ficha de levantamento de dados e as taxionomias toponímicas. O emprego das taxionomias permitiu analisar a distribuição qualitativa dos topônimos no território em apreço e formular as conclusões finais do trabalho.

Palavras-chave: Toponímia. Língua. Cultura. Cosmovisão. Identidade.

ABSTRACT

CIRRINCIONE, ALESSANDRA. **Brás, Bexiga/Bela Vista, Barra Funda: study of antropotoponomy.** 2010. 135 pages. Master Degree Dissertation – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

This work is intended to be inserted into a project by Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, PhD, namely, *Atlas das Cidades*. Our research aims at identifying the motivations of the individuals or groups of individuals who, from 1889 (date of the Declaration of the First Republic by the Republican Party) to 1926, denominated streets and squares existing in three quarters of São Paulo, known as Brás, Bexiga/Bela Vista and Barra Funda. The analysis of the place names along this period of time involves several references to years prior to 1889. These references help, in retrospect, to determine how rural properties, located in the periphery of the town and belonging to great land owners, developed into quarters where the street communication system was built later on. From the exam of the toponymic inventory created by the Republican Party emerges the new profile of the Brazilian national identity drawn by the republican intellectuals who acted like political agents rather than intellectuals mediating the symbolical identity of the nation. At the end of the XIX century the European immigrants, who had limited financial resources, settled in the Capital of the State of São Paulo in areas served by collective means of transportation, near to their work places, where the land could be acquired at low costs. Brás, Bexiga/Bela Vista and Barra Funda met with all those requirements and attracted the Italians who, amalgamated with other etnolinguistic groups living in the same quarters, turned into co-authors in building the sociolinguistic and cultural registry of the community, a process in which toponimy plays an important role. The participation of Italian immigrants in the ethnical feature of Brás, Bexiga/Bela Vista and Barra Funda was significant by introducing new cultural traces into architecture, customs, as well as culinary habits and language trends. However the participation mentioned above proved to be negligible in terms of place names. Our research is based on a conference of Sapir, namely, *Language and Environment*. The work is a documental one and utilizes cartographic documents, official documents from Washington Luis Historical Archive of the Municipality and specialized literature. The methodology employed is Dick's inductive/deductive method and is supported by the instruments of research created by her, that is to say, schedule of data and toponymic taxonomies. The taxonomies allowed us to analyze the qualitative distribution of the place names in the territory under exam and formulate the final conclusion of our work.

Key- words: Toponimy. Language. Culture. Cosmovision. Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Várzea do Carmo

Figura 2 – Igreja do Senhor Bom Jesus dos Matosinhos

Figura 3 – Avenida Paulista vista da esquina da praça Oswaldo Cruz em direção à Consolação

Figura 4 – Tietê em São Paulo, retratado em cartão-postal antigo.

Figura 5 - Vista da Igreja de Nossa Senhora Acheropita no Bexiga

LISTA DE FICHAS

Ficha lexicográfico-toponímica (modelo)

Ficha lexicográfico-toponímica (preenchida)

Ficha de controle (modelo)

Ficha de controle de n. 90 a 106 (preenchida)

Ficha de controle de n. 135 a 147 (preenchida)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Taxionomias toponímicas

Tabela2 – Logradouros em número e percentual: Brás , Bexiga/Bela Vista e Barra Funda (1926)

Tabela 3 – Brás, Bexiga)Bela Vista, Barra Funda. Representatividade lingüística dos topônimos de origem indígena e de origem portuguesa

Tabela 4 – *Corpus*: topônimos, morfologia dos topônimos, taxionomia e motivação toponímica

Tabela 5 – Taxionomias do *Corpus* (1926).

Tabela 6 – Mudança de denominação de alguns logradouros do centro velho de São Paulo

LISTA DE HISTOGRAMAS

Histograma 1 – Representatividade das taxes

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATB – Atlas Toponímico do Brasil

ATESP - Atlas Toponímico do Estado de São Paulo

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

IHGSP – Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

RAM – Revista do Arquivo Municipal Washington Luis

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 16

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O ensino e a pesquisa da Onomástica no Departamento de Linguística da USP..... 19

1.2 O sistema onomástico..... 22

1.2.1 Topônimos e antropônimos……..... 23

1.3 A aquisição da cultura: Sapir e a etnolinguística..... 27

CAPÍTULO II – METODOLOGIA …….. 35

CAPÍTULO III – FORMAÇÃO E HISTÓRIA DOS BAIRROS DO BRÁS, DO BEXIGA/BELA VISTA E DA BARRA FUNDA..... 44

3.1 Mapa e memória da cidade..... 44

3.1.1 São Paulo na cartografia do século XIX..... 44

3.1.2 O abairramento como forma de interpretação social do espaço urbano..... 47

3.1.3 O primeiro índice oficial dos logradouros de São Paulo..... 48

3.2 Origens do bairro do Brás..... 49

3.2.1 O nome do bairro 52

3.2.2 O desenvolvimento do bairro …..... 55

3.3 Origens do bairro do Bexiga/Bela Vista..... 60

3.3.1 O nome do bairro…… 62

3.3.1.1 O dote de Leonor Siqueira Pais..... 63

3.3.1.2 A chácara do Bexiga 65

3.3.1.3 A herança de José de Goes e Moraes: o sítio do Capão..... 68

3.3.1.4 Mariano Vieira e o sítio do Capão 68

3.3.1.4.1 Mariano Vieira e a avenida Paulista 70

3.4 Origens do bairro da Barra Funda..... 72

3.4.1 O nome do bairro…… 72

3.4.2 O desenvolvimento do bairro …… 74

3.5 Os imigrantes italianos……. 76

CAPÍTULO IV – *CORPUS*

4.1 Apresentação do *corpus*..... 81

4.2 *Corpus*: morfologia dos topônimos, taxionomias e motivação toponímica..... 83

4.3 Análise qualitativa do c*orpus* ……. 108

4.4 Toponímia republicana…….. 110

CONCLUSÕES……. 116

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS…… 119

APÊNDICE A: Perguntas à Profa. Dra. Maria Vicentina sobre os rumos da pesquisa onomástica no Brasil 125

ANEXOS
ANEXO A – Planta da cidade de São Paulo levantada em 1810 pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa 127

ANEXO B – Planta da cidade de São Paulo por C. A. Bresser 1841..... 128

ANEXO C – Planta da cidade de São Paulo por C. A. Bresser 1841: detalhes da Chácara do Bispo..... 129

ANEXO D – 1850 - Mapa, onde aparece a chácara do Bexiga, com o nome de Campos do Bexiga. Aparece também o Tanque Reúno, em cuja volta escravos fugidos e aquilombados se escondiam..... 130

ANEXO E – Mappa da capital da P.cia de São Paulo seos Edifícios públicos, Hoteis, Linhas férreas, Igrejas Bonds Passeios, etc. publicado por Fr.do de Albuquerque e Jules Martin em 1877..... 131

ANEXO F – Planta da capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes desenhada e publicada por Jules Martin em 1890..... 132

ANEXO G – Planta Geral da capital de São Paulo organisada sob a direção do Dr. Gomes Cardim – 1897..... 133

ANEXO H - Planta Geral da capital de São Paulo organisada sob a direção do Dr. Gomes Cardim – 1897: detalhe da Barra Funda..... 134

ANEXO I – Mapa da chácara do Capão desenhado por Antonio Paim Vieira.. 135

INTRODUÇÃO

Os grupos étnicos nomeiam os fatos da paisagem projetando no ambiente a forma de perceber o espaço físico.

O homem, recortando o ambiente e nomeando-o, identifica um determinado espaço por meio de uma forma linguística de significação, que é o principal atributo do nome escolhido.

Os topônimos, veiculando a referência ao lugar denominado, dão vida à descrição física do acidente geográfico ou aos sentimentos que aquele acidente geográfico específico suscita no íntimo do homem que o nomeia.

O inventário das denominações da malha viária de uma cidade ou de um recorte desta está sujeito às mesmas motivações subjacentes à nomeação dos fatos da paisagem.

O recorte urbano, objeto do nosso trabalho, conforme já anunciamos, é constituído de três bairros de São Paulo: Brás, Bexiga/Bela Vista e Barra Funda.

A pesquisa é documental. Foi realizada utilizando documentação cartográfica da cidade, documentos do Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz e bibliografia especializada.

Os documentos consultados evidenciam que no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX os imigrantes europeus, pessoas de poucos recursos financeiros, tendiam a fixar-se na capital do Estado de São Paulo em áreas dotadas de meios de transporte coletivo, próximas a seus locais de trabalho (fábricas, principalmente), nas quais o terreno tivesse custos accessíveis.

O Brás, o Bexiga/Bela Vista e a Barra Funda possuíam esses requisitos e atraíram os italianos, que, amalgamados a outros grupos etnolinguísticos também residentes nestes três bairros, foram co-autores na construção do registro sociolinguístico-cultural da comunidade, processo do qual a toponímia é parte integrante.

O objetivo principal da pesquisa é identificar as motivações dos denominadores da malha viária do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda, da proclamação da República Velha até 1926, portanto, sem abrangência para a formação do Estado Novo.

A análise dos topônimos no período indicado comporta inúmeras referências aos anos anteriores a 1889 que ajudam na reconstrução em retrospectiva da história do progressivo desenvolvimento de antigas sesmarias, chácaras, sítios e várzeas alagadiças localizadas em áreas periféricas em relação ao centro histórico antigo.

O estudo das motivações é realizado através do levantamento dos fatos extralinguísticos subjacentes às escolhas do(s) denominador (es), com vistas a explicitar a relação existente entre fatos linguísticos e não-linguísticos no contexto sociocultural de determinada época (século XIX e primeiros vinte anos do XX).

Ao lado do objetivo principal insere-se um objetivo específico, que consiste na identificação dos topônimos criados pelos imigrantes italianos, co-autores na formação do léxico urbano de São Paulo.

Os topônimos do *corpus* foram analisados como elementos linguísticos e socioculturais da construção da identidade de um grupo étnico que participa das mesmas origens, tradições e patrimônio cultural, que constitui a herança transmitida oralmente de geração em geração, de pai para filho.

Na reconstrução da história linguística da malha viária do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda utilizamos o método de classificação das taxionomias toponímicas criado por Dick em 1980.

Esperamos que a nossa dissertação contribua para a conscientização da necessidade de se manter e valorizar, à semelhança do que vem sendo feito em outros países, as antigas denominações dos logradouros da capital paulista, bem cultural intangível, construído ao longo de gerações, que engloba uma multiplicidade de aspectos linguísticos e histórico-culturais.

A dissertação estrutura-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo contém os fundamentos teóricos da pesquisa, de cunho etnolinguístico, ou seja, a conferência de Sapir, *Língua e Ambiente*, e os motivos que determinaram a escolha pelas teorias deste autor.

O capítulo inicia com um breve relato historiográfico das etapas principais do ensino e da pesquisa onomástica e visa evidenciar o valioso trabalho científico da Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que fundamentou e consolidou uma disciplina onomástica genuinamente brasileira na área específica de Semiótica e Linguística Geral no Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). O capítulo é complementado por uma breve entrevista com a Professora.

O segundo capítulo trata da Metodologia utilizada: foram empregados o método indutivo/dedutivo de Dick e os correlativos instrumentos de pesquisa, isto é, as taxionomias toponímicas e a ficha de levantamento de dados.

O terceiro capítulo é dedicado à história dos bairros, cujos topônimos apresentam características peculiares resultantes da camada linguística indígena pré-existente à chegada dos portugueses, do processo colonial, da ação da Primeira República e da influência da componente representada pelo enxerto da imigração italiana no tecido linguístico-cultural, que até hoje permanece como um fator significativo no contexto sócioeconômico, linguístico e cultural da população paulistana.

O quarto capítulo é a análise quantitativa e qualitativa do *corpus*, num total de 189 topônimos. A última parte da dissertação contém as conclusões finais sobre o trabalho: a toponímia oficial ou sistemática, gerada por denominadores que representam o poder constituído, substituiu os topônimos descritivos, de natureza espontânea e popular, que não têm autoria identificável.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O ENSINO E A PESQUISA DA ONOMÁSTICA NO DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA DA USP

> Na história de São Paulo reputa-se de suma importância o conhecimento dos topônimos e de outros vocábulos de natureza tupi-guarani[1].
>
> Clóvis de Athayde Jorge

A Onomástica (do grego ὀνομαστική, ato de nomear) é a disciplina científica que estuda os nomes próprios. Tem suas regras, taxionomias e metalinguagem. É tradicionalmente dividida em duas subáreas ou subsistemas: a Toponímia (do grego τόπος, lugar e ὄνομα, nome) e a Antroponímia (do grego ἄνθρωπος, homem, e ὄνομα nome). A primeira estuda os nomes próprios de lugares e a segunda os nomes próprios de pessoas.

Modernamente, a onomástica é considerada um subsistema da Lexicologia e é interdisciplinar por excelência: interage com a antropologia cultural, a etnografia, a geografia e a história. A mais tradicional e a mais conhecida destas relações interdisciplinares ocorre entre História e Onomástica. Sapir (1961) e Ullmann (1987) evidenciam a importância da Onomástica como disciplina auxiliar da História. Este último, em particular, declara:

> O estudo dos nomes próprios, que pode esclarecer muitos aspectos da história política, econômica e social, afirmou-se recentemente como um ramo da linguística quase independente e tem os seus congressos próprios e revistas especializadas (ULLMANN, 1987: p. 161).

[1]Tupi e Guarani são línguas diferentes: mais modernamente, os linguistas consideram o tupi e o guarani, línguas pertencentes a um mesmo tronco, mas não à mesma família.

Nos programas de Pós-Graduação do Departamento de Linguística FFLCH-USP, a Onomástica está presente com dois cursos: Toponímia Indígena e Fundamentos de Etnolinguística e Etnotoponímia, ambos ministrados pela Profa. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick.

Até a década de 1960, a Toponímia estava vinculada à cadeira de Etnografia e Língua Tupi no âmbito dos cursos de História e Geografia. Plínio Ayrosa, que, além de fazer parte do conselho da famosa *Revista de Antropologia*, era chefe, já na década de 30, da cadeira de antropologia e etnografia (MARRAS, 2003: p. 321), foi pioneiro na introdução dos estudos toponímicos na USP.

Aos poucos, a Toponímia foi se tornando um corpo disciplinar autônomo pela preocupação manifestada nos ambientes acadêmicos brasileiros com as línguas indígenas em geral e com o tupi em particular.

O estudo das línguas dos índios brasileiros acelerou o processo, não apenas no sentido de ensinar os fundamentos gerais nos moldes da tradição acadêmica da onomástica européia, mas especialmente de utilizar

> [...] a função instrumental de um marcador vocabular brasílico (estudo etimológico dos topônimos tupis), cuja frequência no sistema lexical português sempre atingiu índices expressivos nos mais variados itens semânticos (a exemplo de zoonímia, fitonímia, hidronímia, geomorfonímia, ergonímia) (DICK, 1994: p. 435).

Visando à formação de um corpo de pesquisadores, à semelhança de instituições européias e norte-americanas, a USP criou em 1984 o curso de pós-graduação em estudos onomásticos (Toponímia e Antroponímia), efetivando-o em 1989.

Atualmente os estudos onomásticos na FFLCH-USP não se limitam a dar continuidade apenas à iniciativa pioneira de Ayrosa. Dick, criando uma taxionomia toponímica *ad hoc* para a toponímia brasileira ofereceu aos pesquisadores a possibilidade de utilizar taxes que pudessem dar conta do texto toponímico brasileiro,

sem mais depender de modelos de classificação europeus e norte-americanos, o mais conhecido dos quais é *A classification of place names* de George Stewart.

Até o aparecimento da terminologia toponímica de natureza taxionômica, a Toponímia valia-se da terminologia de outros domínios científicos, da Geografia, principalmente. Com a ampliação do horizonte da pesquisa linguística desenvolvida na USP na década de 1960 a Toponímia se aproximou do método da Geolinguística, buscando identificar

> [...] as áreas de extensão ou os pontos principais de dispersão dos fatos linguísticos relativos às línguas faladas no território, ou aos seus resíduos lexicais presentes nos nomes, principalmente aqueles resultantes de modelos extintos, como ocorre com os grupos indígenas brasileiros já desaparecidos (DICK, 2007a: p. 464).

Dick elaborou uma primeira classificação dos indicadores linguísticos *gerais* (categorias) e *específicos* (ocorrências linguísticas) e estruturou o sistema onomástico brasileiro (toponímico e antroponímico), tão logo percebeu – como ela mesma declara – quão relevantes eram junto à comunidade:

> [...] os nomes, formas lingüísticas empregadas na identificação dos lugares, das pessoas, dos objetos espaciais, de acordo com a visão de mundo ou cosmovisão historicamente caracterizada no território (Ibid., p. 465-466).

Os Atlas Toponímicos são elaborados com base nos mesmos princípios que regem os Atlas Linguísticos e os Atlas Linguístico-Etnográficos, que enfocam ocorrências linguísticas de natureza diversificada, podendo abranger fonética, morfologia, semântica, sintaxe da língua falada em determinada região e variação linguística.

Dick abriu novas linhas de pesquisa como a Microtoponímia Urbana e a Antroponímia com suas modalidades técnicas, etno-sociais, grupais e motivadoras.

A pesquisadora trabalha com vários projetos de atlas toponímicos, nomeadamente, ATB (Atlas Toponímico do Brasil), ATESP (Atlas Toponímico do

Estado de São Paulo), e Atlas das Cidades, linha de pesquisa, esta última, na qual se insere a nossa dissertação de mestrado *Brás, Bexiga/Bela Vista, Barra Funda: estudo antropotoponímico.*

O modelo de atlas toponímico elaborado por Dick é, atualmente, o *standard* de referência utilizado por todas as pesquisas semelhantes: os atlas dos Estados de São Paulo, de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Alagoas e Tocantins são coordenados por Dick, conforme o Diretório de Pesquisa da CNPq.

1.2 O SISTEMA ONOMÁSTICO

> É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem.
>
> Maria Teresa Camargo Biderman

O homem se aproxima simbolicamente do real através da nomeação, fonte geradora do léxico das línguas naturais, que é a forma de registro e de conhecimento do universo (BIDERMAN, 2001: p.13).

Denominar significa aplicar um significante a um referente específico, extralinguístico, presente antes ou atrás da linguagem como um evento cognitivo, produto da nossa percepção:

> Qualquer que seja o nome de tal "produto", seja *referente, objeto mental ou unidade cultural* fica reconhecida a necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado. Tal dimensão, que não será a realidade "tout court", é a *percepção-cognição,* onde justamente se fabricam os referentes/objetos mentais/unidades culturais: estes é que, embora desprovidos de um estatuto linguístico propriamente dito, condicionarão o evento semântico (BLIKSTEIN, 1983: p. 39).

Os nomes que compõem o sistema que chamamos de onomástico são elos de uma sequência expressiva: apreensão do objeto no espaço/ conhecimento e percepção

de seus detalhes ou constituintes, representatividade linguística do traço percebido/manifestação denominativa (DICK, 2001: p. 81).

O sistema onomástico utiliza as mesmas unidades lexicais empregadas na comunicação: “Rio de Janeiro” resulta da contração de “rio descoberto no mês de janeiro”. A construção da nomenclatura dos locativos inicia-se, geralmente, com a utilização de um enunciado expandido, que contem a ideia básica do texto: “rio descoberto no mês de janeiro”. A contração “Rio de Janeiro” é uma acomodação de hábitos linguísticos que passa a ser adotada pela coletividade.

O nome identifica e caracteriza um lugar assim como marca e distingue o ser humano. O homem passa a ter cidadania quando tem um nome que lhe dá direito à posse de um documento de identidade. O lugar passa a ter a personalidade jurídica de logradouro, somente ao receber um nome, sem o qual é configurado como terreno baldio.

Os nomes próprios de lugares ou de pessoas são apenas marcas de identificação e têm função designativa, à diferença dos nomes comuns, que têm valor conotativo (MILL apud ULLMANN, 1987: p.152), mas os nomes próprios são conotativos quando aplicados num contexto específico a uma pessoa ou a um lugar particulares (MILL apud ULLMANN, 1987: p. 154-155).

1.2.1 TOPÔNIMOS E ANTROPÔNIMOS

Dick conceitua o topônimo (nome próprio de lugar) como unidade léxico-semântica cuja estrutura é constituída de um termo genérico ou acidente geográfico e de um termo específico que identificando o termo genérico destaca-o de outros semelhantes e que é o topônimo propriamente dito (DICK, 1992: p.10).

O termo genérico é facilmente identificável nas línguas justapostas: rio (termo genérico) + Grande (termo específico). Nas línguas aglutinantes, como as línguas indígenas brasileiras, a dificuldade de separação dos elementos formadores gera modificações na composição silábica causando distorções na maioria dos casos.

As características específicas dos topônimos brasileiros levaram Dick (1992: p. 13-14) a individuar três áreas morfológicas de topônimos, ou, termos específicos, que são os topônimos propriamente ditos.

O topônimo simples é constituído de um só elemento formante (substantivo ou adjetivo), como rua Americanos, no bairro da Barra Funda, ou, ainda, de substantivo ou adjetivo acompanhado de sufixação, como, avenida Higienópolis, no homônimo bairro de São Paulo.

O topônimo composto apresenta-se constituído de mais de um elemento formador de origens diversas que apenas a história local pode elucidar: Cachoeira Maravilha dos Macacos (MG), Duas e Dois (BA).

Os topônimos híbridos são formados por elementos de procedências diversas: a formação mais difusa no Brasil é lexia portuguesa + lexia indígena, ou, lexia indígena + lexia portuguesa, como, Matriz de Camaragibe (AL) e Marabá Paulista (SP), respectivamente.

O signo toponímico, ao contrário do signo linguístico que Saussure concebeu como arbitrário e imotivado, é um signo duplamente motivado

> [...] na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1992: p. 18).

A motivação poderá ser tanto do referente (elemento extralinguístico) ou do observador/sujeito. Se a motivação for do observador/sujeito ditada por estados anímicos intimamente psicológicos, a denominação será de tipo gramatical, representada por adjetivos que expressam qualidades não mensuráveis, como, beleza, tristeza, bondade, maldade, progresso, etc. Se a motivação for do referente

extralinguístico (paisagem, ambiente, espaço), o fato desencadeará mecanismos descritivos ligados ao aspecto da paisagem, do ambiente ou do espaço.

Podemos facilmente examinar os referentes extralinguísticos e, entre eles, notadamente, os fatos da paisagem, como ícones e índices, conforme a teoria de Charles Sanders Peirce, fundador da semiótica.

As propriedades icônicas descrevem propriedades de acidentes geográficos, tais como, altura, largura, dimensão, etc., e, verbalizadas pelo(s) falante(s) em enunciados linguísticos, se toponimizam (DICK, 1999: p.136). Um bom exemplo ilustrativo é representado pela rua Baixa, isto é, do enunciado "a rua é baixa" > rua Baixa, assim chamada por ser o ponto mais baixo do bairro da Barra Funda. Vale lembrar que também neste caso trata-se de uma acomodação de hábito lingüístico gerada por contração.

Além de ser muito rica em matéria de denominações icônicas, a toponímia brasileira registra também em áreas urbanas a presença difusa de índices, como por exemplo, rua Jacarehy (*Yacaré-y*, o rio do jacaré) no bairro do Bexiga / Bela Vista. O índice é um signo indicativo de alguma coisa: no caso em exame indica, assinala a presença de jacarés no rio.

Independentemente da tipologia da motivação (do referente ou do observador), a análise desta deverá sempre considerar a *imago mundi*, a cosmovisão, que espelha o sistema de valores (ideologia) compartilhados pelo grupo étnico, motivado na escolha do nome do acidente geográfico. Isto porque topônimos e antropônimos são arquétipos, elementos reveladores da concepção de mundo dos grupos etnolinguísticos que os criaram.

Os grupos étnicos caracterizam-se pela continuidade no tempo e projetam um futuro como povo, através da transmissão, de geração em geração, de uma linguagem comum de valores e tradições que fazem com que os indivíduos adquiram

autoconsciência de sua especificidade cultural e social, sentimento que os etnólogos definem como etnicidade.

Os portugueses do tempo da colônia fizeram largo uso do sistema denominativo que lhes era peculiar: o hagiológio romano e as efemérides religiosas, herança da Idade Média, particularmente marcante na história do ocidente europeu.

Os indígenas brasileiros dificilmente recorrem a formas antroponímicas para nomear acidentes geográficos. São raríssimas, numericamente pouco representativas, as ocorrências de nomes de entidades míticas de suas culturas (mitotopônimos). A cosmovisão dos índios é centrada no ecossistema como demonstram seus mitos e suas lendas.

À diferença da cultura judaico-cristã, a cultura indígena não percebe o homem como centro do universo. O homem está inserido no mundo natural, igual entre iguais: não é um ser privilegiado ao qual Deus, no Gênesis, deu o poder de denominar animais e outros seres da criação.

Os topônimos e antropônimos indígenas se inscrevem, na maioria dos casos, no rol da fitonímia e da zoonímia. O ambiente natural era também a fonte dos nomes próprios de pessoas e não só de crianças. As mulheres recebiam nomes de pássaros, peixes e frutas, mantendo-os durante toda a infância (STADEN, 2008: p. 150) e na idade adulta.

A motivação é um elemento tão significativo que o desaparecimento das causas motivadoras da denominação não gera o desaparecimento do topônimo, como apontado por Ullmann (1987: p.154).

O inventário toponímico da cidade de São Paulo oferece um exemplo particularmente ilustrativo a respeito: a canalização do ribeirão Anhangabaú não cancelou da memória da cidade a lembrança deste antigo curso d’água que figurava nos mapas urbanos até o primeiro decênio do século XX (CIRRINCIONE, 2010: p. 201).

O acidente geográfico “ribeirão”, ou termo genérico do topônimo, desapareceu, mas o termo específico “Anhangabaú” (o bebedouro das diabruras em língua tupi ou córrego das Almas nos tempos da colônia) se perpetuou na cartografia e na toponomástica da moderna cidade pelo recurso a um termo genérico escolhido *ad hoc*, expressão de uma nova realidade da paisagem urbana criada pela mão do homem: o Parque do Anhangabaú (CIRRINCIONE, 2010, loc.cit.).

Se os topônimos definem fatos da paisagem, os antropônimos distinguem os indivíduos um dos outros nos grupos sociais aos quais estes pertencem.

Um antropônimo que se toponimiza, tornando-se nome de rua na microtoponímia urbana contribui para que a Toponímia se apresente como a crônica de uma comunidade no inventário toponímico do Brás, do Bexiga/Bela Vista e Barra Funda dos primeiros tempos da Primeira República.

Os antropotopônimos são parte integrante do um texto toponímico (mapa + léxico) dos bairros em exame, inventário que reflete a realidade geográfica, histórica, política e social de uma microárea da cidade, e que, cristalizando-se em léxico urbano, transforma-se em memória pela força do sentido de identidade dos membros de uma comunidade que compartilham das mesmas tradições linguísticas, territoriais e históricas.

3.1 A AQUISIÇÃO DA CULTURA: SAPIR E A ETNOLINGUÍSTICA

> Na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão do mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura.
>
> Maria Aparecida Negri Isquerdo; Maria da Graça Krieger.

O conceito antropológico e etnográfico de cultura prescinde de ideias de valoração e abrange todos os conhecimentos que o indivíduo adquire enquanto membro de uma sociedade. Nesta ótica a ciência, que é parte da cultura, não é mais importante que o conhecimento comum ou as superstições populares.

A aprendizagem, a conservação, a transformação e a transmissão da cultura se realizam através de práticas sociais que se organizam com o fim de expressar a cultura das comunidades humanas, para transmiti-la de um indivíduo para outro e de uma geração para outra (LOPES, 2008: p 15).

Na esteira de Lévi-Strauss, Lopes evidencia como a proibição do incesto, elemento disciplinador de um instinto biológico, realize uma ruptura entre o Universo da Natureza e o Universo da Cultura, em função da qual é possível *isolar*, na definição de Lopes duas características que pertencem ao universo da cultura. A primeira é tudo aquilo que o homem acrescenta à natureza através do seu trabalho transformador. A segunda é tudo aquilo que não é herdado pelo homem, ou seja, tudo aquilo que é aprendido por ele.

O domínio da cultura é a área de investigação da Antropologia e da Semiótica, ciência que engloba a Lingüística Geral e que estuda a realidade cultural de uma comunidade humana, ou seja, todas as espécies de sistemas de signos construídos pelo homem ao longo dos séculos, incluindo, dentre outros, mitos, alfabetos (ex.: Braille, Morse, etc.), relações de parentesco, artes, instituições, etc.

O domínio da natureza em si não traz interesse para o linguista, que objetiva estudar como o conhecimento da realidade fenomênica se reflete nos sistemas linguísticos que *re-criam,* ou *criam de novo,* essa realidade. Todos os sistemas de signos são linguagens capazes de expressar aspectos da *imago mundi* ou *modelização do mundo* intuída pela comunidade que criou estes sistemas (LOPES, 2008: p.16).

As línguas naturais são sistemas sígnicos e como tais são produtoras de ideologias, carregando consigo os valores da sociedade da qual o indivíduo é membro:

aprendendo a língua falada pelo seu grupo o indivíduo assimila automaticamente a ideologia do grupo, ou seja, o sistema de valores compartilhados pelo grupo.

Ao conceituar a linguagem Sapir afirma ser esta uma função social e não uma herança biológica, orgânica e instintiva como, por exemplo, o ato de andar. A criança não fala apenas por ser fisiologicamente predisposta a falar, ela fala porque a linguagem é uma função social adquirida, uma função cultural.

Este antropólogo-linguísta motiva a sua afirmação dizendo que uma criança transplantada do seu meio social de origem para outro aprenderá a andar sem dificuldade alguma, mas ao aprender a falar a língua do novo ambiente no qual foi inserida consequentemente terá aprendido cultura do novo grupo, ou seja, seu código linguístico-ideológico.

O mérito da introdução do estudo da linguagem no contexto da Antropologia cabe a Sapir que mostrou que:

> [...] um estudo antropológico da língua (a língua como objeto de pesquisa inscrevendo-se na cultura) conduzia a um estudo linguístico da cultura (a língua como modelo de conhecimento de uma cultura) (LAPLANTINE, 2007: p.87).

Boas, um dos fundadores da etnografia, estudando as sociedades tribais dos EUA, observou como estas organizações são auto-suficientes, considerando-as como verdadeiros sistemas cujas partes estão em interdependência, que lhes garante autonomia, estabilidade e sobrevivência. Assim, [...] Boas criou, em reação ao pensamento evolucionista, uma concepção de cultura como um sistema integrado e como uma realidade relativa a cada grupo humano (FARACO, 2005: p.80).

Sapir, aluno de Boas, aprendeu de seu mestre que cada cultura é única e singular e tem caracteríísticas próprias. À diferença do que apregoou o evolucionismo sociológico, Sapir, na esteira de Boas, negava a hierarquia povo primitivo/povo civilizado.

Há muitos exemplos de línguas cujo léxico [...] traz o sinete do ambiente físico em que se acham situados os seus falantes (SAPIR, 1961: p. 45). As culturas dos "povos primitivos", nas quais incluímos os índios brasileiros, não atingiram, segundo Sapir, um grau de complexidade capaz de incluir interesses universais: [...] deste ponto de vista é lícito comparar o léxico das línguas primitivas com os léxicos de certas secções de população das nações civilizadas (Ibid., p. 46), exatamente como o léxico dos Nutkas é comparável ao léxico das populações de pescadores da França sul-ocidental e da Espanha meridional.

A linguagem, afirma Sapir, é um guia para a realidade:

> O fato é que o "mundo real" é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base de hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam aposto duas etiquetas diferentes (SAPIR, 1961: p. 20).

A etnolinguística ou estudo da fala e da língua no contexto da antropologia é geralmente associada ao estudo das minorias linguísticas existentes em contextos linguísticos dominantes como as línguas indígenas no contexto do inglês nos EUA e no contexto do português no Brasil, mas a etnolinguistica não é somente uma disciplina descritivista: em sentido mais amplo estuda as relações entre língua e cultura e a percepção de mundo dos diferentes grupos étnicos.

Cardona (1985), reconhecidamente considerado um dos principais expoentes da etnolinguística italiana nos deixou como lição que a etnolinguística não é mais apenas um ramo da linguística, mas é o estudo das influências recíprocas entre língua, pensamento e cultura.

Uma língua não é um simples repertório de signos a serem usados nas mais diversas situações: é um sistema completo, altamente complexo, e altamente contextualizado, que permite a cada um dos membros de uma comunidade de falantes,

atingir e utilizar um inteiro universo cultural feito de relações com o ambiente, com o sistema social, com as faixas etárias, os gêneros, as profissões e as classes sociais. Sapir afirma que

> Pondo essa questão da plenitude formal da linguagem em termos algo diferente, podemos dizer que toda língua está de tal modo construída, que diante de tudo que um falante deseje comunicar, por mais original ou bizarra que seja a sua ideia, ou a sua fantasia, a língua está em condições de satisfazê-lo. Ele nunca precisará criar novas formas [...] (SAPIR, 1961: p. 34).

Na esteira de Sapir, a Etnolinguística estuda os sistemas de classificação e conhecimento da realidade através dos modos pelos quais estes sistemas se mostram nas categorias linguísticas, evidenciando de que forma as produções linguísticas de uma comunidade se ligam e se entrelaçam à *imago mundi* ou cosmovisão daquela comunidade.

Como vimos, Sapir considera a linguagem um conhecimento transmitido culturalmente e afirma que falar, apesar de ser uma atividade humana, é uma herança histórica do grupo, um produto que vem de um uso social prolongado, que varia, como variam religião, crença, costumes e arte dos diferentes povos; harmonizou o conceito de linguagem e as relações desta com os interesses básicos do homem, nomeadamente, etnia, cultura, arte, o problema do pensamento e a natureza do processo histórico (SAPIR, 1971: p. 15).

A universalidade e a diversidade da fala levam Sapir a concluir que a linguagem é a herança mais antiga do homem: até os aspectos mais simples da cultura material tornaram-se possíveis somente com o seu aparecimento, “instrumento de expressão significativo” (Ibid., p. 31).

Sapir (1884-1939), aluno de Boas (1848-1942) e professor de Whorf (1897-1941), foi herdeiro da tradição européia, que tem seu precursor em Herder (1744-1803) e em Humboldt (1769-1859) seu maior expoente. Herder apregoava a interdependência entre linguagem e pensamento; Humboldt, apesar de estar muito próximo do

determinismo linguístico, evidenciou na língua tanto o particular como o universal e considerou a diversidade estrutural das línguas como um produto da mente. (LYONS, 1987: p.178).

Na década de 1950 a tradição inaugurada por Herder e Humboldt foi denominada "hipótese de Sapir-Whorf" pela linguística, pela psicologia e pela antropologia norte-americana.

A hipótese combina o determinismo linguístico (segundo o qual a linguagem determina o pensamento) com a relatividade linguística (pela qual não há limites para a diversidade estrutural das línguas) e afirma ser o pensamento dependente da linguagem (LYONS, 1987: 225). Ao longo do tempo a hipótese de Sapir-Whorf conheceu momentos de amplo consenso e momentos de críticas severas. Os linguistas voltaram a ocupar-se da questão mais recentemente: *Ciência Hoje* publicou em 2005 um artigo de Konrad Szczesniak, a saber, *O retorno da hipótese de Sapir-Whorf* , no qual o autor evidencia que

> Mesmo os mais ásperos críticos de Sapir e Whorf, como Pinker, deixam uma margem de dúvida, dizendo, por exemplo, que nossa língua materna pode de fato, dirigir nosso pensamento, mas só no exato momento em que se fala. Alternativas deste tipo surgem em cada novo texto sobre a questão. O problema com tal hipótese é que, quanto mais se pensa na questão, mais possibilidades parecem surgir (SZCZESNIAK, 2005: p. 65).

A hipótese de Sapir-Whorf, ou teoria do relativismo linguístico, contestava os universais linguísticos, particularmente no domínio da categorização. Kai von Fintel e Lisa Matthewson, estudiosos de semântica formal e autores de um interessante artigo sobre os universais semânticos comentam que

> If Linguistic Relativity is correct, linguists in search of semantic universals may be doomed to failure, tilting against windmills. We do not however believe that the thesis is correct to a degree that would make cross-linguistic semantics impossible (FINTEL; MATTHEWSON, 2007: p. 3).

Os dois estudiosos tiveram que se render perante a evidencia da falta de universais linguísticos em nível de léxico: [...] At the level of the lexicon, we find remarkably few convincing semantic universals (FINTEL; MATTHEWSON, 2007: p.1).

A geração do léxico vem se processando através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais e a conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não-coincidentes (BIDERMAN, 1998: p. 92).

O interesse de Sapir pelas diferenças lexicais existentes nas línguas faladas pelos Nutkas e pelos Paiútes motivou uma de suas conferências mais famosas, *Language and Environment* (Língua e Ambiente), pronunciada na Associação Antropológica Americana em 28.11.1911 e publicada na revista *American Antropologist* em 1912.

A conferência foi incluída em *Selected Writings*, obra publicada por David Mendelbaum em 1949 que reúne todas as conferências de Sapir. A edição de Mendelbaum foi traduzida para o português por Mattoso Câmara Jr. em 1938 e publicada em 1954 pela Editora Ática com o título de *Linguística como Ciência. Ensaios.*

O aspecto fundamental da teoria de Sapir é a ideia segundo a qual sendo a língua um complexo sistema de símbolos que reflete o quadro físico e social no qual o homem está inserido, o “ambiente” abarca dois grupos de fatores ambientais: o físico e o social.

O “ambiente físico” é constituído pela geografia, pela topografia da região (costa, vale, planície, chapada, montanha), pelo clima, pelo regime de chuvas e pelos fatores que são a base econômica da vida humana: fauna, flora e recursos minerais do solo (SAPIR, 1961: p. 44).

O “ambiente social” inclui as forças sociais que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo: a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1961: p. 44).

Língua e Ambiente é um texto fundamental para analisar aspectos lexicais particularmente relevantes da toponímia dos bairros paulistanos do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda, uma vez que o léxico é o espelho e o repositório da visão de mundo de qualquer comunidade lingüística.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

O método utilizado em nossa pesquisa é uma aplicação do modelo indutivo/dedutivo proposto por Dick (2007a: p. 459-471) e adotado pelos pesquisadores engajados na elaboração dos atlas toponímicos.

O método é uma combinatória de leitura cartográfica e documental (mapas, atas da Câmara Municipal, documentos da Prefeitura de São Paulo, textos de linguística e de literatura relacionada à história dos bairros do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda).

O levantamento inicial dos dados foi realizado a partir de mapas e plantas da Coleção IV Centenário (século XIX), visando delimitar as áreas nas quais se formaram e se desenvolveram os bairros objeto da nossa pesquisa e realizando uma primeira coleta de nomes de logradouros.

> As cartas geográficas, como enfatizamos, são o documento básico e as fontes primárias para a análise do fenômeno onomástico na modalidade toponímica. A carta [...] permitirá também, considerando-se o momento sincrônico da análise, que se busquem outros planos de apreensão do objeto em exame, em épocas anteriores, descrevendo-se e recuperando-se o *continuum denominativo* daquela nomenclatura. Além disso, o método indutivo de análise concorrerá para que, utilizando-se os vários *corpora* regionais e seus modelos, se construam hipóteses de trabalho (DICK, 1999: p.132).

Após ter coletado os topônimos, que constam da documentação cartográfica do século XIX, cruzamos o resultado do levantamento inicial com o *Índice Official dos logradouros de São Paulo*, publicado pela Prefeitura em 1926, definindo assim o *corpus*.

Uma vez consolidado o *corpus*, procuramos evidência documental da mudança dos nomes dos locativos em fontes primárias (Atas da Câmara) e secundárias (literatura especializada).

Os dados coletados foram sistematizados nas fichas lexicográfico-toponímicas das quais apresentamos mais adiante modelo em branco e uma ficha preenchida. Não modificamos o modelo proposto por Dick; apenas acrescentamos um campo para registrar o bairro e o distrito aos quais pertencem os logradouros e o começo e o fim de cada rua.

Para manter o controle de alguns dados particularmente relevantes contidos nas 189 fichas lexicográfico-toponímicas geradas no decorrer da pesquisa, criamos a Ficha de Controle da qual juntamos, para exemplificar, modelo em branco e uma folha preenchida, relativa às fichas lexicográfico-toponímicas de n. 90 a 106, 135 a 147, . A Ficha de Controle contém os seguintes elementos:

- Ficha n.
- Termo específico.
- Termo genérico.
- Bairro.
- Taxe.
- Denominação Consolidada com o Acto 972 de 24.08.1916.
- Data de abertura do logradouro.
- Atos e Leis (n. e data) que oficializaram os nomes dos logradouros.
- Antiga denominação dos logradouros e (eventuais) notas.

Organizamos os topônimos em duas classes distintas: designativos de acidentes físicos (AF = elementos da natureza) e designativos de acidentes humanos (AH = construções do homem).

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (modelo)

Ficha n.

LOCALIZAÇÃO:

TOPÔNIMO:	**TIPO DE ACIDENTE:**	**TAXIONOMIA:**
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:		
ENTRADA LEXICAL:		
ETIMOLOGIA:		
HISTÓRICO:		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO:		
FONTE:		
PESQUISADOR: Alessandra Cirrincione Dick	**REVISOR**: Profa. Dra. M.V. P.A.	
DATA COLETA:		
C = T = Bairro = Distrito =		

Fonte do modelo de ficha: ficha lexicográfico-toponímica recebida de DICK.

Legenda
C = começa
T = termina

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA (preenchida)

Ficha n. 01

LOCALIZAÇÃO: bairro do Bexiga/Bela Vista – São Paulo, SP.

TOPÔNIMO: Abolição (termo específico), rua (termo genérico)	**TIPO DE ACIDENTE:** AH	**TAXIONOMIA:** Animotopônimo
ESTRUTURA MORFOLÓGICA. Topônimo simples.		
ENTRADA LEXICAL: Abolição: subst.fem.		
ETIMOLOGIA: Latim: *abolitio, ŏnis*. 'abolição, supressão, anistia, remissão, perdão' **(**HOUAISS).		
HISTÓRICO: A rua da Abolição comemora o ato da Princesa Isabel que conferiu a liberdade aos escravos com a Lei Áurea da Abolição de 13 de Maio de 1888 (AYROSA).		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: O nome cogitado inicialmente para o logradouro foi rua da Misericórdia, pois, em 1878, José Leite Braga, em nome da sua empresa, Antonio Leite Braga & Cia., ofereceu um terreno de sua propriedade no Bexiga para a construção do novo hospital da Santa Casa. O terreno (8.475 braças quadradas) era delimitado pelas atuais ruas Santo Antônio, Major Diogo, São Domingo e da Abolição. A Mesa Administrativa da Irmandade aceitou a doação de Braga e decidiu iniciar a obra imediatamente. Abriu concorrência pública entre engenheiros-arquitetos para apresentação de projetos (1.2.1879). O projeto escolhido foi aprovado em 3.10.1979. A Estrada de Ferro Inglesa e D. Pedro II contribuíram com 1(um) conto de reis/cada e D. Pedro foi convidado para lançar a pedra fundamental do edifício. A pedra fundamental foi de fato lançada em 1.10.1878, mas, havendo manifestações contrárias à construção no local pela proximidade do matadouro público, pelo elevado custo de nivelamento do terreno e pelo espaço, julgado insuficiente, a Mesa Administrativa acabou cedendo às pressões da oposição veiculadas pelo jornal *A Província de São Paulo* (CARNEIRO,1986: p. 320-321). Na realidade a poderosa família Paes de Barros valendo-se de seus cargos de irmãos ou aspirantes a irmãos da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, forçou a instituição em 1880 a construir o hospital num lote por eles adquirido nos altos de Santa Cecília, atual Vila Buarque, próximo aos terrenos dos quais já eram proprietários. A Santa Casa, edificada na chácara Rego Freitas em terreno doado pelo dr. Antonio do Rego Freitas e pelo cel. Rafael Tobias de Aguiar Pais de Barros, foi inaugurada em 1884 e a pedra fundamental, com a permissão do Imperador, foi transladada para aquela chácara. Em 18.1.1881 a Mesa Administrativa devolveu o terreno à Eugenia, viúva de Leite Braga, falecido em 1879. A rua foi denominada Abolição com o Ato 972 de 24.08.1916.		
CONTEXTO: pesquisa documental nas fontes abaixo-mencionadas.		
FONTE: AYROSA, Plínio. **RAM**. Nomenclatura das Ruas de São Paulo, v. XXXIV, abril 1937, p. 67. <http://www.dicionarioderuas.com.br>. CARNEIRO, Glauco. *O Poder da Misericórdia.* São Paulo: Press Grafic, 1986, v.1, p. 320-321. CAMPOS, <http://www. arquivohistorico.sp.gov.br>. HOUAISS. Dicionário da Língua Portuguesa, 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p.12.		
PESQUISADOR: Alessandra Cirrincione	**REVISOR**: Profa. Dra M.V. P.A. Dick	
DATA COLETA: julho 2009		
C = rua Santo Antônio; T = rua Jaceguay. Bairro= Bexiga/Bela Vista Distrito de Paz da Bela Vista		

Fonte do modelo de ficha: ficha lexicográfico-toponímica de DICK (1990a).

Legenda : C = começa;T= termina. AH= acidente humano.

Ficha n.	Termo específico	Termo genérico	Bairro	Taxe	D.Consolidada Ato 972 de 24.08.1916	Data de abertuta do logradouro	Atos e Leis N. e Data	Antiga denominação & Notas

Legenda:
D.Consolidada = Denominação Consolidada

Ficha n.	Termo específico	Termo genérico	Bairro	Taxe	D.Consolidada Ato 972 de 24.08.1916	Data de abertuta do logradouro	Atos e Leis N. e Data	Antiga denominação & Notas
92	**João Passalacqua**	rua	B.Vista	Antropotopônimo	idem		Lei 1108 de 1908	rua Monte Ouro
93	**Joaquim Eugenio de Lima**	rua	B.Vista	Axiotopônimo	idem		Acto 2200 de 1923	
94	**Joaquim Nabuco**	rua	Brás	Antropotopônimo	idem		Acto 46 de 1899	rua Caquito
95	**Joly**	rua	Brás	Antropotopônimo	idem			
96	**José de Alencar**	rua	Brás	Antropotopônimo	idem			
97	**Júlio Ribeiro**	rua	Brás	Antropotopônimo	idem		Lei 1960 de 1916	rua Mixta
98	**Jaruá**	rua	Brás	S/s	Idem		Acto 2418 de 1924	rua Itaqui
99	**Lavradio**	rua	B.Funda	Sociotopônimo	idem		Lei 1548 de 1912	**1.** Susceptível de ser lavrado**; 2.** la-voura. <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=lavradio> 1.2.10
100	**Lopes Chaves**	rua	B.Funda	Antropotopônimo	idem			
101	**Lopes de Oliveira**	rua	B.Funda	Antropotopônimo	idem		Lei 2481 de 1922 Lei 2790 de 1924	
102	**Lucas**	rua	Brás	Antropotopônimo	idem		Acto 763 de 1915	
103	**Dr. Luiz Barreto**	rua	B.Vista	Axiotopônimo	idem		Lei 1913 de 1915	
104	**Luiz de Camões**	rua	B.Vista	Antropotopônimo	idem			
105	**Luzitânia**	rua	B.Funda	Corotopônimo	idem			rua Francisco de Assis
106	**Madeira**	rua	Brás	Fitotopônimo	idem		2.10.1899	

Legenda:
B.Vista = Bexiga/Bela Vista
D.Consolidada = Denominação Consolidada

Ficha n.	Termo específico	Termo genérico	Bairro	Taxe	D.Consolidada Ato 972 de 24.08.1916	Data de abertura do logradouro	Atos e Leis N. e Data	Antiga denominação & Notas
135	**Peixoto Gomide**	rua	B.Vista	Antropotopônimo	idem		Acto 699 de 1914	
136	**Dr. Pennaforte Mendes**	rua	B.Vista	Axiotopônimo	idem			
137	**Piratininga**	rua	Brás	Zootopônimo	idem			trav. da Móoca
138	**Progresso**	rua	Brás	Animotopônimo	idem			
139	**Quatorze de Julho**	rua	B.Vista	Historiotopônimo	idem			
140	**Rangel Pestana**	avenida	Brás	Antropotopônimo	idem			rua do Brás
141	**Dr. Ricardo Batista**	rua	B.Vista	Axiotopônimo	idem		Lei 1853 de 1915 Acto 779 de 1915	
142	**Dr. Ricardo Gonçalves**	rua	Brás	Axiotopônimo	idem		Lei 2030 de 1916	rua da Ponte Preta
143	**Rio Bonito**	rua	Brás	Animotopônimo	idem		Acto 850 de 1916	
144	**Rio Claro**	rua	B.Vista	Cromotopônimo	idem		Acto 850 de 1916	
145	**Rocha**	rua	B.Vista	Litotopônimo	idem			
146	**Rocha Azevedo**	alameda	B.Vista	Antropotopônimo	idem		Acto 699 de 1914	alameda Jundihay
147	**Rodrigues dos Santos**	rua	Brás	Antropotopônimo	idem			rua da Cruz Branca
148	**Rubino de Oliveira**	rua	Brás	Antropotopônimo	idem			

Legenda:
B.Vista = Bexiga/Bela Vista
D.Consolidada = Denoninação Consolidada

Por fim, analisamos os topônimos quantitativa e qualitativamente. A distribuição dos locativos no Brás, no Bexiga/Bela Vista e na Barra Funda foi analisada com o emprego das taxionomias toponímicas, compostas de vinte e sete taxes, elaboradas por Dick em 1975 e atualizadas por ela em 1992. Em nosso trabalho utilizamos as seguintes categorias:

Taxionomias de Natureza Antropo-cultural (AH)	
Animotopônimos	Topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano.
Antropotopônimos	Topônimos relativos aos nomes dos indivíduos.
Axiotopônimos	Topônimos relativos a títulos e dignidades que se fazem acompanhar dos nomes próprios individuais.
Cardinotopônimos	Topônimos relativos às posições geográficas em geral.
Corotopônimos	Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Dirrematotopônimos	Topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
Ecotopônimos	Topônimos relativos às habitações em geral.
Ergotopônimos	Topônimos relativos a elementos da cultura material e manofaturados.
Etnotopônimos	Topônimos referentes a elementos étnicos (povos, tribos, castas).
Hagiotopônimos	Nomes de santos e santas do hagiológio católico.
Hierotopônimos	Topônimos relativos aos nomes sagrados e às efemérides religiosas.
Historiotopônimos	Topônimos relativos a movimentos histórico-sociais, datas comemorativas de eventos históricos.
Sociotopônimos	Topônimos relativos a atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade.
Taxionomias de Natureza Física (AF)	
Cardinotopônimos	Topônimos relativos às posições geográficas em geral.
Cromotopônimos	Topônimos relativos à escala cromática.
Fitotopônimos	Topônimos de índole vegetal.
Geomorfotopônimos	Topônimos relativos às formas topográficas.
Hidrotopônimos	Topônimos resultantes de acidentes geográficos.
Litotopônimos	Topônimos de índole mineral, relativos também à constituição do solo.
Zootopônimos	Topônimos de índole animal.

Tabela 1 – Taxionomias toponímicas

Os resultados da análise qualitativa realizada com o emprego das taxionomias toponímicas foram consolidados na tabela 5 e no histograma 1.

A parte mais importante do nosso trabalho é a Consolidação do *Corpus*, que contém os dados levantados e registrados nas fichas toponímicas. A Consolidação do *Corpus* é complementada pela tabela 4, contendo:

- as denominações dos logradouros;
- a motivação subjacente às denominações dos logradouros;
- a morfologia toponímica e
- as taxes.

Finalizando, nem sempre foi possível registrar a etimologia de topônimos de origem indígena, porque alguns étimos são desconhecidos aos próprios pesquisadores que se dedicaram a esta especialidade. Os étimos não recuperados são indicados com a expressão “Em estudo”.

Verificando-se casos de homenageados desconhecidos, foi utilizada a fórmula “Denominação consolidada pelo Ato 972 de 1916”.

CAPÍTULO III

FORMAÇÃO E HISTÓRIA DOS BAIRROS DO BRÁS, DO BEXIGA/BELA VISTA E DA BARRA FUNDA

3.1 MAPA E MEMÓRIA DA CIDADE

A leitura do tempo e do espaço urbano leva o pesquisador a refletir sobre a dimensão da memória da cidade.

O estudioso de toponímia que pretende seguir uma linha de pesquisa documental procura esta dimensão no mapa, no qual os topônimos são consolidados pela ação do tempo e do qual resulta a sua distribuição no território, objeto de investigação.

O mapa e os topônimos constituem o texto toponímico de uma cidade, ou de um recorte desta, a ser lido e interpretado pelo toponimista.

3.1.1 SÃO PAULO NA CARTOGRAFIA DO SÉCULO XIX

Os primeiros três séculos de história da cidade de São Paulo (1554-1808) não são documentados pela cartografia. O registro da evolução urbanística da Capital é constituído pelo álbum, que reproduz onze plantas históricas, publicado em 1954 pela Comissão do IV Centenário com o título de *São Paulo Antigo: Plantas da Cidade*.

Destes documentos gráficos é possível extrair dados relativos às diferentes etapas do desenvolvimento urbano e reconstruir o traçado de antigos caminhos.

A *Planta* da *cidade de São Paulo, levantada em 1810, pelo* E*ngenheiro Rufino José Felizardo e Costa* retrata a concentração da população paulistana entre os rios

Tamanduateí e *Anhangabaú*. Nas décadas de 1820 a 1870 os paulistanos continuaram a residir naquela mesma área, conforme apontado por Affonso de Freitas (1985: p.25)

O Brás era ainda o caminho que levava à Penha; as chácaras da Figueira num extremo e a do *Tatuapé* (do tupi o caminho do tatu. SAMPAIO, 1987: p. 326) no outro, com escala pelo Marco de Meia Légua (Ibid., p.28). A área rural, na qual se desenvolveria o bairro do Bexiga/Bela Vista era conhecida como campos do Bexiga, nos quais [...] caçavam-se perdizes, veados e até escravos fugidos (Ibid., p. 25). A Barra Funda era uma área de várzea (ou várgea, conforme a linguagem das Atas oitocentistas) do rio *Tietê*.

A partir da década de 70 o desenvolvimento da cidade ficou mais acentuado pela expansão da lavoura cafeeira decorrente de vários fatores:

> terra de boa qualidade e apropriada para o café; maior facilidade de transporte do produto, com a construção das ferrovias; e a possibilidade de continuação da produção de café em grande escala, com a vinda dos imigrantes nessa época em que já se previa o fim da escravidão (HUTTER, 1998: p.134).

Na década de 70, muitos proprietários de grandes cafezais mudaram-se para a Capital interessados em expandir seus negócios em atividades econômicas urbanas ligadas à exploração do segmento de serviços recém-criado na cidade, até então quase totalmente desprovida de infra-estrutura. Nos decênios de 1870 e 1880, foram inaugurados o transporte coletivo (carros à tração animal) e a iluminação a gás em 1872, a rede de água e esgotos em 1883, o telefone em 1884 e a luz elétrica em 1888.

O afluxo de visitantes do interior que vinham tratar de negócios em São Paulo, e de estrangeiros que chegavam para trabalhar na Capital, motivou a execução do M*appa da Capital da P.cia de S. Paulo, seos Edifícios publicos, Hoteis, Linhas ferreas, Igrejas, Bonds, Passeios, etc.., publicado por F.do de Albuquerque e Jules Martin em julho 1877*.

A carta, que tem todas as características de um moderno mapa turístico, é um registro iconográfico valioso, sendo que mapas desta tipologia eram produzidos muito raramente no século XIX (CAMPOS <http://www.arquivohistorico. sp.gov.br>).

Em 1890, Jules Martin desenhou e publicou a *Planta da Capital do Estado de S. Paulo e seus arrabaldes.* A carta traça todas as ruas com a mesma largura com o fim específico de dar mais clareza à planta, conforme especificado na legenda.

Na época, os bairros periféricos eram: Bela Vista, Brás, Cambuci, Campos Elíseos, Consolação, Glória, Liberdade, Luz, Mooca, Pari, Santa Cecília. O abairramento da chácara do Carvalho teve início em 1890 e por esta razão a Barra Funda não consta da carta de Martin. O bairro começa a aparecer nos documentos cartográficos somente em 1897, na planta do Dr. Gomes Cardin.

O mapa de Martin, o primeiro a ser realizado após a Proclamação da República, documenta o processo acelerado de urbanização em andamento resultante da situação geral de prosperidade, fruto da economia cafeeira. Nesta época São Paulo registrou um incremento populacional considerável, gerado pela imigração, que se refletiu na rápida expansão da área urbana da Capital. Muitos proprietários de chácaras próximas do centro arruavam-nas conforme seus interesses particulares, encarregando-se a Câmara de estabelecer a comunicação viária entre os loteamentos criados pela iniciativa privada.

O resultado do processo especulativo imobiliário iniciado nos últimos anos da década de 1850 (em previsão da construção da primeira estrada de ferro paulista, a Santos-Jundiaí) está documentado na *Planta Geral da Capital de São Paulo do Dr. Gomes Cardim de 1897.*

A planta de Cardim mostra a existência, já em 1897, de ruas dispostas ortogonalmente nos loteamentos particulares, que [...] desde então passaram a ser a forma característica de criação do espaço urbano paulistano (CAMPOS, <http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>).

A carta desvenda uma cidade nova por dois terços, que começa a apresentar os defeitos das cidades que se desenvolvem muito rapidamente: irregularidades nas construções, realizadas sem planejamento; superfícies extensas sem infra-estrutura de higiene; grandes espaços desocupados ou utilizados irregularmente; desaparecimento de construções antigas e formação, excessivamente rápida, de bairros novos.

3.1.2 O ABAIRRAMENTO COMO FORMA DE INTERPRETAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO

No século XIX, paisagem, cultura e economia estavam arraigadas ao mundo rural. As propriedades fundiárias em volta do núcleo serviam de residência a muitos de seus donos. Algumas eram chácaras, destinadas ao lazer e ao descanso, outras eram verdadeiros sítios e estabelecimentos agropecuários. As propriedades eram conhecidas pelo toponímico, como a chácara do Carvalho na Barra Funda e a chácara da Figueira no Brás, ou, ainda pelo nome do proprietário, como a chácara Bresser, do engenheiro alemão Karl Abraham Bresser, autor de um dos mapas da Coleção IV Centenário.

Com o abairramento, e a consequente venda das chácaras para loteamento, os nomes de seus antigos proprietários tornaram-se nomes de logradouros, contribuindo para aumentar o inventário de referenciais antroponímicos que compõe a nomenclatura da malha viária do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda, no século XIX e nas primeiras duas décadas do século XX.

O abairramento gerou em São Paulo uma nova concepção de espaço. Na economia escravocrata o centro da cidade era destinado tanto às moradias como ao comércio, no qual tradicionalmente se misturavam grupos sociais diversos, pois [...] as marcas da diferença entre senhores e escravos prescindem de signos espaciais (ROLNIK, 2002: p.18).

A economia cafeeira determinou em São Paulo uma demarcação territorial específica, dando lugar a espaços destinados a tipos diferenciados de atividades e grupos sociais. Os bairros proletários e burgueses passaram a marcar nitidamente dois mundos pela separação física.

Os bairros populares eram caracterizados pela ausência de infra-estrutura, presença do bonde nas ruas principais, exiguidade de espaços privados, excessiva aglomeração de construções nos lotes de terreno ao longo de várzeas inundáveis em volta dos trilhos da estrada de ferro.

Nestas áreas afluíram os imigrantes, pessoas de poucos recursos, atraídos pelo custo acessível dos terrenos, pela presença do transporte coletivo e pela proximidade com as fábricas, nas quais encontraram emprego. Por contraste, nos bairros burgueses perfilavam-se, ao longo de avenidas largas e iluminadas, belíssimas residências em estilo eclético.

Essa nova forma de edificação determinou a qualidade urbanística de alguns bairros e o fundamento de uma geografia social da cidade, cujos traços essenciais permanecem inalterados até hoje:

> Na Primeira República, a imagem desta topografia social é feita de colinas secas, arejadas e iluminadas, de palacetes que olham para as baixadas úmidas e pantanosas, onde se aglomera a pobreza (ROLNIK, 2002: p.18).

Alguns bairros da cidade nasceram da iniciativa de empreendedores brilhantes, como Mariano Vieira, idealizador do bairro da Bela Cintra (atual (Bexiga)/Bela Vista) e de engenheiros, como o uruguaio Joaquim Eugênio de Lima que, com outros sócios, dotou São Paulo da sua maior e mais importante avenida, a Paulista.

3.1.3 O PRIMEIRO ÍNDICE OFICIAL DOS LOGRADOUROS DE SÃO PAULO

Em pleno século XX, apesar do contexto moderno, do considerável aumento do perímetro urbano e da multiplicação das ruas da cidade, faltava organizar de forma sistemática a nomenclatura dos logradouros.

Os proprietários de imóveis não conseguiam obter a documentação da qual precisavam em tempos razoáveis e os funcionários da prefeitura encontravam-se impossibilitados, pela falta de dados, a desempenhar suas tarefas de forma adequada.

Paradoxalmente, numa cidade que assumia cada vez mais características metropolitanas, o serviço público demonstrava-se caótico e insuficiente no atendimento das necessidades burocráticas dos munícipes.

Em 1926, Luiz Ramos, Diretor de Expediente da Prefeitura de São Paulo, percebeu a dificuldade da situação e, querendo atender as necessidades da população e dos funcionários da administração pública, elaborou um índice alfabético da composição toponomástica da Capital.

O então prefeito da cidade, João Pires do Rio, apoiou o projeto e autorizou a publicação do documento, com o título de *Índice Official das vias públicas do município da capital do estado de São Paulo da Prefeitura Municipal de São Paulo até 15 de setembro de 1926, trabalho organizado por Luiz Ramos, Director de Expediente da Prefeitura − mandado publicar pelo Snr. Dr. J. Pires do Rio, Prefeito de São Paulo.* A publicação do volume foi demandada a Casa Vanorden.

O *Índice* reúne todas as denominações dos logradouros institucionalizadas pelo Ato 972 de 24 de agosto de 1916. Este (que revogava o Ato 671 de 14 de março de 1914 e a relativa planta dos engenheiros F. Costa e A. Cacocci) é unanimemente considerado como a certidão de batismo dos logradouros de São Paulo.

Muitos logradouros mencionados no *Índice* estavam já demarcados em alguns mapas da coleção do IV Centenário. O *Índice* é, portanto, a etapa final da construção e da análise do quadro toponomástico do Brás, do Bexiga/Bela Vista e Barra Funda em 1926.

A formação, a consolidação e o desenvolvimento de suas malhas viárias ocorreram, conforme os dados levantados no decorrer da nossa pesquisa, através de um processo não homogêneo, nestas três realidades do território. Este fator determina a produção, no nosso trabalho, de relatos mais extensos sobre o Brás e o Bexiga/Bela Vista e mais breve sobre a Barra Funda, de formação mais recente.

3.2 ORIGENS DO BAIRRO DO BRÁS

O Brás formou-se na zona Leste de São Paulo, nas encostas do atual parque D. Pedro II. Esta área, conhecida como Várzea do Carmo até a segunda década do século XX, estava sujeita aos frequentes transbordamentos do *Tietê* (o rio verdadeiro, do tupi

tiê-etê, SAMPAIO, 1987: p. 329) e de seu afluente, o *Tamanduateí* (tamanduás em grande número, do tupi *tamondoá-tei*, SAMPAIO, 1987: p. 320).

Na região confluíam também as águas dos esgotos da cidade e as das chuvas, que desciam da rua *Tabatinguera* (barreiros de tabatinga, plural de *Tauá-tinga*, Sampaio, 1987: p. 318), da ladeira do Carmo (atual avenida Rangel Pestana), da rua da Boa Morte (atual rua do Carmo) e da ladeira das Casinhas (atual rua do Tesouro).

A Várzea do Carmo ou várzea do Brás, como é denominada no mapa de Albuquerque e Martin de 1877, era a área entre a rua 25 de Março e o bairro do Brás. Iniciava atrás do convento dos carmelitas, fundado por frei Antônio de São Paulo em 1594 em terras doadas por Brás Cubas (AZEVEDO MARQUES, 1980: p. 201).

Desde o final do século XVI o edifício religioso tornou-se um ponto de referência para os moradores da cidade de maneira que logradouros e construções começaram a ser denominados empregando o termo específico do Carmo: esplanada, ponte, paredão e buracão.

Figura 1 - São Paulo em 1821. Aquarela de Arnaud Julien Pallière, representando a Várzea do Carmo.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_(cidade)>

O núcleo inicial do bairro está ligado à existência da capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos construída, no século XVIII pelo português José Brás, proprietário rural da região.

A gleba de Brás era situada entre a Várzea do Carmo e a capela do Senhor do Bom Jesus dos Matozinhos, à esquerda da Estrada Geral para a Corte, conhecida também como Caminho da Penha que, saindo da cidade, passava pela Luz e pelo Pari (em tupi, o cercado de apanhar peixe, SAMPAIO, 1987: p. 296) e levava ao Rio de Janeiro.

No século XIX, o tenente-coronel José Corrêa de Moraes decidiu reedificar às suas custas a antiga capela. Os trabalhos tiveram início em 5 de abril de 1800 e término em 1 de janeiro de 1803. A construção religiosa passou a ser denominada capela do Senhor Bom Jesus de José Brás. O tenente-coronel dotou-a [..] com alfaias de 500$ uma morada de casas para patrimônio, na rua de Santa Tereza (AZEVEDO MARQUES, 1980: p. 149) e seu primeiro pároco foi o Pe. Antonio José Correia de Moraes, filho do tenente-coronel (REALE, 1982: p. 4).

A capela foi elevada a Freguesia por provisão de D. João VI em 8 de junho de 1818 (AZEVEDO MARQUES, 1980: p. 150), tendo como limites o Tietê ao norte, as paragens de São Bernardo ao sul, a leste a paróquia da Penha de França e a oeste a Sé.

A presença da Igreja contribuiu em larga medida ao desenvolvimento da Freguesia do Brás. Uma aquarela de José de Wasth Rodrigues (1891-1957) retrata o largo do Brás e a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, pouso obrigatório de viajantes e romeiros que se dirigiam à Penha.

Figura 2 – Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos
Coleção de postais de São Paulo
<http://www.dicionarioderuas.com.br/galeria.html>

3.2.1 O NOME DO BAIRRO

O topônimo do bairro deriva do nome de José Brás, o mesmo português que mandou construir a capela do Senhor Bom Jesus de (dos) Matosinhos. Seu nome aparece em vários documentos camerais.

O termo de vereança da Ata da Câmara de 4.3.1769 despacha várias petições e registra um mandado

> [...] para os moradores do Pary fazerem pontes que ficam entre o caminho de José Brás até a chácara do Nicolau como também para atender os mesmos moradores irem desentupir a ponte grande de nossa Senhora da Luz desatravancando-a de todos os ramos que tiver dita ponte e se nomearam para cabos desta diligencia a José Braz; Salvador Fernandes Falcão, e por não haver mais que prover na presente vereança houveram sua vereança por acabada do que para constar mandaram fazer este termo que assignaram (Atas, v. XV, p. 446).

Celestina T. M. Torres (1979: p. 44) comenta que, apesar das muitas citações nas Atas da Câmara, relativas à paragem do Brás, não são conhecidas referências à pessoa de José Brás. Pesquisando no Arquivo Municipal, encontramos na RAM (v. 204) um artigo de Everaldo Valim Pereira de Souza contendo uma simpática e descontraída descrição seja do aspecto físico seja do caráter deste personagem que legou seu nome ao bairro:

> Luzitano da gema, baixote, atarracado, vemelhaço, com barba pasta-piolho bem pouco cuidada, sempre em mangas de camisa, não dispensava chinelos nos dias de sol e tamancos nos de chuva. Esperto, sagaz e maneiroso, sem demora soube adquirir fortuna (SOUZA, 2004: p. 118).

Além da casa na qual morava, do pouso para tropeiros e seus animais, Brás construíra na gleba de sua propriedade uma ampla loja para a venda de [...] tudo ‘e o mais que preciso fosse’, segundo dizia ele a seus inúmeros fregueses (Ibid, p. 119).

Brás foi melhorando o aterro ao lado de sua propriedade, que tomou aspecto de rua. Por amor ao local e por cálculo financeiro, ajudava os artesões que para fugir dos impostos mais elevados cobrados no centro da cidade, estivessem interessados em se estabelecer na redondeza, sob a condição de que não fossem seus diretos concorrentes.

Há outra hipótese sobre a origem do topônimo Brás. A marquesa de Santos, após seu casamento com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, adquiriu uma chácara, cujo antigo proprietário chamava-se José da Sylva Ferrão, que passou o nome à homônina ponte. A chácara ficou conhecida como chácara da Marquesa. A presença de Da. Domitila no Brás não passou despercebida: a Municipalidade dedicou-lhe uma rua (rua Da. Domitila).

A Marquesa faleceu em 4 de novembro de 1867 e um de seus filhos, Brasilino de Aguiar e Castro, mais conhecido como Brasílico, herdou a chácara com outras propriedades. Brasílico morou nela até a sua morte em 1891. A chácara tornou-se conhecida como chácara do Brasílico. Alguns historiadores atribuem a este o nome do bairro.

A passagem de Brasílico ou Brazílico para Brás ou Bráz poderia ser explicada linguisticamente pela lei do menor esforço, criação da alcunha Brás, eliminando o sufixo -ilico. Todavia, não nos parece ter sido Brasílico uma figura representativa a ponto de legar seu nome ao bairro.

Pouco fundada parece-nos também a hipótese sustentada por alguns pesquisadores que fazem derivar o topônimo Brás, de Bráz Cubas, o português que doou aos carmelitas o terreno para a construção do convento. Pesquisas que realizamos para averiguar esta possível filiação demonstraram que Bráz Cubas está muito ligado à cidade de Santos e que a sua atuação no Brás limitou-se à doação do referido terreno.

Consideramos, portanto, mais viável e fundada a opinião dos pesquisadores que fazem derivar o topônimo do bairro do antropônimo (José) Brás.

A chácara que fora do Ferrão, da Marquesa e do Brasílico era conhecida pelos paulistanos como chácara da Figueira. A árvore, cuidadosamente reproduzida no mapa de Albuquerque e Martin, de 1877, era um símbolo da cidade e um ponto de referência tão significativo para os paulistanos que passou o nome ao homônimo porto fluvial no rio Tamanduateí e a outros logradouros: ponte da Figueira, rua da Figueira, rua da Figueira e Cel. Rodovalho, rua Santa Cruz da Figueira. Esta última devia seu nome à capela construída em 1877 e demolida em 1976 para dar andamento às obras do metrô (SESSO JR, 1995: p. 39).

A figueira do Brás marcava o ponto tradicional de despedida dos viajantes de suas famílias ou de seus amigos. Desde a época dos bandeirantes entrava-se em São Paulo pela rua Lavapés e saia-se pela rua da Figueira.

A árvore ameaçava cair e teve que ser cortada em 1905, data em que foi demolida a casa da chácara da Figueira [...] há cerca de dois anos, foi arrasada a casa e cortada a grande figueira secular que nela existia [...] (MARTINS, 2003: p. 92). Com o corte da árvore deixou de existir um pedaço da memória e da tradição da cidade.

3.2.3 O DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO

A área na qual se formou o bairro do Brás era de terras devolutas, concedidas a quem as pedisse à Câmara Municipal (TORRES, 1979: p 48-64; REALE, 1982: p.7). Sendo a região a via de comunicação com a Corte e com o vale do Paraíba, houve muitos pedidos de concessão de terras seja para construção de chácaras residenciais seja de casas de campo para o cultivo de hortas e pomares.

Os proprietários de chácaras residenciais passavam a maior parte do ano em suas casas urbanas (REALE, 1982: p. 9). Iam para o Brás apenas nas festas de junho e no Natal (TORRES, 1979: p. 75), de maneira que os únicos habitantes destas chácaras eram escravos e caseiros.

Os estudantes da Academia de Direito preferiam morar na cidade. A presença deles na freguesia estava ligada exclusivamente às festas paroquiais, conforme informava, em 1843, o vigário do Brás (ALMEIDA NOGUEIRA, s.d.: p. 89 in TORRES, 1979: p.76).

A atividade principal dos moradores do Brás era a lavoura. O clima do bairro assemelhava-se muito ao da Europa, favorecendo a aclimatação de plantas e sementes europeias (SESSO JR., 1995: p. 49) e não só europeias. Em 1874, a chácara do francês Joly, que [...] durante muitos anos forneceu flores para a cidade, anunciava no Correio Paulistano a venda de mudas de eucalipto, árvore até então desconhecida no Brasil (REALE, 1982: p. 9), nativa da Oceania.

Na década de 1841 o Brás não era ainda muito povoado. A *Planta da Cidade de São Paulo de* 1841, executada pelo engenheiro Bresser, retrata o despovoamento da freguesia em relação ao centro da cidade já urbanizado. Poucas casas se perfilam ao longo do caminho da Penha. As construções de relevo são apenas duas: a igreja do Bom Jesus e a chácara do Bispo, de amplas dimensões.

O bispo proprietário da chácara era Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade (Campanário, Ilha da Madeira, 1775 — São Paulo, 26 de maio de 1847), que,

além de assumir a diocese de 1827 até o dia de seu falecimento, foi presidente da Província por três vezes (CAMPOS, [mensagem pessoal]). [2].

Na primeira metade do século XIX o bairro hospedava pequenas atividades comerciais e indústrias de caráter caseiro e artesanal. Os nomes de alguns donos destes estabelecimentos são citados por historiadores e cronistas.

O Brás sediava muitas oficinas de seleiros, cangalhas e arreios, pequenas fábricas de estribos e caçambas e algumas fábricas de bebidas, como a do alemão Henrique Henriksen, instalada em uma chácara (TORRES, 1979: p. 106).

Madame Bresser era dona de uma grande chácara do Brás, produtora de gêneros hortifrutigranjeiros que comercializava na rua das Casinhas, n. 5,onde residia num sobrado. Casinhas, por decisão da Câmara, era o centro de venda destes produtos, numa época em que não havia mercados em São Paulo. Com a inauguração do Mercado Municipal (1867) e do Mercado de São João (1890) somente Madame Bresser e um pequeno número de quitandeiras continuaram mantendo suas atividades comerciais [...] no corredor das casas daquela rua (MARTINS, 2003: p. 200).

Na segunda metade do século XIX o leque de atividades da população do Brás começou a se diversificar. Na década de 1850 a antiga chácara do Bispo tornou-se sede de uma olaria produtora de tijolos de propriedade do empreiteiro e construtor português Caetano Ferreira Baltar que vendeu olaria e chácara a outro empreiteiro de obras, Custódio Fernandes da Silva, futuro dono da famosa Olaria do Bom Retiro.

A presença de olarias no bairro, documentada pelos sociotopônimos como rua Olarias (ainda existente no Brás) e rua Oleiros, evidencia a importância econômica da produção de tijolos num contexto em que proliferavam os loteamentos e a construção civil.

Na década de 1870 a chácara foi vendida para Lucas de Queirós de Assunção. No terreno foi construído um chalé, sede do primeiro hospital particular da cidade pertencente a um médico, Carlos José de Arruda Botelho (1855-1947), filho do conde

[2] (CAMPOS, [mensagem pessoal] recebida por alessandracirrincione@yahoo. com.br> em 2010)

do Pinhal. O Instituto Hidroterápico e Cirúrgico desse famoso urologista formado em Montpellier e em Paris foi anunciado seguidamente nos almanaques paulistanos entre 1884 e 1891.

O chalé, situado na rua do Gasômetro, esquina rua Santa Rosa, passou a ser a sede do sanatório do Dr. Tapajós e do Dr. Fausto. O endereço dessa construção correspondia, na época, ao n. 1 da rua do Gasômetro, aberta por volta de 1870/1872 (CAMPOS)[3], [mensagem pessoal] recebida por <alessandracirrincione@ yahoo.com.br> em 2010).

Com a inauguração da Estrada de Ferro Norte (que passou o nome à rua do Norte) em 8 de julho de 1877 o Brás, servido por duas ferrovias (a São Paulo Railways e a do Norte, futura Central do Brasil), tornou-se um bairro próspero e ainda mais populoso.

Prosperidade e aumento populacional acarretaram novas exigências e novas necessidades. Muitas obras de melhoramento público foram interrompidas pela falta de recursos orçamentários, como é o caso da rua projetada que devia ligar a rua do Gasômetro à rua do Brás (antigo caminho da Penha). A ligação entre estas duas ruas foi realizada somente em março de 1880.

Os moradores mais abastados do bairro começam a ter cuidados especiais com o aspecto exterior de suas casas. Da. Maria Marcolina Prado Monteiro que em qualidade de benfeitora do bairro legou seu nome à rua Dona Maria Marcolina pediu autorização à Câmara em 2.8.1877 [...] para ajardinar a frente da casa de sua chácara na freguesia do Brás, até a valeta que passa em frente da mesma (TORRES, 1969: p. 135).

Apesar do progresso que marca a década dos oitenta, o Brás não podia ser definido como bairro atraente. O aspecto das ruas se apresentava modesto devido à simplicidade das casas no alinhamento sem jardins. Era comum a presença maciça de cortiços, especialmente na rua do Gasômetro, construídos no terreno outrora pertencente à chácara da Figueira (MARTINS, 2003: p.469).

---

[3] Campos [mensagem pessoal] recebida por <alessandracirrincione@ yahoo.com.br> em 2010).

A proximidade da Estação Norte e da Estrada de Ferro Inglesa foi determinante para escolher o Brás como bairro ideal para construir a nova Hospedaria dos Imigrantes, conforme consta do relatório apresentado pelo governo da província à Assembléia Legislativa provincial em 15 de fevereiro de 1886

> [...] autorizando a construção do novo edifício para a Hospedaria, determinou que esta ficasse situada nas proximidades das linhas ferreas do Norte e Ingleza. O terreno da Luz (já então adquirido) fica próximo só da segunda destas linhas (<http://pt. wikipedia.org/wiki/Memorial_do_ Imigrante>).

Mateus Hausler projetou a nova Hospedaria e as obras tiveram início em 1886. O surto epidêmico de varíola e crupe na antiga Hospedaria do Bom Retiro determinou, em 1877, a transferência apressada do serviço de imigração para o novo edifício que comportava 2.000 imigrantes, número que se mantinha constante [...] havendo superpopulação somente em ocasiões excepcionais (REALE, 1982: p. 20).

A construção da Hospedaria contribuiu para melhorar o sistema de transportes. No mesmo ano, o engenheiro Dumoulin pediu licença para prolongar sua linha de carris urbanos [...] do Bom Retiro ao novo alojamento dos imigrantes, passando por diversas ruas (ATAS, LXXII, p. 236).

O desenvolvimento do Brás está ligado à história do combate às enchentes do Tamanduateí na Várzea do Carmo, das tentativas ora frutíferas ora infrutíferas para contê-las e de projetos de saneamento e embelezamento promovidos a partir das últimas décadas do século XIX.

O *Tamanduateí* tinha quarenta e três afluentes formadores de braços de rios e córregos que, antes de confluir no *Tietê*, cruzavam alguns trechos dos bairros do *Ipiranga* (do tupi *i* (água) + *piranga* (vermelho), rio de água vermelha, (<http:// pt.wikipedia.org/wiki/ Riacho_do_Ipiranga>), do *Cambuci* (do tupi *Cambu-chi*, vaso d'água, SAMPAIO, 1987: p. 214), da *Mooca* (do tupi *Mo-oca*, faz casa; a rancharia, o pouso, SAMPAIO, 1987: p. 284) e do Brás.

Devido a esta característica, o *Tamanduateí* era conhecido como rio de Sete Voltas (que passou o nome ao homônimo caminho). Um de seus afluentes, mais caudaloso que os outros, apresentava um formato característico, vagamente semelhante à letra Y.

Acompanhando o curso deste afluente no mapa de Albuquerque e Martin (1877), vê-se, à direita, um dos braços do Y margeando as imediações da rua da Figueira. À esquerda, o outro braço passava atrás do Hospício, alcançava a encosta da rua *Tabatingüera*, atravessava toda a rua de Baixo (atual 25 de Março), passava em frente ao Mercado Municipal e seguia em direção ao bairro da Luz, pela antiga estrada do *Guaré* (do tupi matas em terras molhadas, cf. Audrey Camargo), [4] onde, juntando-se ao ribeirão *Anhangabaú*, desaguava no *Tietê*.

João Theodoro Xavier, em 1873, tentou melhorar as condições de vida dos moradores da Várzea do Carmo, assolados constantemente pelas enchentes. Mandou limpar o leito do Tamanduateí e providenciou a construção na várzea de uma pequena área de lazer conhecida como Ilha dos Amores. Apesar das obras realizadas, enchentes e inundações persistiram.

A década de 1890 é marcada, na capital, pela preocupação com a saúde e a higiene pública, cuja falta causava surtos epidêmicos: começaram a surgir projetos para sanear e embelezar a Várzea do Carmo, ou seja, a área compreendida entre a rua 25 de Março e o bairro do Brás.

Em 1899, o prefeito Antônio Silva Prado iniciou o aterrado total da Várzea do Carmo, as obras de canalização e aprofundamento do leito do Tamanduateí. A modificação do curso de muitos de seus afluentes determinou o desaparecimento do porto fluvial, da Figueira, no qual, anos a fio, haviam confluído os produtos da terra, trazidos pelas canoas e pelos barcos das populações ribeirinhas.

---

[4] Fonte: CAMARGO, Audrey. História. En publicacion: Diversidade, n. 8. CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento: Brasil, janeiro-fevereiro-março, 2006. <http://www. dicionarioweb.com.br/ paginar.html>. Último acesso em: 02 jul 2010.

Os dois projetos de saneamento e de embelezamento mais importantes foram apresentados (i) pelo Dr. A.C. de Azevedo e pelo engenheiro italiano Samuel Malfatti, pai da pintora Anita Malfatti e (ii) por Vítor Nothman & Comp. Os dois projetos eram bastante semelhantes e baseavam-se em estudos feitos anteriormente pelo engenheiro Révy. O projeto de Azevedo e Malfatti, considerado a melhor proposta, acabou sendo escolhido (HUTTER, 1998: p. 141-142).

O projeto não foi executado de imediato. O prefeito Washington Luiz Pereira de Souza em 1914 sugeriu que o construtor não recebesse o pagamento em dinheiro, mas em terrenos de várzea que, após as obras, aumentariam muito de valor. O vencedor da concorrência pública foi o engenheiro Antonio de Almeida Braga. Estipulou-se um prazo de vinte meses para a realização do Parque da Várzea. As obras foram iniciadas em 1918; a epidemia de gripe espanhola atrasou-as e elas foram concluídas na gestão do prefeito Firmiano Pinto (REALE, 1982: p. 33).

O parque da Várzea do Carmo mudou de nome. Tornando-se parque D. Pedro II, por efeito da lei 2.360 de 4.2.1921, passou a fazer parte do Centro. O Brás deixou, definitivamente, de ser considerado subúrbio, para transformar-se em bairro reconhecidamente urbano.

3.3 ORIGENS DO BAIRRO DO (BEXIGA)/BELA VISTA

As origens do Bexiga/Bela Vista remontam à sesmaria que o nobre português Antônio Rodrigues de Almeida, casado com Maria Castanho, ganhou da Coroa em 1560. A sesmaria incluía a vila de São Paulo, conforme carta de concessão de 22.1.1560, estendia-se da margem esquerda do *Tietê* até a margem direita do Pinheiros, expandindo-se até a aldeia de *Jeribatiba* (do tupi *Yaribá-tyba*, o sítio das palmeiras, SAMPAIO, 1987: p. 269), fundada por Anchieta em 1560.

Ia-se a *Jeritatiba* (atual bairro de Santo Amaro) pelo homônimo caminho, chamado nas atas quinhentistas de Birapoeira e numerosas variantes (do tupi *ybirá* (madeira) + *puera* (velha), a madeira extinta, o que foi madeira, DICK, 1996: p. 100).

A sesmaria de Antônio Rodrigues de Almeida, por motivos desconhecidos, foi dividida em sesmarias menores. Uma delas, o Sítio do Capão (ilha de mato, do tupi *caa* (mato) + *puã* (ilha), SAMPAIO, 1987: p. 215), foi concedida em 1854 a Fernão Dias Pais, tio do bandeirante homônimo.

O sítio do Capão começava na atual praça da Bandeira, incluía o Caaguaçu, (a mata virgem, do tupi *caá* (mato) + *guaçu* (grande), Ibid., p. 210), mais tarde chamado espigão da Paulista, e o Araçá (o lugar de onde se pode ver o mundo ou os largos horizontes dele, do tupi *ara-chá* ou *ara-çá*, (Ibid., p. 200), os Jardins até as proximidades de Pinheiros; vizinhava de um lado com a Aclimação e de outro lado com o sítio do Pacaembu (do tupi *paca-yembó* ou *paca-yembú*, o arroio das pacas, Ibid.: p. 292).

Fernão Dias Pais deu o Capão como dote à filha Maria Leme, casada com Manoel João Branco. A filha de Maria, Ana Leme, ao casar com David Ventura, recebeu o sítio como dote. A sobrinha de Ana, Francisca Lira ou de Lira, casada com Manuel João de Oliveira, herdou o sítio da tia (SACCHETTO, 2001: p. 27).

Francisca e seu marido venderam parte do Capão a Edmond Carrier, com escritura lavrada pelo tabelião João da Fonseca em 26.12.1663 (VIEIRA, 1952: p. 113). Francisca enviuvou e em 1702 vendeu as terras para Pedro Taques de Almeida, capitão-mor e governador da capitania de São Vicente e São Paulo de 1684 a 1687. Em 4.7.1710, Taques, para tornar-se o único proprietário do Capão, adquiriu de Carrier a parte de sítio que este comprara de Francisca.

Em 17.11.1706 os oficiais da Câmara denunciaram Pedro Taques à Coroa, alegando ser o Capão terra do Concelho: Pedro, para tomar posse do sítio, teria sido favorecido por Antônio Luís Peleja, ex-corregedor e ouvidor geral da comarca. De fato, ele não estava de posse de algum documento de compra e declarava ter herdado a terra de Francisca de Lira.

A Câmara foi autorizada por Carta Real de 20.12.1708 a aforar as terras do Capão. Pedro Taques foi assistido por advogados competentes: os novos oficiais da Câmara escreveram ao rei em 5.8.1709, informando que os oficiais em 1706 haviam se

enganado e que Pedro Taques era o legítimo dono do sítio do Capão (SACCHETTO, 2001: p.27-28).

3.3.1 O NOME DO BAIRRO: (BEXIGA)/BELA VISTA

A propriedade de Pedro Taques passou a seus filhos: Leonor Siqueira Pais e José de Goes e Moraes. As duas glebas tiveram histórias diferentes até 1880. Do processo de compra e vendas resultaram dois núcleos urbanos inicialmente diferenciados denominados Bexiga e Bela Cintra, que pertenciam ao bairro da Consolação e que eram relativamente distantes do centro da cidade.

A Bela Cintra se desenvolvia em volta da rua Frei Caneca (antiga rua Paim). O Bexiga e a Bela Cintra aparecem na Planta de Jules Martin de 1890 com a única denominação de Bela Vista, cuja área é delimitada pelo ribeirão Anhangabaú e pelos córregos Saracura e Bexiga, formadores do Anhangabaú, canalizado em 1906. Logo após a canalização do Anhangabaú, o Saracura foi transformado no leito da avenida Nove de Julho.

Desde o século XVIII a região em volta do Saracura abrigava afro-descendentes. Nesta área, na época da imigração italiana, surgiram os primeiros cortiços e instalou-se o Cordão Vai-Vai da Saracura, mais tarde denominado Escola de Samba Vai-Vai.

> As capoeiras e as campinas que havia em torno do Tanque Reúno no Bexiga, como em outros pontos da baixada em que corriam o Anhangabaú e o Riacho Saracura, serviram de esconderijo onde se aquilombavam negros rebeldes. Esses matos eram convidativos para esconderijos. Em 1831 foi feito um documento com a tentativa de fechar o acesso do Anhangabaú ao Bexiga, cujo objetivo era impedir o trânsito de escravos fugitivos para o Bexiga (LUCENA, 1984: p. 24).

Os italianos que moravam no bairro não se conformavam com a denominação Bexiga, ligada à ideia da doença que, durante séculos, fez muitas vítimas em São Paulo. Motivados pela vista deslumbrante de São Paulo que se enxergava do alto do Morro dos Ingleses, conseguiram a mudança do topônimo para Bela Vista. Suas reivindicações

foram atendidas com a ei estadual 1242 de 26.12.1910, que desmembrou o Bexiga e a Bela Cintra do bairro da Consolação, e criou o único Distrito de Paz da Bela Vista.

O Bexiga, nome popular e tradicional de uma parte da Bela Vista, é a parte de bairro delimitada, grosso modo, pelas avenidas Nove de Julho e Brigadeiro Luís Antônio e pelas ruas Maria Paula e Cardeal Leme.

A pronúncia popular levou à grafia de Bixiga com i, forma repudiada pelos puristas, mas aceita pela grande imprensa (SACCHETTO, 2001: p. 8). Nós preferimos grafar o topônimo com e (Bexiga), adotando a grafia utilizada por Alcântara Machado em *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

A história do (Bexiga) / Bela Vista deve ser examinada em retrospectiva, uma vez que o bairro originou-se reconhecidamente de uma sesmaria e que inicialmente era constituído de dois núcleos diferentes.

3.3.1.1 O DOTE DE LEONOR SIQUEIRA PAIS.

Leonor casou com Bartolomeu Pais de Abreu. Seu dote foi uma parte do Capão, que passou a ser denominada chácara Samambaia (do tupi *Çama-mbai*, o trançado das cordas, alusão à trama confusa destas plantas invasoras (Felix herbácea), SAMPAIO, 1987: p. 311). Leonor e Bartolomeu tiveram vários filhos. Um deles foi o genealogista Pedro Taques de Almeida Pais Leme. Bartolomeu faleceu de varíola em 1739 e Leonor teve que hipotecar a propriedade em 1748 com uma sobrinha. Esta hipoteca foi executada pelo cônego Antônio de Toledo Lara em 1770 (SACCHETTO, 2001: p. 30).

A chácara Samambaia foi vendida várias vezes. Em 1773, pertencia a Antonio Martins de Almeida com o nome de chácara do Gusmão, topônimo derivante do antropônimo de algum proprietário anterior (SANT'ANNA, 1939: p. 146). Em 18.8.1789, a chácara do Gusmão foi comprada por Francisco Martins do Monte, que a vendeu para um parente, Domingos Martins do Monte (MARZOLA, 1979: p. 37). Este último vendeu-a ao capitão Melchior Pereira, por 2:45$000, conforme escritura, que reza

> [...] uma chácara nesta cidade na paragem Anhangabaú denominada vulgarmente Bexiga, cercada em roda de valos, e de um pedaço na frente de taipa e uma morada de casas de vivenda (ARQUIVO AGUIRRA apud MARZOLA, 1979: p. 37).

Portanto, quando o capitão vendeu a chácara do Gusmão para Antônio Soares Cavalheiro de Abreu em 6.2.1794, a propriedade já estava identificada pelo topônimo chácara do Bexiga.

A chácara foi vendida várias vezes. Em 1845, Antonio José Dias Leite adquiriu-a de José Manuel da Silva, barão do Tietê. O barão vendeu-a a Tomás Luís Álvares, mais conhecido como Tomás Cruz (MARTINS, 2003: p.22). Tomás vendeu-a a Antonio José Leite Braga, que a loteou em 1878.

Leite Braga (Portugal, 1840 – Campos do Jordão, 15.7.1879) promoveu o arruamento da chácara do Bexiga e deu início à venda dos lotes [...] por preços ao alcance de todos os bolsos, a fim de formar, o mais depressa possível um novo bairro para a cidade paulistana (MARZOLA, 1979: p. 39).

Leite Braga, membro da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, ofereceu à instituição, em nome da sua firma, Antônio José Leite Braga & Cia., uma quadra para a construção do novo Hospital de Caridade em São Paulo. O terreno ficava entre as atuais ruas Santo Antônio, Abolição, São Domingos e Major Diogo. Em 1.10.1878 a pedra fundamental do novo hospital foi abençoada por D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de São Paulo. Após a bênção, D. Pedro II lançou a pedra fundamental, inaugurando as obras do hospital (MARTINS, 2003: p.153-154).

Os membros da poderosa família Pais de Barros valendo-se de seus cargos de irmãos ou aspirantes a irmãos da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia forçaram a instituição em 1880 a transferir o hospital a ser construído no bairro da Bela Vista para um lote por eles adquirido nos altos de Santa Cecília, atual Vila Buarque, próximo aos terrenos dos quais já eram proprietários (CAMPOS, <http://www. arquivohistorico. sp.gov.br>).

Por fim, a Santa Casa edificada na chácara Rego Freitas foi inaugurada em 1884 após a transladação da pedra fundamental que havia sido lançada pelo Imperador.

Leite Braga faleceu em julho de 1879 e a viúva, Eugênia Pereira Braga, em 1880, vendeu a parte não loteada, na zona da Bela Cintra, para Mariano Antônio Vieira que no mesmo ano comprara o sítio do Capão (SACCHETTO, 2001: p. 32; VIEIRA, 1952: p: 118).

3.3.1.2 A CHÁCARA DO BEXIGA

As origens do topônimo Bexiga são obscuras. A dificuldade de identificar a hipótese verdadeira, entre as muitas existentes, deriva da dificuldade de determinar se a denominação Bexiga refere-se a um local ou a um indivíduo.

A alcunha Bexiga motivou a associação com os surtos de varíola, freqüentes em São Paulo. O registro mais antigo, documentando o alastrar-se de uma epidemia, é uma vereança de 29.4.1564, conforme a qual a varíola matou muitas pessoas e as que escaparam ao contágio não estavam em condições de trabalhar (ORDENS RÉGIAS v. 157).

Parece que em tempos remotos os bexiguentos fossem isolados da comunidade na área da Tabatinguera, periférica respeito ao centro da cidade, e na rua São Bento, suficientemente distante do centro naquela época.

A chácara do Bexiga era muito próxima da cidade para servir de abrigo aos doentes e não há registros que documentem a presença de bexiguentos no local. Provavelmente a área destinada ao isolamento dos variolosos foi o Pacaembu. De fato, em 1798, Bernardo de Lorena recomendava à Câmara que tomasse providências, obrigando todos os escravos e os pobres a ir curar-se no sítio do Pacaembu, permitindo-se às famílias brancas fazerem-no nas chácaras e sítios que cada uma escolhesse nos pontos mais afastados do povoado (ORDENS RÉGIAS, v.171)

Quanto à origem do topônimo Bexiga, a hipótese mais tradicional liga-se ao indivíduo portador do nome que transmite seu nome ao local. Esta hipótese faz referência ao relato de Saint-Hilaire que, chegando a São Paulo em 1819, se hospedou no [...] albergue do amável Bexiga (SAINT-HILAIRE, 1976: p. 121). Não gostando do lugar pela falta de higiene e de espaço, o naturalista francês mudou de hospedaria.

Observador atento e meticuloso, Saint-Hilaire anotou em seu relato a existência da ponte do Bexiga, [...] que talvez tenha o nome do hoteleiro ou de algum de seus predecessores (Id., Ibid). A ponte, localizada no princípio da ladeira de Santo Amaro, era conhecida também por ponte de Antonio Manuel, proprietário da estalagem que hospedou Saint-Hilaire. Esta ponte necessitou de reparos em 1829 (ocasião em que perto dela foi construído um aterro) em 1831.

O nome de Antonio Manuel é recorrente na história do bairro e na sua toponímia. A parte inicial do ramal que saía do Piques (chamado de Curral e sucessivamente de Bexiga) para juntar-se ao Caminho do Carro no alto do espigão foi chamada ladeira de Antonio Manuel ou ladeira do Bexiga. A ladeira em 1865 foi denominada ladeira de Santo Amaro, tornando-se rua Santo Amaro em 1916 (Ato n. 972 de 24.8.1916).

Antonio Manuel era dono também da bica de mesmo nome. Bica do Bexiga ou tanque do Bexiga era, segundo Antônio Egydio Martins (2003: p. 137), a nova denominação do tanque Reúno, situado nas proximidades do atual viaduto Major Quedinho. A bica do Bexiga, aterrada nas primeiras décadas do século XX, era formada pelas nascentes que havia nas proximidades e pelo córrego Saracura (do tupi *tara-cura*, ave pernalta (Aramides), SAMPAIO, 1987: p. 313).

A área em volta da estalagem era chamada largo do Bexiga (denominado em 1865 largo do Riachuelo, topônimo comemorativo da batalha naval na qual a esquadra brasileira venceu os paraguaios). No largo do Bexiga, “pátio lamacento” (SAINT-HILAIRE,1976 : p. 121), pegado à estalagem, formou-se, com o tempo, um núcleo de casas rústicas, pouso de tropeiros no século XIX.

Uma segunda hipótese defende que bexigas de boi provenientes do matadouro municipal eram vendidas por carrocinhas em toda a cidade. Um vendedor de bexigas

morador da chácara do Gusmão chamado popularmente de Bexiga, pela sua ocupação, teria passado a sua alcunha à chácara. A hipótese justifica-se pela presença, em 1773, do matadouro no beco do Mata-Fome (atual rua Araújo), próximo da atual praça da República.

Uma variante desta hipótese é oferecida por Afonso A. de Freitas, segundo o qual Bexiga deriva de "bexiga de boi", produto que o dono da chácara vendia por ser, na época, um negócio bastante lucrativo (FREITAS, A. A. de, 1914 apud MARZOLA, 1979: p. 36).

O antigo matadouro construído entre 1773-1774 não era muito distante da chácara do Bexiga o que facilitaria o comércio das bexigas de boi na chácara

> Nas imediações do antigo Matadouro da Rua de Santo Amaro existe um vasto prédio de sobrado, n. 58, no qual residiu o respectivo proprietário, o marchante João Antonio de Borba Cujo, que foi estabelecido com negócio há mais de 35 anos, na casa nº 20 da Rua da Imperatriz, hoje XV de Novembro, sendo que os terrenos em que está aquele prédio, que pertenceu ao mesmo marchante, confinavam com a chácara denominada do *Bexiga*, que é hoje o populoso bairro de mesmo nome (MARTINS, 2003: p. 153).

Bexiga parece ter sido uma alcunha bastante comum em São Paulo. João Batista C. Aguirra afirmava que o dono da chácara chamava-se Antonio Bexiga e que o inventário de seus bens estaria em um cartório de Santos. Marzola confrontou a informação com o livro dos sepultamentos da igreja de Santo Antonio, em Santos. O livro, aberto em 13.6.1857 por Manuel Jeronymo de Oliveira, reza: [...] N. 15 – Antonio Bexiga, falecido em São Paulo em 13 de junho de 1857, deixando a quantia de 100$000 de esmola para a Ordem Terceira (MARZOLA, 1979: p. 35-36). Tudo indica que o Bexiga era o sobrenome do falecido e não a sua alcunha.

Revendo as hipóteses apresentadas até o momento, nos parece muito remota a hipótese levantada por Aguirra, uma vez que Antonio Bexiga faleceu em 1857 e que o nome do bairro resulta de escrituras lavradas no século XVIII. À luz deste dado é bem mais provável que o nome da chácara derive da alcunha do estalajadeiro, mencionado por Saint-Hilaire.

3.3.1.3 A HERANÇA DE JOSÉ DE GOES E MORAES: O SÍTIO DO CAPÃO

Com o falecimento de Pedro Taques (1724), a propriedade passou para o filho, o capitão-mor José de Goes e Moraes. José faleceu em 1763 e o sítio foi arrematado em hasta pública pelo Pe. Inácio Xavier Moreira em 21.2.1764. Mais tarde, o Padre vendeu-o para Joaquim José dos Santos em 1.4.1808 (escritura lavrada nas notas do 1º Tabelião, Livro 16, fl. 46), conforme relata Antônio Paim Vieira (1952: p. 114). Hermenegildo José dos Santos, filho de Joaquim, herdou a propriedade. Com o falecimento de Hermenegildo o sítio do Capão foi arrematado em hasta pública em 15.9.1864 pelo Major Benedito A. da Silva. O Major queria fazer do sítio a sua residência e mandara reformar a mansão colonial que fora do capitão-mor José de Goes e Moraes.

3.3.1.4 MARIANO A. VIEIRA E O SÍTIO DO CAPÃO

O açoriano Mariano A. Vieira, comerciante bem-sucedido, decidiu investir em terras para construir um bairro no estilo daqueles que vira na Europa. Descartou a aquisição da chácara do Arouche, inundada com frequência pelas chuvas, e o sítio do Pacaembu, pela topografia acidentada do terreno, que tornaria difíceis os trabalhos de arruamento.

Enquanto examinava os terrenos à venda em São Paulo, foi procurado pelo Major Benedito A. da Silva, que não conseguira convencer seus familiares a se mudarem para a casa do Capão, antiga residência de José de Goes e Morais, e adquiriu o sítio com escritura lavrada no 2º Tabelião, em 5.4.1880 (Ibid., p. 117), transferindo-se com a família para a nova propriedade.

Mariano deu-se conta que, por razões perimetrais, era necessário incorporar partes da chácara do Bexiga e adquiriu-as de Da. Maria Eugênia Leite Braga.

O sítio do Capão tornou-se novamente uma imensa área, de propriedade de um único dono que iniciava:

> [...] no ponto em que a Rua da Consolação faz esquina com a atual R. Antonia de Queiroz, anteriormente chamada R. Vasco da Gama e cujo primitivo nome era Rua Vieira porque era a entrada para a propriedade a que nos referimos. Daí a divisa subia ao longo da Rua da Consolação continuando depois do espigão, encosta abaixo, pela atual Avenida Rebouças, que então era conhecida por Estrada de Pinheiros, até onde se acha a Rua D. Hipólita. Aí dobrava tomando o rumo da Avenida Brigadeiro Luís Antonio, ao tempo Estrada de Santo Amaro, paralelamente à Estrada da Boiada que se supõe coincidir com a atual Rua Groenlândia. Subia a estrada de Santo Amaro até a altura do Morro dos Ingleses de onde, ao longo de córregos, tomava o rumo do aterrado da Rua Martinho Prado de onde seguia até encontrar o ponto de partida. A sede desta verdadeira fazenda nos arredores de São Paulo estava situada onde a Alameda Tietê encontra-se com a Rua Padre João Manuel no sítio ocupado pela casa do finado Maestro L. Chiaffarelli e hoje funciona o Externato Meira (VIEIRA, 1952: p. 119).

As obras de abertura e conserva das ruas do Capão foram executadas exclusivamente por mão-de-obra livre constituída, na maioria, de portugueses oriundos dos Açores em conformidade com as ideias abolicionista de Mariano Vieira.

O sítio se notabilizou pela presença de extensos jabuticabais, que lhe valeram o nome popular de chácara das Jabuticabas (a lexia tupi admite várias interpretações: *Yabutí-caba*, a gordura do cágado, *Yabutí-guaba*, a comida de cágado, *Yambo-ticada*, fruto em botão, SAMPAIO, 1987: p. 262). De outubro a novembro, época da frutificação, os paulistanos afluíam para fazer piqueniques no jabuticabal cujas frutas eram grandes e saborosas.

Após tantas realizações, Mariano Vieira deixou de negociar terrenos no bairro que ele mesmo denominara de Bela Cintra.

Em 1890 o sítio do Capão estava desmembrado. Parte da propriedade havia sido comprada por José Paim Pamplona e parte por José Coelho Pamplona, visconde de Porto Martim, respectivamente sogro e cunhado de Mariano.

A parte do Capão adquirida por José Coelho Pamplona compreendia terrenos na rua Monte Alegre nas proximidades do Hospital Humberto I (hospital dos Italianos) e

uma gleba na av. Real Grandeza entre as ruas Paim (do nome do sogro de Vieira) e Consolação, que chegava até a Capela do Divino.

O mapa desenhado por Antônio Paim Vieira, filho de Mariano, traça a divisa da chácara do Capão e dos terrenos adquiridos por empreendedores que levaram adiante projetos de abairramento.

Afonso Augusto Roberto Milliet adquiriu a parte compreendida entre a rua Padre João Manuel e a estrada de Pinheiros, desde a avenida Real Grandeza (atual av. Paulista) até a divisa com o Capitão Rosa, que começava na rua Da. Hipólita (Vieira., 1952: p. 140).

Com exceção de lotes avulsos comprados por investidores menores, Martin Burchard e Vítor Nothman adquiriram o restante do Capão. Nothman transferiu a propriedade para o Banco da República que investiu em loteamentos (VIEIRA, 1952, passim).

Joaquim Eugênio de Lima e seus associados, José Borges de Figueiredo e João Augusto Garcia, compraram todos os terrenos que davam frente com a av. Real Grandeza de ambos os lados em toda a extensão entre a av. Brig. Luís Antônio e rua Paim. A faixa tinha uma largura de 3 a 4 quarteirões, menos ao longo da al. Casa Branca onde eles desciam toda a encosta até atingirem a rua da Várzea, hoje Estados Unidos (VIEIRA, 1952, passim).

3.3.1.4.1 MARIANO VIEIRA E A AVENIDA PAULISTA

Em 1880, Mariano Vieira decidiu abrir uma rua (estrada ou rua da Real Grandeza) de 50 metros de largura no Caaguaçu (estrada de Santo Amaro, atual av. Brig. Luís Antonio), no qual havia um mata-burro do século XVI, denominado rua da Glória.[5]

[5] Fonte: ficha datilografada, sem data, custodiada na Seção de Logradouros do Arquivo Municipal.

Vieira, antes de Joaquim Eugênio de Lima, idealizara no local um bairro de classe média alta. O projeto não foi desenvolvido porque eventuais compradores não viram de bons olhos a proximidade da rua Real Grandeza com o cemitério.

Joaquim Eugênio de Lima ao adquirir a gleba do Capão já encontrou pronto o leito da avenida que denominou de Paulista para homenagear o povo do Estado apesar de ter sido sugerido seu próprio nome para batizar o logradouro.

Figura 3- Av. Paulista vista da esquina da praça Oswaldo Cruz em direção à Consolação em 1911
<http://www.dicionário de ruas.com.br/galeria.htlm>

3.4 ORIGENS DO BAIRRO DA BARRA FUNDA

A Barra Funda teve origem da Chácara do Carvalho de propriedade do barão de Iguape que falecendo em 1875 deixou-a para seu neto, o conselheiro Antônio da Silva Prado, filho de Veridiana Valéria da Silva e de Martinho da Silva Prado. A família, tradicional e abastada, dedicou-se ao comércio e foi proprietária de tropas de mulas e de terras.

Antônio pertenceu à nova geração de proprietários rurais que não viviam no campo, mas que moravam na cidade, sobressaindo-se como figuras urbanas. Teve uma carreira política brilhante: em 1865 foi vereador e presidente da Câmara Municipal; de 1872 a 1884 foi deputado geral, ocupando três pastas do Ministério Imperial: Agricultura, Comércio e Obras Públicas; foi eleito prefeito de São Paulo por três turnos consecutivos, de 1899 a 1910. Monarquista, foi líder do Partido Conservador, tornando-se, sucessivamente, liberal-progressista.

Em volta do nome da chácara há certa polêmica. A hipótese mais difusa é de caráter fitotoponímico: a chácara tomaria seu nome da existência de um carvalho no lugar no qual a propriedade foi constituída. Há uma segunda versão referida pela tradição oral da família Carvalho Franco que faz derivar o topônimo de Francisco de Assis Carvalho, avô do historiador Francisco de Assis Carvalho Franco, que, por volta de 1840, foi proprietário daqueles terrenos (BRUNELLI et al., 2006: p. 46).

3.4.1 O NOME DO BAIRRO

A real origem do nome do bairro é ainda discutida. Uma hipótese relaciona o topônimo ao italiano *Baraonda* (sinônimo do português Barafunda), lugar de muita confusão, característica marcante da Barra Funda. O grupo de imigrantes italianos, moradores da parte de cima do bairro, teria transplantado o nome de um bairro existente em sua terra de origem, denominado Bara Fonda (BRANCO, 1982).

Bara Fonda, que ao pé da letra significa caixão de defunto, não nos parece um nome apropriado para um bairro, a menos que em dialeto vêneto Bara Fonda tenha significados outros que caixão de defunto.

A segunda teoria defende que barra significa “lugar perto do rio ou mar”. No passado havia muitos portos fluviais no Tietê caracterizados pela presença de bancos de areia. O piloto da embarcação utilizava a expressão vamos “à barra baixa” ou “à barra funda” (BRUNELLI et. al., 2006: p. 19). Não descartamos esta possibilidade, mas não conseguimos identificar dados probatórios a sustento desta hipótese. Achamos preferível confiar na tradição que liga a denominação Barra Funda à retirada de areia das margens do Tietê, para emprego na construção civil no século XIX. Esta prática acabou por tornar mais profundas as margens do rio, originando o hidrotopônimo Barra Funda.

Figura 4 - Tietê em São Paulo, retratado em cartão-postal antigo.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tiet%C3%AA>

3.4.2 O DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO

A chácara do Carvalho estava situada ao lado do caminho de Jundiaí (o rio dos jundiás, do tupi *Yundiá-y. Yu-ndi-á*, a cabeça armada de barbatanas é um peixe de água doce, SAMPAIO, 1987: p. 217) que saía do Triângulo rumo ao interior do Estado e que, antes do advento da ferrovia, era o caminho seguido pelas tropas de burros.

A chácara que se estendia do caminho de Jundiaí até o Tietê nas proximidades da Casa Verde contribuiu para a formação dos bairros da Barra Funda e do Bom Retiro (BRUNO, 1984: p. 1029).

As terras valorizaram-se com a construção da ferrovia, mas Antônio Prado começou a se interessar por elas durante o Encilhamento (novembro de 1889 – janeiro de 1891) época de intensa especulação imobiliária e iniciou o loteamento da chácara em 1890 (BRUNELLI et al., 2006: p. 48-49).

Antônio Prado faleceu no Rio de Janeiro em 34.4.1929 aos 89 anos. A filha Hermínia herdou a chácara loteada pelos seus herdeiros na década de 1930. As plantas cadastrais deste loteamento estão custodiadas no Departamento do Patrimônio Histórico e, apesar de interessantes, datam de épocas não incluídas na periodização deste trabalho.

O palacete da chácara do Carvalho, atualmente sede do Instituto de Educação Boni Consilii, foi projetado e construído pelo italiano Luigi Pucci e surgiu na gleba em frente à al. Antônio Prado (atual Eduardo Prado) e flancos para as ruas Vitorino Carmilo, Lopes de Oliveira, Capistrano de Abreu e Conselheiro Nébias, perto dos trilhos as ferrovias Santos-Jundiaí e Sorocabana. Apesar da construção do palacete ter dado impulso ao bairro, a Barra Funda continuou sendo considerada apenas um apêndice do aristocrático bairro dos Campos Elíseos.

A história da Barra Funda está ligada ao aparecimento em São Paulo dos meios de transporte. A primeira linha de bondes elétricos, a “Barra Funda 13”, foi inaugurada pela Light em 7.5.1900 (JORGE, 2006: p. 91). Os paulistanos murmuravam que a escolha de Antônio Prado fora proposital visto que ele morava na chácara do Carvalho. A segunda linha de bondes destinava-se a servir o Bom Retiro. A inauguração da

terceira linha, vinte dias após a inauguração da primeira, provocou mais maledicências, pois parava na frente da Vila Maria, residência de Da. Veridiana, mãe do Antônio.

São Paulo transformou-se em metrópole entre 1915 e 1940, em coincidência com o boom da especulação imobiliária, a construção das rodovias, o surgir da indústria automobilística e a afirmação do ônibus (LANGENBUCH, 1971: p.131) que, entre 1935 e 1939, vai substituindo gradativamente o bonde.

O ônibus foi mais determinante que o bonde no desenvolvimento do bairro. Já em 1926 os passageiros faziam na Barra Funda a baldeação para o bonde, o trem ou outro ônibus, para chegar ao Centro ou aos bairros mais afastados. Todos estes terminais desapareceram do bairro sem deixar marcas (BRUNELLI et al., 2006: p. 24).

O traçado da Barra Funda é um retículo ortogonal de ruas convergindo para a estrada de ferro no fim da rua Brig. Galvão. Esta divisão do bairro pela ferrovia foi tão marcante que a Barra Funda, dividida em duas partes recebeu duas diferentes denominações:

- Barra Funda de Baixo ou várzea da Barra Funda (entre o Tietê e os trilhos da ferrovia, constituindo quase um corpo único com o bairro do Bom Retiro);

- Barra Funda de Cima (área incluída entre a estrada de ferro e a rua Gal. Olímpio da Silveira).

A Barra Funda de Baixo abrigou, à semelhança do Brás e do Bexiga/Bela Vista, imigrantes e afro-descendentes. Nesta parte do bairro, na qual havia somente as ruas do Bosque, Garibaldi, Lusitana e Bernardino de Campos, instalaram-se as indústrias.

No início do século XX o bairro fazia parte do Distrito de Santa Ifigênia, que, em 1893, concentrava a maior porcentagem de negros e mulatos da cidade [...] 14% – em um momento em que São Paulo se italianizava rapidamente com a grande imigração e que a população negra representava menos de 10% da população total (ROLNIK, 1999: p. 77).

3.5 OS IMIGRANTES ITALIANOS

O afluxo de imigrantes estrangeiros para São Paulo em meados do século XIX caracterizou a diferença da composição étnica entre sua população e a de outros grandes centros urbanos do Brasil e introduziu na cidade traços culturais novos na arquitetura, nos hábitos, na culinária e na língua.

Os napolitanos se fixaram no Brás, os vênetos na Barra Funda e os calabreses no Bexiga/Bela Vista. Nestes bairros re-criaram ambientes que lembravam a terra de origem. Muitas de suas casas foram construídas por mestres de obras qualificados, *capomastri* em italiano. O arquiteto Benedito Lima de Toledo denominou esta categoria de profissionais "arquitetos de ponta de guarda-chuva" pelo hábito que tinham de riscar a planta no chão do canteiro e de levantar as paredes a partir deste desenho. Foram obras dos *capomastri* as fachadas rebuscadas, de estilo e de gosto duvidosos, que proliferaram nos bairros italianos.

As casas de moradia tinham características peculiares: frente estreita, quartos enfileirados, entrada lateral, cozinha e banheiro nos fundos e porões (*cantine*, plural de *cantina*, em italiano), inicialmente destinados à guarda de objetos e que, mais tarde, foram locados para fins residenciais.

No final da década de 1880 muitos imigrantes italianos desistiram do trabalho rural em função das oportunidades que a urbanização oferecia. Transformaram-se em artesões e pequenos comerciantes, que exerciam suas atividades em oficinas e armazéns instalados em suas habitações, ou em operários das fábricas e da construção civil.

Alguns italianos fizeram fortuna no comércio e na indústria. Ernani Silva Bruno (1984: p. 1167) relata a existência de casas bancárias e comerciais entretendo relações com a península em 1895.

Entre as atividades industriais tipicamente italianas destacam-se marmorarias (muitas das quais importavam e trabalhavam o mármore de Carrara) e fábricas de massas e de macarrão, fundadas em São Paulo entre 1885 e 1890. Estas últimas, em particular, contribuíram à formação de bairros fabris como o Brás e a Barra Funda. Por

fim, no início do século XX, o panorama industrial da cidade evidenciava que a maioria de operários e de industriais era constituída de italianos (MAGALHÃES, 1913: p. 74 apud BRUNO, 1984: p. 1182).

Henrique Raffard observou em 1890 que a população

> [...] é geralmente de origem estrangeira e fala quase tanto o italiano como o português, sendo o alemão assaz vulgarizado, assim não é de admirar que os vestuários, as lojas e mesmo vários prédios tenham um aspecto diferente do que predominava em outra época – o aspecto de São Paulo é mais europeu que o de qualquer outra cidade do Brasil (RAFFARD, 1977: p. 21).

Em 1902 a comunidade italiana era tão numerosa que [...] Escritas em italiano eram também as tabuletas de vários edifícios (BRUNO, 1984: p. 58).

Os italianismos assimilados ao português, que mais se arraigaram no linguajar cotidiano, foram os termos da linguagem artística e musical e algumas outras lexias (BECHARA, 2005: p. 602-603). Nós nos interessamos particularmente pelas lexias ligadas à culinária e aos lugares da refeição, uma vez que os imigrantes italianos transmitiram aos brasileiros seus hábitos alimentares e várias receitas de cozinha.

No campo específico dos lugares destinados à refeição, a assimilação originou algumas mudanças de sentido e de emprego. A cantina é para o paulistano o restaurante que oferece um cardápio à base de pratos da culinária italiana. A maioria dos restaurantes do Bexiga são cantinas, embora em italiano, *cantina* seja o porão da casa ou a adega.

O hábito de definir cantina um restaurante derivou talvez da degustação de vinhos armazenados na adega exatamente como se faz nas enotecas, acompanhando a bebida de petiscos ou comidas. Não encontramos explicações linguísticas satisfatórias para o emprego de cantina como sinônimo de *trattoria, osteria* ou *taverna.* Provavelmente a explicação possa ser procurada nos dialetos [6] falados pelos imigrantes.

[6] Para o linguista a fronteira entre língua e dialeto é inexistente, entendendo-se por dialeto uma variedade de língua não estandardizada, ou seja, priva de norma culta.

A respeito, é particularmente expressivo o depoimento de Gina Lombroso Ferrero sobre o uso amplo e difuso dos diferentes dialetos na península:

> Ouve-se falar o italiano mais em São Paulo do que em Turim, em Milão e em Nápoles, porque entre nós se falam os dialetos e em São Paulo todos os dialetos se fundem sob o influxo dos vênetos e toscanos, que são em maioria (FERRERO, 1908: p.34 apud BRUNO, 1984: p. 59).

Há na Itália uma multiplicidade de dialetos comumente utilizados até hoje nas comunicações familiares e informais do cotidiano.

O hábito de expressar-se em dialeto é arraigado na cultura italiana, inclusive entre os membros das classes mais cultas e abastadas:

> [...] Para a classe média educada de Veneza falar italiano não implicava desistir de falar vêneto em casa ou no mercado. Além do mais, na península alfabetização e largo emprego da língua italiana surgiram em época relativamente recente, apenas por volta de 1960, com o advento da televisão e dos cursos de alfabetização noturnos, de massa, ministrados pelo único canal televisivo existente na época (HOBSBAWM, 1990: p.137).

Os italianos integrados na nova terra passaram no século XX a ser sujeito e objeto de cultura. Sujeito de cultura enquanto membros da elite intelectual do IHGSP – Instituto Histórico Geográfico de São Paulo-, e expoentes do mundo empresarial. Objeto de cultura enquanto inspiradores da obra dos modernistas, em particular, de Alcântara Machado, sócio do mesmo IHGSP que explicitava a formação da nova "raça" brasileira com a inclusão dos novos mamelucos em *Brás, Bexiga e Barra Funda* (MACHADO, s.d: p. 52).

Entre 1890 e 1900 o IHGSP começou a admitir também sócios estrangeiros ou descendentes de estrangeiros. A entrada dos italianos para a instituição teve início em 1920 e limitou-se apenas a dois industriais bem-sucedidos, nomeadamente Francisco Nardi Filho, eleito em 1924, e Antonio Piccarolo, em 1939:

> Nesta época, o IHGSP acompanhava, com muita relutância, uma leitura que procurou assimilá-los à tradição paulista, na condição de

> novos mamelucos. Essa recente interpretação era realizada tanto pelos modernistas como por grupos políticos de situação, interessados em ampliar suas bases de apoio (FERREIRA, 2002: p. 105-106).

Em 1920 Antônio Carneiro Leão avaliou o contingente imigratório italiano em um milhão de pessoas sobre uma população de três milhões e meio de habitantes, 500.000 dos quais pertenciam a outras etnias.

Analisando o perfil do paulistano, mescla de espanhóis, sírios, alemães, franceses e italianos, considerou benéfica para a economia do país a influência destes grupos étnicos. Destacou a contribuição do elemento italiano [...] por ser uma raça de características muito aproximada das nossas o italiano é o melhor elemento de colonização de São Paulo (LEÃO, 1920: p. 33).

Ao ponto de vista otimista de Carneiro Leão sobre os efeitos da imigração contrapõem-se, em 1921, as preocupações de Amadeu Amaral sobre o reflexo da imigração e da educação no dialeto caipira.

Esta fala, que ele definiu como "dialetação portuguesa em São Paulo", era empregada na província por todas as classes sociais, inclusive pela minoria culta. Os paulistas tinham fama de corromper a língua e na época do Império, a ideia de sediar a Academia de Direito em São Paulo suscitou muitas polêmicas por ser o falar dos paulistanos considerado inadequado aos futuros bacharéis.

A instrução e a educação [...] hoje muito difundidas e exigentes vão combatendo com êxito o velho caipirismo [...] (AMARAL, 1921: p. 42), acarretando uma diferença cada vez mais acentuada entre a fala das novas e das velhas gerações.

Para o desaparecimento do dialeto caipira contribuiriam os descendentes dos imigrantes italianos, sírios e turcos, que [...] aparentemente se adaptam com muita facilidade à fonética paulista (AMARAL, 1921: p. 42) [...], mas que, com o passar do tempo, serão agentes de modificações impactantes sobre o caipirismo.

No espaço urbano a maneira peculiar dos italianos falar o português influiu bastante na comunidade linguística paulistana particularmente em bairros caracterizados

pela presença dos imigrantes italianos e seus descendentes. Com o passar do tempo o Brás, o Bexiga/Bela Vista e a Barra Funda se descaracterizaram apesar de continuar celebrando festas tipicamente italianas, como a de San Gennaro, San Vito e da Madonna Acheropita e de manter tradições peninsulares.

Figura 5 – Vista da Igreja de Nossa Senhora Acheropita
no Bexiga
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bixiga>

Atualmente estes bairros abrigam muitos migrantes brasileiros, nordestinos notadamente, e pessoas de baixa renda.

A presença dos italianos no Brás é marcada pelo Memorial do Imigrante (antigo prédio da Hospedaria dos imigrantes), que reúne em seu acervo vestígios de outros grupos étnicos de imigrantes, além dos italianos; no Bexiga é lembrada no acervo do museu Memória do Bexiga, que custodia objetos usados por eles no dia-a-dia e outras peças curiosas, como as sandálias de Carmen Miranda, doadas por uma ex-empregada dela nascida no Bexiga.

CAPÍTULO IV

CORPUS

4.1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

No século XX, com a crescente atuação da iniciativa privada, o Estado deixou de ser o agente da produção do espaço da cidade como ainda acontecia em meados do século XIX. Passou a atuar apenas normativamente, especialmente nas ocasiões em que se tornava necessário estabelecer a interligação entre os vários loteamentos esparsos na busca de conferir alguma coesão à estrutura urbana paulistana.

A nomenclatura toponímica do *corpus* foi se formando aos poucos por efeito do abairramento. Muitas das denominações originais dos logradouros sofreram alterações até a sua consolidação por efeito do Ato 972 de 1916.

O *corpus* é composto de 189 topônimos. Destes, 4 se aplicam a bairros, 7 a largos, 3 a avenidas, 3 a alamedas, 167 a ruas, 5 a travessas. O traçado da malha viária evidencia o predomínio das ruas em relação a espaços mais amplos destinados ao convívio social (avenidas e praças).

Em 1926 a maioria dos logradouros concentrava-se no Brás, o mais populoso dos bairros em apreço.

Bairro	**N. Logradouros/bairro**	**Logradouros em %**
Brás	107	58%
Bexiga/Bela Vista	52	28%
Barra Funda	26	14%

Tabela 2 – Logradouros em número e percentual
Brás, Bexiga/Bela Vista e Barra Funda (1926)

O *corpus* não é linguisticamente homogêneo. Reúne topônimos de origem europeia e de origem indígena.

A representatividade da toponímia indígena em 1926 era pequena no Brás, no Bexiga/Bela Vista e na Barra Funda, apesar de ser maior que no Centro Velho, no qual o único nome que resistiu ao desgaste do tempo é rua Guaianazes, conforme estudos de Dick (2004: p. 41), relativos à situação dos topônimos indígenas na microtoponímia paulistana.

Ano: 1926	N.	%
Topônimos de origem indígena	19	9%
Topônimos de origem européia	170	91%

Tabela 3 – Brás, Bexiga/Bela Vista, Barra Funda
Representatividade linguística dos topônimos de origem indígena e de origem portuguesa

Alguns topônimos indígenas do *corpus* são de difícil reconstrução e interpretação. Com relação a esta dificuldade encontrada de modo geral, pelos pesquisadores Theodoro Sampaio deixou-nos como lição que

> O estudo etimológico dos nomes tupis, com aplicação na geografia ou história nacional é, a meu ver, um trabalho mais de investigação histórica do que propriamente de lexicologia. [...]. Conseguida a *restauração histórica* do vocábulo, fácil será explicar como ele se alterou ou como evolveu até nós, porque invariáveis e positivas são as leis filológicas que regem a espécie. Sem a restauração do vocábulo com a sua grafia primitiva, como um processo prévio e essencial, difícil e quase insolúvel, em certos casos, é o problema linguístico atinente aos nomes geográficos de procedência tupi (SAMPAIO, 1987: p. 174-175).

4.2 *CORPUS*: TOPÔNIMOS, MORFOLOGIA DOS TOPÔNIMOS, TAXIONOMIA E MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA

LOGRADOUROS DO BRÁS, DO BEXIGA/ BELA VISTA E DA BARRA FUNDA (1926)	
Topônimo, morfologia do topônimos e taxionomia toponímica	**Motivação toponímica**
Abolição, rua (da). ✓ Topônimo simples. ✓ Animotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Comemora o ato da Princesa Isabel que conferiu a liberdade aos escravos com a Lei Áurea da Abolição de 13 de Maio de 1888.
Affonso Arinos, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916). Bacharel em Direito, membro da Academia Brasileira de Letras (1903), dirigiu em São Paulo, de 1889 a 1898, o jornal *Comércio de São Paulo*. Dentre as obras de sua produção destacam-se *Pelo Sertão, O Mestre de Campo, Contratador de Diamantes, Lendas e Tradições, Notas do Dia, Histórias e Paisagens.* Seu primeiro romance, *Os Jagunços*, publicado em 1897, antecipou o estudo social de Euclides da Cunha sobre Antônio Conselheiro e os fanáticos de Canudos.
Aguiar de Barros, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista	Antonio Francisco Aguiar de Barros, bacharel em Direito. Casado com Genebra de Souza Queirós, filha dos Barões de Limeira. Foi vice-presidente de São Paulo em 1878 e em 1883.
Albuquerque Lins, rua (do Dr.). ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Dr. Manuel Joaquim de Albuquerque Lins (1852-1926). Bacharel em Direito, transferiu-se do Recife para São Paulo, exercendo neste Estado, várias funções públicas: juiz de Direito em Capivari, vereador, deputado e Secretário da Fazenda no governo de Jorge Tibiriçá. Como presidente do Estado procurou manter as melhores relações com o poder central da República. Empenhou-se para desenvolver a instrução pública, apoiou a imigração, incentivou a expansão da ferrovia e a produtividade agrícola. Criou as escolas normais de Itapetininga e de São Carlos.
Alexandrino Pedroso, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Dr. Alexandrino de Morais Pedroso, filho do Cel. Francisco Antônio Pedroso e neto de D. Alexandrina de Morais, proprietária da conhecida chácara D. Alexandrina. Professor da Faculdade de Medicina de São Paulo e chefe do Laboratório Central da Santa Casa de Misericórdia.
Alfândega, rua (da). ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	A denominação deriva da existência, no local, da alfândega seca de São Paulo que nunca chegou a funcionar.

Tabela 4

Almeida Lima, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Dr. Augusto Gomes de Almeida Lima, clínico conceituado, vereador da Câmara Municipal de S. Paulo e chefe político de grande prestígio no distrito do Brás.
Almirante Barroso, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Francisco Manoel Barroso, barão do Amazônas (Lisboa, 1804 – Montevidéo 1882). Participou das campanhas navais do Uruguai e do rio da Prata de 1864 a 1865 e na guerra do Paraguai em 1865 e 1866. Foi comandante da esquadra brasileira nas batalhas de Corrientes (25.5.1865), do Riachuelo (11.6.1865), Mercedes (18.6.1865), Cuevas (12.9.1865) e nos combates de Passo da Pátria, Uruzú e Curupaiti. Seus restos mortais foram enterrados na base do monumento, erguido na Praia Russel (RJ), junto com os do Almirante Saldanha da Gama.
Almirante Marques de Leão, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	João Batista Marques de Leão foi ministro da Marinha na presidência de Hermes da Fonseca.
Álvares de Azevedo, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Manuel Antônio Alvares de Azevedo (1831-1852). Em 1845 matriculou-se no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Letras em 1847. Em 1848 foi aluno da Academia de Direito de São Paulo. Autor de poesias, poemas, estudos críticos, ensaios filosóficos e crítica literária.
América, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Corotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Homenagem ao continente americano.
Americanos, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Etnotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Homenagem a todos os povos do continente americano.
Américo Brasiliense, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Américo Brasiliense de Almeida Mello (São Paulo, 1833 – Rio de Janeiro, 1896).Republicano desde 1870, foi primeiro secretário da Convenção de Itú. Jornalista e jurisconsulto, foi autor de *Lições de História Pátria, Os Programas dos Partidos e o 2º Império, Cartas Políticas ao Dr. Francisco Rangel Pestana e vários outros.* Nos últimos tempos do governo do marechal Deodoro da Fonseca foi presidente do Estado de São Paulo.
Anhangüera, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Alcunha do bandeirante Bartholomeu Bueno da Silva. Em 1682 Bartholomeu Bueno da Silva, acompanhado pelo filho Bartholomeu de doze anos, encontrou ouro no território dos índios Goiá e ganhou a alcunha de *Anhangüera* por ter surpreendido os índios ateando fogo a um vaso de aguardente. Azevedo Marques (1980: p.106) atribui a alcunha ao "olho furado ou estragado" de Bartholomeu Bueno e informa que Pedro Taques creditava a queima do aguardente ao bandeirante paulista Bento Ribeiro Pires. Sampaio afirma que os índios acreditavam na existência da

	alma humana, e numa outra vida, num país distante, além das montanhas visíveis.Conforme o tupinólogo, a alma em tupi não é *an* e sim *anga*. [...] De *anga*, que também significa sombra, fantasma, o tupi fez *ang-üera* (e não *an-güera*), a alma do outro mundo". *An-goéra*, a alma de outro mundo, era chamada também *mara-guingana* e a morte era anunciada por uma assombração: *angoéraba* (SAMPAIO, 1987: p.169). Por sua vez, o sufixo original *-coera* evoluiu para *-goéra*, como em *Anhangoéra* (*Id.*, p.76-79): por efeito da nasalização do som precedente *Anhã-* Fantasma, espectro, o diabo consumado: (*Id.*, p.194).
Araguaya, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Zootopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Rio afluente do Tocantins. Os papagaios mansos (do tupi *ará-guaya*, Sampaio, 187: p. 198).
Asdrubal do Nascimento, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Asdrubal Augusto do Nascimento. Vereador da Câmara Municipal de São Paulo e vice-prefeito em exercício durante o ano de 1907. Foi também diretor da Companhia Antárctica Paulista. Nomeado conde pelo Papa.
Assis, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Corotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Cidade paulista, no Vale do Paranapanema. A comarca de Assis foi criada pela lei n. 80, de 25 de agosto de 1892, com o nome de Campos Novos do Paranapanema. Em 1º de Julho de 1905 o Capitão Francisco de Assis Nogueira efetivou a doação de 80 alqueires de terras de lavrado à igreja, para patrimônio de uma Capela, sob a tríplice evocação do Sagrado Coração de Jesus, de São Francisco de Assis e da Obra – Pio do Pão de Santo Antonio (Fundação de Assis). A presença da construção religiosa determinou o nome da cidade.
Assumpção, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Cel. Lucas de Queirós Assumpção, antigo proprietário das terras em que ele abriu a rua do Lucas e a rua Assumpção.
Baixa, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Cardinotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Denominação de origem popular, sugerida pela situação da rua, localizada na parte mais baixa do bairro.
Barata Ribeiro, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Candido Barata Ribeiro, médico e político brasileiro, (Salvador, BA, 1843 – Rio de Janeiro, RJ, 1910). Clinicou em Campinas. Abolicionista. Propagandista da República. Após a proclamação da República foi eleito prefeito do Rio de Janeiro e senador. Deixou vários trabalhos de caráter científico e literário.
Baroneza de Portocarrero, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	D. Ludovina de Albuquerque Porto-Carrero, esposa do General Hermenegildo Porto-Carrero, comandante do forte de Coimbra (MT) durante o ataque dos paraguaios, em 1864. A Baronesa distinguiu-se na defesa do forte, preparando, com outras senhoras, o cartuchame para os soldados. O forte, atacado pela divisão Barrios nos dias 26, 27 e 28 de dezembro de 1864, resistiu até esgotarem-se as munições e a resistência física de seus defensores.

	Convocado um conselho de guerra de todos os oficiais e do comandante da canhoneira Anhambaí, ficou resolvido abandonar o Forte e embarcar a guarnição na canhoneira. O General Hermenegildo Porto-Carrero fez brilhante carreira no exército e recebeu o título de barão do Forte de Coimbra. Da. Ludovina ficou conhecida por baronesa de Porto-Carrero, ao invés de baronesa do Forte de Coimbra. A baronesa faleceu aos 80 anos de idade em 1912.
Batataes, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Fitotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Cidade paulista. Teve origem numa capela erguida sob a invocação do Bom Jesus, por Manuel Bernardes e Antonio José Dias, junto a estrada de Goiás, nas cabeceiras do ribeirão Batatais e, nos terrenos da Fazenda dos Batatais, pertencente à Freguesia de Franca. Foi criada com a denominação de Bom Jesus da Cana Verde por alvará de 25 de fevereiro de 1815. Sua sede, transferida para o local da atual cidade, foi doada por Germano Antonio Moreira recebendo então, o nome de Bom Jesus de Cana Verde de Batatais. Pela Lei nº 128 de 14 de março de 1839 foi elevada à categoria de Vila, tornando-se cidade pela Lei nº 20 de 8 de abril de 1875. Existem pelo menos quatro versões históricas para o significado do nome Batatais. A versão mais aceita é baseada em relatos da época e está ligada a atividade agrícola dos habitantes naturais da região. Os primeiros bandeirantes teriam encontrado por aqui extensas plantações de batatas roxas. Outra versão, seria a que havia índios na região e Batatais derivaria de *baitata*, que segundo alguns pesquisadores locais significa em tupi "rio cacateante entre pedras", referência à beleza natural do local. Acredita-se também que outra origem viesse do tupi *mboitata* (cobra de fogo. SAMPAIO, 1987: p.208), que na crença dos índios, era o gênio que protegia os campos contra os incêndios. Estudos recentes de um historiador local, atenta para mais uma possível hipótese: Batatais ou Batatal era uma expressão usada pelos minerados antigos que designavam o local onde se achava ouro de superfície. Como esta região fazia parte do caminho para Goiás, há a possibilidade que a cidade servia de pouso para esses viajantes (<http:// www.dicionarioderuas.com.br>).
Belisário de Souza, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Francisco Belisario Soares de Souza (Rio de Janeiro, 1839 – *idem* 1889. Bacharel em Direito, foi conselheiro do Estado e senador do Império. Ministro da Fazenda em 1885 e diretor do Banco do Brasil. Fundou o jornal *O Brasil*
Benjamin de Oliveira, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás;	Benjamin de Oliveira foi o promotor da abertura de várias ruas próximas à que tem seu nome (AYROSA, 1937: p.192).
Boracéia, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Rio que nasce nas vertentes austrais da serra de Paranapiacaba. *Boracéia* é o nome de uma dança indígena.

Bosque, rua (do). ✓ Topônimo simples. ✓ Fitotopônimo ✓ Bairro: Barra Funda.	Denominação de origem popular, derivante da presença no local de um bosque de bambus.
Brás, largo (do). ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo ✓ Bairro: Brás,	Homenagem ao bairro e ao seu fundador (José Brás).
Brás, travessa (do). *Idem*	*Idem*
Bresser, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Carlos Augusto Bresser. Proprietário da chácara Bresser, hoje cortada por numerosas ruas.
Brigadeiro Machado, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	José Joaquim Machado de Oliveira (São Paulo, 08/06/ 1790 – São Paulo, 16.08.1867). Foi membro do governo provisório e, logo depois, do primeiro conselho provincial do Rio Grande do Sul, comandante das armas em Sergipe, em 1830, presidente da Província de Alagoas em 1834, de Santa Catarina em 1837 e do Espírito Santo em 1840. Deputado pelo Rio Grande do Sul na primeira legislatura e por São Paulo na oitava. Em 20 de abril de 1843, foi nomeado encarregado de negócios e Cônsul geral do Brasil junto às Repúblicas do Peru e Bolívia. Em 24 de julho de 1844 foi incumbido pelo Governo de examinar e dar sua opinião sobre a Fábrica de Ferro do Ipanema. Em 14 de março de 1846 foi nomeado diretor geral dos índios de São Paulo. Em 23 de fevereiro de 1844, contando mais de 35 anos de serviços, reformou-se no posto de coronel. Dedicou-se ao estudo da História e da Geografia do Brasil, escrevendo inúmeras memórias que publicou na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, de que era sócio fundador e honorário. Autor do *Quadro Histórico da Província de São Paulo.*
Cadete, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Cadete, soldado nobre que gozava de certos privilégios e passava a oficial sem seguir os postos inferiores. O cadete Santos tornou-se o barão de Itapetininga.
Camaragibe, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Fitotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, barão e visconde de Camaragibe (Jabotão, PE, 19 /04/ 1806 – Camaragibe, PE, 02.12.1875). Irmão do visconde de Suassuna, do visconde de Albuquerque e do barão de Muribeca. Estudou em Coimbra e em Svettingen, Alemanha, aí se doutorando em 1827. Professor da Academia de São Paulo em 1829 e da Academia de Olinda em 1830. Presidiu a Província de Pernambuco em 1859. Foi deputado provincial várias vezes e vice-presidente da Câmara. Deputado a Assembléia geral, senador e membro do Conselho e Grande do Império. Camaragibe é um topônimo de origem tupi, significando no rio dos camarás, *camará-gy-be.* Cambará ou camará

	(*caá-mbara*) é uma planta de folhas variegadas, típica de Pernambuco e Alagoas (Sampaio, 187: p. 198).
Camerino, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Francisco de Camerino. Iniciando a Guerra do Paraguai, se apresentou-se como voluntário e lutou com outros sergipanos sob o comando de Freitas Barreto. Tomou parte da invasão do forte de Curuzu, falecendo vinte dias depois em Curupaití pelos ferimentos provocados por um estilhaço de granada.
Camomil, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Classificação taxionômica em estudo. ✓ Bairro: Brás.	Denominação consolidada pelo Ato 972 de 1916. Ignora-se o étimo do topônimo.
Campinas, alameda. ✓ Topônimo simples. ✓ Fitotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Campinas, cidade do Estado de São Paulo, foi fundada em 17 de junho de 1773, data da celebração da primeira missa na capela construída pelo paulista Francisco Barreto Leme, nomeado, em 27 de maio de 1774, governador da pequenina povoação. Em 1781 foi criada a freguesia sob a denominação de Nossa Senhora da Conceição de Campinas devido à floresta densa e inexplorada que caracterizava a região. Era passagem obrigatória das Missões dos Bandeirantes que iam para as minas de ouro no interior. Em 16 de novembro de 1797, foi elevada à vila sob o nome de São Carlos. Em 5 de fevereiro de 1842 passou à categoria de cidade com a denominação de Campinas.
Canindé, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Zootopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Canindé é uma denominação que recorre com freqüência nos Estados do norte do Brasil, pertencendo à toponímia bandeirante na fase do desbravamento do Piauí. É o nome de uma cidade do Ceará e de um bairro tradicional de São Paulo.*Can-ndê*, que significa anegrado, retinto, escuro (<http://www.dicionarioderuas.com. br>). Canindé é uma espécie de arara azul.
Capitão Faustino Lima, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Oficial que combateu ao lado do governo no movimento de julho de 1924, falecendo em combate.
Capitão-Mor Gonçalo Monteiro, rua. ✓ Topônimo composto ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Primeiro capitão-mor da Capitania de São Vicente, em 1553.
Capitão-Mor Passos, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O Capitão-Mor Passos fez parte, como deputado, do Governo Provisório de São Paulo, de 09 de janeiro de 1823 a 01 de abril de 1824.
Carlos Botelho, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O Dr. Carlos José Botelho (14.05.1855 - 20.03.1947) formou-se em medicina no Rio de Janeiro, granjeando fama de operador emérito. Foi secretário da Agricultura em São Paulo nos de 1904 a 1908, introduzindo a cultura do arroz pelo sistema de irrigação, criando o Posto Zootécnico e importando animais reprodutores. Os núcleos de colonização Nova Europa, Nova-Odessa, Jorge Tibiriçá,

	Nova Paulicéa e Gavião-Peixoto foram criadas com os seus esforços. Foi o primeiro diretor clínico da Santa Casa, de 1891 a 1894.
Carlos de Campos, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Carlos de Campos, estadista, jornalista e musicista (06.08. 1866 – 27.4.1927), natural de Campinas. Fez os primeiros estudos em Amparo, cursando em seguida o Colégio Internacional de Campinas. Em São Paulo, cursou o Colégio Norton e ingressou na Academia de Direito, em 1883, diplomando-se em 1887. Desde o tempo acadêmico foi, como seu pai Bernardino de Campos, republicano, propagandista da abolição dos escravos e defensor da democracia. Advogou em Amparo ao lado de seu pai, e depois em São Paulo. Eleito deputado estadual, exerceu o mandato até 1896, quando foi convidado pelo presidente Campos Salles para titular da Secretaria da Justiça. Foi novamente eleito deputado em 1901; seis anos depois foi eleito presidente da Câmara; senador Estadual em 1915; em 1918 deputado federal e líder da bancada paulista. Sucedeu Washington Luis na presidência do Estado, assumindo a chefia do governo em maio de 1924. De sua obra administrativa, destacam-se a remodelação da Estrada de Ferro Sorocabana, a organização do Serviço de Combate à Broca do Café, a criação do Instituto Biológico, as obras de captação das águas do Rio Claro, a fundação do Banco do Estado, da Guarda Civil e do Instituto do Café. Foi jornalista durante toda a sua vida e ocupou o cargo de diretor do *Correio Paulistano*. Como compositor e musicista, deixou duas peças líricas intituladas *A Bela Adormecida* e *Um Caso Singular*. Faleceu quando ocupava o cargo de Presidente do Estado.
Carlos Sampaio, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Carlos César de Oliveira Sampaio foi prefeito do Rio de Janeiro. Natural daquela cidade foi convidado pelo presidente Epitácio Pessoa (1919-1922) para assumir a Prefeitura do então Distrito Federal em agosto de 1920. Em sua administração foram realizados os preparativos para a comemoração do centenário da Independência do Brasil. Promoveu uma reforma urbana, aterrando uma área entre o centro e a Glória; desmontou o Morro do Castelo e abriu a av. Rui Barbosa. Carlos Sampaio atuou também como professor da Escola Politécnica e da Escola Naval. Faleceu em 1930.
Carneiro Leão, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro:: Brás.	O Major Antonio Carneiro Leão foi funcionário da Diretoria de Obras Públicas de São Paulo.
Casa Branca, alameda. ✓ Topônimo composto. ✓ Ecotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Cidade paulista. Teve início num povoado que começou a se desenvolver no princípio do século passado. Em 25 de outubro de 1814 foi criada freguesia e em 27 de março de 1872 elevada à categoria de cidade. A denominação deriva da cor predominantemente branca das construções.
Casemiro de Abreu, rua. ✓ Topônimo composto.	Casimiro José Marques de Abreu (São João da Barra, RJ, 1837 – Nova Friburgo, RJ, 1860.Famoso poeta brasileiro,

✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	autor de *As Primaveras* , além de cenas dramáticas como *Camões e Jaó.*
Cavalheiro, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Joaquim Carlos Augusto Cavalheiro. Proprietário e empreiteiro de obras.
Celso Garcia, avenida. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Afonso Celso Garcia da Luz formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo em 1895 e dedicou-se à advocacia e ao jornalismo. Famoso orador conquistou grande simpatia principalmente entre as classes operárias, das quais foi um grande amigo e defensor.
Chavantes, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Etnotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	A rua homenageia os Xavante, povo de língua Akwén do tronco Macro-Jê. Conhecidos na literatura como Akwe-Xavante, costumavam autodenominar-se *A'uwe,* que significa gente, humano, indivíduo da espécie humana (MAGALHÃES in VIANA apud SOUZA, 1953: p.1). O etnônimo Chavantes (Xavante, conforme a grafia moderna) foi uma criação do homem branco, significando chave dos Andes, guardiãs dos Incas (MIGUEZ, 1996: p. 275 apud SANTOS, 2005: p.60). O significado do etnônimo é de caráter exotérico. Nasceu da descoberta de um templo subterrâneo de origem desconhecida na região do Roncador, que atirou a atenção de numerosos arqueólogos. Neste templo haveria um túnel ligando a serra do Roncador aos Andes, e, portanto, os Xavante aos índios andinos.
Claudino Pinto, travessa; ✓ Topônimo simples. ✓ Etnotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Efetuado um levantamento junto ao acervo do Arquivo Histórico Municipal, nada foi encontrado a respeito do homenageado (<http://www. dicionariode ruas.com.br>).
Coimbra, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Homenageia a cidade portuguesa de Coimbra, cujo nome deriva do celta *Coninbriga* (o sufixo *-briga* significa castelo).
Concórdia, largo (da). ✓ Topônimo simples. ✓ Animotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O atual Largo da Concórdia começou a ser formado entre os anos de 1830 e 1840, paralelamente à urbanização do bairro do Brás que, naquela época, era ocupado apenas por chácaras. Este Largo localizava-se nos limites da antiga chácara do português José Brás, considerado o fundador deste tradicional bairro paulistano. O seu traçado estava pronto em 1850, ano em que recebeu sua primeira denominação de largo do Brás. Em 1862, por determinação da Câmara Municipal, o largo deveria ser fechado. Porém, com a interferência do então Presidente da Província, Vicente Pires da Mota, o logradouro permaneceu aberto ao público. No dia 28.11.1865, por proposta do vereador Malaquias Rogério de Salles Guerra, o seu nome foi alterado para largo da Concórdia. Os pesquisadores do Arquivo Municipal têm duas diferentes explicações para a denominação: 1ª) denominação derivante da place de la Concorde, em Paris;

	2ª) homenagem à cidade de Concórdia, localizada na Argentina às margens do rio Uruguai, província de Entre Rios. Esta cidade teve um papel de destaque durante a Guerra do Paraguai, época em que sediou alguns batalhões argentinos e brasileiros. Em 13.06.1865, estavam alí concentradas as tropas do general argentino Bartolomé Mitre que, em 24.06.1865, recebeu os soldados brasileiros comandados pelo general Osório. Da cidade de Concórdia, as tropas seguiram rumo ao Norte para o combate contra as forças paraguaias. Para referendar esta hipótese, lembramos que o vereador Malaquias Rogério de Salles sugeriu, na mesma data, os nomes de rua do Riachuelo, largo do Paissandú (nomes de batalhas da Guerra do Paraguai) e rua Vitória (uma referência à vitória brasileira na batalha do Riachuelo). O largo da Concórdia seria, portanto, outro nome ligado à guerra e utilizado pelo vereador Malaquias nos logradouros públicos como forma de perenizar os episódios na história paulistana (<http://www.dicionárioderuas.com.br>).
Concórdia, travessa (da). *Idem.*	*Idem.*
Conselheiro Belisário, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Francisco Belisario Soares de Souza (1839 - 1889). Bacharelou-se em Direito em São Paulo. Foi conselheiro de Estado e senador do Império. Dirigiu a pasta da Fazenda no gabinete de 20 de agosto de 1883. De 1873 a 1878 foi diretor do Banco do Brasil.
Conselheiro Carrão, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	João da Silva Carrão (14.05.1810 – 04.06.1888). Matriculou-se na Academia de Direito de São Paulo. Colaborou em vários jornais para se manter, pois era muito pobre. No ano em que se bacharelou (1837) recebeu a nomeação de oficial guarda-livros interino da Academia. Em 1838 defendeu tese, apresentando-se logo a concurso para professor, tendo como concorrente o Dr. Gabriel Rodrigues dos Santos. As provas desse concurso, entretanto, foram anuladas, o que o levou a concorrer, pela segunda vez em 1843, para o lugar de substituto da aula de Processo Civil e Criminal. Foi diretor do O Farol Paulistano, fundado em 1827 por Costa Carvalho, e fundador do jornal *O Americano*, redigindo também para o jornal Ipiranga em 1849. Eleito deputado da Assembléia Provincial de São Paulo nos anos 1842-43, 1846-47, 1848-49, 1856-57, 1860-63 e 1868-69. Governou duas províncias: a do Pará, de 27 de outubro de 1857 a 24 de maio de 1858, e a de São Paulo, de 3 de agosto de 1865 a 3 de março de 1866. Antes desta última presidência no Gabinete de 12 de maio de 1865, presidida pelo Marquês de Olinda, ocupou a pasta da Fazenda.
Conselheiro Dantas, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Manuel Pinto de Souza Dantas (1831 – 1894). Senador brasileiro na época do Império, presidente do Gabinete da Monarquia, que criou a Lei Sexagenária, em 1884, que concedia a liberdade aos escravos que tivessem mais de 60 anos. Foi escolhido para presidir o Banco do Brasil após a

	proclamação da República. Em 1891 fundou o *Jornal do Brasil*, considerado um dos melhores do nosso país na época.
Conselheiro Ramalho, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Joaquim Inácio Ramalho, barão de Ramalho (São Paulo, SP, 06.01.1809 – 16.08.1902). Filho de José Joaquim de Souza Saquette, médico, de nacionalidade espanhola, militar da força de São Paulo, foi entregue aos cuidados da família Ramalho, da qual adotou o sobrenome. Matriculado em Direito, ao cursar o último ano acadêmico, em 1834, foi nomeado professor substituto de Filosofia Racional e Moral, efetivando-se em 1836. Bacharelou-se em 25.10.1834 e defendeu sua tese de doutorado em 1836. Foi juiz de Paz (1835), vereador e presidente da Câmara Municipal (1845), presidente da província de Goiás (1845), deputado por Goiás (1845-1848), membro da Assembléia Legislativa Provincial de São Paulo (1842-1843, 1866-1867 e 1868-1869) exercendo a sua presidência, conselheiro do Império (1861), fundador e primeiro presidente do Instituto dos Advogados de São Paulo (1873) e diretor da Faculdade de Direito de São Paulo (1891-1902). Foi, também, oficial da Ordem da Rosa (1846) e comendador da Ordem de Cristo (1874). Recebeu, inicialmente, o título de barão de Água Branca em 07.05.1887, mudado para barão de Ramalho em 25.05.1887. Fundou, em São Paulo, o jornal O Americano (1844) que deixou de existir quando ele foi para Goiás. Membro da Loja Amizade fundou, em 28.08.1850, a Loja Maçônica Piratininga, da qual fizeram parte José Bonifácio e outros grandes personagens da história do Brasil. Abolicionista. auxiliou o trabalho de José do Patrocínio, Antonio Bento e Luís Gama. Escreveu e publicou diversas obras voltadas para o campo jurídico. (<http://www. dicionarioderuas. com.br>).
Coronel Emygdio Piedade, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O tenente-coronel Emidio José da Piedade foi político paulista de grande prestígio. Como representante de São Paulo teve assento nas Assembléias Provinciais de 1874 a 1875; pelo 3º distrito; de 1882 a 1883 pelo 5º distrito; de 1884 a 1885 e de 1888 a 1889 ainda pelo 5º distrito. No período republicano tomou parte nos trabalhos da 4ª legislatura de 1898 a 1900 e na 5ª de 1901 a 1903.
Coronel Moraes, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Francisco Corrêa de Almeida Morais (1837 – 1913). Presidente da Câmara Municipal de Santos (1890-1891). Fundador do hospital que, naquele município, leva seu nome. Genealogista e autor de pesquisas históricas, publicou uma memória sobre Braz Cubas.
Coronel Silva Gomes, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	André da Silva Gomes foi o primeiro mestre da Capela da Sé.
Correa de Andrade, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo.	Denominação que aparece na Planta da Cidade de São Paulo em 1917 e referida na Lei 216 de 16.3.1896. (AYROSA, v. XXXVI, 1937: p. 276).

✓ Bairro: Brás.	
Cruz Branca, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hierotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O dispositivo legal que denominou a essa rua é o ato 972 de 24 de agosto de 1916, que considera públicas para todos os efeitos municipais, as ruas, avenidas e praças com os respectivos nomes, constantes da "Planta da Cidade de São Paulo" levantada pela Diretoria de Obras e Viação. Nome tradicional (AYROSA, v. XXXVI 1937: p. 285).
Cruzeiro, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Hierotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Cidade paulista. A antiga Vila do Cruzeiro, por Decreto nº 190 de 3 de Junho de 1891, foi criada Vila com a denominação de Vila Novais, porém a Lei nº 45 de 18 de Julho de 1892 revogou aquele Decreto restabelecendo-lhe a categoria de distrito de paz do Cruzeiro. A Lei nº 789 de 2 de outubro de 1901 transferiu para a povoação da Estação de Cruzeiro a sede do município em Cruzeiro. A denominação Cruzeiro assinala, geralmente, a presença de um cruzeiro na cidade ou no entorno.
Domingos Paiva, rua ✓ Topônimo composto ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Domingos de Paiva Azevedo nasceu em 12 de abril de 1817 em Salvador Fulgora, bispado do Porto em Portugal. Foi benfeitor e benemérito da Real Sociedade de Beneficiência Portuguesa, sócio fundador da Casa Paiva de Tecidos que funcionou em São Paulo no século passado e início deste século XX. Foi casado com Claudina de Paiva Azevedo. Faleceu em São Paulo, em 27 de março de 1887 (<http://www. dicionarioderuas.com.br>).
Elisa Whitacker, rua ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	A busca no acervo do Arquivo Histórico Municipal pelos pesquisadores daquela instituição nada evidenciou a respeito da homenageada.
Espírito Santo, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Homenagem ao estado do Espírito Santo. O estado foi denominado pelo donatário Vasco Fernandes Coutinho, que ali desembarcou em 1535, num domingo dedicado ao Espírito Santo. O primeiro núcleo populacional foi chamdo Vila do Espírito Santo. Devido aos ataques indígenas, Vasco Fernandes Coutinho resolveu fundar outra vila, desta vez em uma das ilhas, que foi chamada de Vila Nova do Espírito Santo (Vitória), enquanto a antiga passou a ser chamada de Vila Velha.
Fernandes Silva, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O levantamento efetuado pelos pesquisadores no acervo do Arquivo Municipal não localizou dados a respeito do homenageado.
Figueira, rua (da). ✓ Topônimo simples. ✓ Fitotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Denominação de origem popular. Toma o nome da árvore da Figueira do Brás.
Florida, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Fitotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Homenageia o estado da Florida (<http://www. dicionarioderuas.com.br>), mas poderia tratar-se de lexia indicativa da presença de flores.
Fonte, rua (da). ✓ Topônimo simples.	Denominação de origem popular, consolidada pelo Ato 972 de 1916. Acreditamos que o topônimo deriva da presença

✓ Hidrotopônimo. ✓ Bairro:Bexiga/B.Vista.	de uma fonte nas proximidades.
Fonte, largo (da). *Idem.*	*Idem.*
Fortaleza, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Homenageia a capital do Ceará.
Francisca Miquelina, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Francisca Miquelina de Souza Queiróz, senhora da alta sociedade paulistana. Filha do brig. Luíz Antônio e esposa do cel. Francisco Inácio de Souza Queiróz.
Frei Caneca, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Frei Joaquim do Amor Divino (Recife, 1779 – *idem*, 1825). Sacerdote e político. Participou da Revolução Pernambucana (1817), e por isso esteve preso durante quatro anos. Saindo da prisão retomou a atividade política, engajando-se na Confederação do Equador (1824), o que provocou sua condenação à morte por fuzilamento. Frei Caneca foi escolhido pelos republicanos como herói-símbolo do novo regime.
Garibaldi, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Giuseppe Garibaldi (Nice, França, 1807 - Caprera, Itália, 1882). Revolucionário italiano. Lutou contra a Áustria e na expedição dos Mil (1860) pela unificação da Itália. Combateu no Brasil, na Guerra dos Farrapos (SC e RS, 1839-1841) e pela França contra o papado (1870-1871).
Gazômetro, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	A denominação deriva da existência do gasômetro no local.
Genebra, rua ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Da. Genebra de Barros Leite, nasceu em 1783, e faleceu em 1836, dama paulista esposa do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza. Casou-se em segundas núpcias com o Dr. José da Costa Carvalho, Visconde de Monte Alegre.
Gomes Cardim, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim (Porto Alegre, RS, 16/ 09/1864). Formou-se em Direito em São Paulo em 1888, dedicando-se à literatura e ao jornalismo. Escreveu várias peças para teatro e foi um dos fundadores do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Durante algum tempo (1896) foi vice-intendente de Obras Públicas da Câmara Municipal, sendo eleito intendente em 1897. Deve-lhe a cidade várias obras, tais como arborização das praças públicas, calçamento de muitas ruas, construção do cemitério do Araçá etc. Autor da *Planta Geral da Capital de São Paulo de 1897.*
Hannemann, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Cristiano Federico Samuel Hannemann (1755-1843). Fundador da escola médica homeopata. A grafia correta do sobrenome é Hahnemann.
Henrique Dias, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo.	Nasceu em Pernambuco, no início do século XVII e faleceu no Recife em 1662. Como capitão-do-mato extinguiu alguns quilombos. Lutou contra os holandeses

✓ Bairro: Brás.	na segunda batalha de Guararapes (1648-1649) e participou da retomada de Recife (1654).
Herculano de Freitas, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Uladislau Herculano de Freitas. Professor da Faculdade de Direito, republicano, exerceu cargos políticos.
Hypódromo, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Assinala a existência no local do antigo Hipódromo Paulista.
Itapeva, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Litotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Itapeva, cidade paulista, nome da antiga cidade de Faxina na Alta Sorocabana. Denominação também de uma das seções da serra da Bocaina. *Itapeva* ou *itapeba* (*itá-peba*, a pedra rasteira, a laje, o penendo. SAMPAIO, 1987: p. 258).
Itapiraçaba, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Litotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Serra no Estado de Minas Gerais. *Itapiraçaba* ou *itabiraçaba* (do tupi *itapira-açaba* ou *itabira-açaba*, a pedra levantada ou empinada. SAMPAIO, 1987: p. 254).
Itaqui, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Litotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Senhor Bom Jesus do Itaqui, é a denominação de um antigo bairro no município de Cotia, nas proximidades de São Paulo. *Itaqui* ou *itaki* (do tupi *ita-ky*, a pedra aguçada ou a pedra de amolar, SAMPAIO, 1987: p. 256).
Itararé, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Litotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Cidade paulista. O município de São Pedro de Itararé, desmembrado do de Faxina, foi criado por Lei estadual nº 197, de 28 de agosto de 1803. Sua sede, São Pedro, acha-se na margem do rio Itararé. *Ita-raré* (do tupi, a pedra solapata, o conduto subterrâneo, sumidouro, tubo, cano, galeria. SAMPAIO, 1987: p. 260).
Itariry, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Litotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Itariri é nome de um rio afluente do São Lourenço, que corre no município de Iguape.
Jacarehy, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Zootopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Jacareí, cidade paulista, fundada em meados do século XVII por Antonio Afonso e seus filhos que, de São Paulo, com suas famílias e agregados se estabeleceram junto ao rio desse nome. Foi elevada à Vila em 1653 e à Cidade pela lei provincial de 03 de abril de 1849. O rio do jacaré (do tupi *yacaré-y*, SAMPAIO, 1980: p. 263).
Jacarehy, travessa. *Idem*.	*Idem.*
James Holland, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Grande proprietário de terrenos no bairro do Salta-Salta em 1896.
João de Barros, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Autor português, encarregado por D. João III de escrever a História da Índia. Donatário de Capitania. Faleceu em 20.10.1570.

João Jacyntho, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	João Jacinto de Mendonça (1817-1869). Médico gaúcho, tornou-se uma das figuras principais do Partido Conservador Riograndense. A sua atuação como Presidente de São Paulo de 1861 a 1862 foi muito apreciada .
João Passalacqua, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	João Crisóstomo Passalacqua (Scalea, Sicília,Itália , 16/ 04/ 1833 – São Paulo 1901). Chegou ao Brasil em 1867. Comprou de Leite Braga um lote na chácara do Bexiga e foi morar na rua Monte Ouro. Fundou a associação de caridade São Vicente de Paulo, que funcionava em uma sala do antigo Palácio do Bispo, na Rua do Carmo. O povo, considerando-o benemérito do bairro, obteve a troca do nome da rua Monte Ouro para João Passalacqua, denominação oficializada pela Lei N. 1108 de 30.7.1908.
Joaquim Eugenio de Lima, alameda. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B. Vista.	Uruguaiano, (06.091845 – 13.71902 São Paulo). Formou-se em engenharia na Alemanha. Viajou pela Europa e fixou-se em São Paulo. Idealizou e realizou a av. Paulista e os bairros jardins.
Joaquim Nabuco, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araujo (1849-1910). Diplomata, homem de letras, paladino da causa dos escravos.
Joly, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Família de origem francesa, proprietária de uma grande chácara no Brás, no local no qual foi aberta a homônima rua.
José de Alencar, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo.	José Martiniano de Alencar (1829-1877). Famoso romancista e dramaturgo. Bacharel em Direito. Político.
Júlio Ribeiro, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo.	Júlio Cesar Ribeiro Vaughan. Professor, jornalista e escritor. Republicano.
Jaruá, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Classificação taxionômica em estudo. ✓ Bairro: Brás.	Nome de um rio no estado de Rondônia e de uma tribo indígena. Étimo ainda em fase de estudo.
Lavradio, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Os pesquisadores do Arquivo Histórico Municipal relacionam o topônimo com o homônimo lago que deságua na margem esquerda do rio Araguaia, afluente do Tocantins(<http://www.dicionárioderuas.com.br>). Todavia, poderia tratar-se de homenagem à antiga freguesia portuguesa do Lavradio ou ao Barão do Lavradio.
Lopes Chaves, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Joaquim Lopes Chaves. Bacharel em Direito. Filiado ao Partido Conservador, não participou do movimento republicano, mas, com o advento do novo regime continuou prestando serviços ao Estado recobrindo vários cargos políticos.
Lopes de Oliveira, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo.	Manuel Lopes de Oliveira, comerciante paulistano, propagandista republicano.

✓ Bairro: Barra Funda.	
Lucas, rua (do). ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Lucas de Queiros de Assumpção. Proprietário e morador da zona em que se abre esta rua.
Dr. Luiz Barreto, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Denominação consolidada pelo Ato 972 de 1916.
Luís de Camões, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Luís Vaz de Camões (1524-1580). Famoso poeta português.
Luzitânia, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Corotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Homenagem a Portugal.
Madeira, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Fitotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Um dos maiores rios do Brasil, tributário do Amazonas.
Major Diogo, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	O major Diogo Antonio de Barros, de tradicional família paulista, fez a campanha do Paraguai como capitão do 7º Batalhão de Voluntários. Foi o fundador da primeira fábrica de tecidos de algodão em São Paulo.
Manoel Dutra, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Manuel Dutra Nunes de Morais foi diretor de um colégio em São Paulo, em 1892.
Manoel da Nóbrega, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Missionário jesuíta (Minho, Portugal 1517 – Rio de Janeiro, 1570). Chefiou a primeira missão ao Brasil (1549), dedicando-se à catequese dos índios. Seguiu para a Capitania de São Vicente (1553). Fundou o colégio que deu origem à cidade de São Paulo (1554). Juntamente com Anchieta pacificou os tamoios (1563), fundando no local a cidade do Rio de Janeiro. Escreveu *Informação das Terras do Brasil.*
Manoel Victorino, travessa. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Manuel Vitorino Pereira, médico, baiano (1853-1902). Homem de letras e jornalista. Primeiro governador da Bahia após a Proclamação da República. Quando Prudente de Morais foi eleito pre4sidente da República, seu nome foi sufragado para vice-presidente.
Maria Domitila, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Marquesa de Santos, proprietária da chácara da Figueira.
Maria Joaquina, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Efetuado um levantamento preliminar, nada foi localizado quanto à homenageada (<http:// www.dicionarioderuas. com.br>).
Maria José, rua.	O nome Maria José foi dado, ao mesmo tempo, ao

✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	logradouro e ao colégio Maria José, a primeira escola do bairro do Bexiga/Bela Vista, fundada em 1893 por Fernando de Albuquerque, engenheiro, que participou, em 1891, do Conselho de Intendência que governou a cidade de São Paulo. A escola recebeu o nome de Maria José em homenagem à mãe do Dr. Fernando, que havia falecido em 09.07.1891. Posteriormente, o Dr. Fernando doou sua escola ao Estado, com a condição de manter Da. Maria José como patrona. Transformada em escola-modelo Maria José, é a atual EEPSG Maria José. Fernando de Albuquerque foi o segundo marido de Da. Eugenia Pereira (viúva de Leite Braga), que vendeu a chácara do Bexiga para Mariano Vieira.
Maria Marcolina, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	D. Maria Marcolina Monteiro de Barros era filha de Rodrigo Antonio Monteiro de Barros (1831-1884) e de D. Ana Francisca da Silva Prado (1837-1908), que eram primos. Interessante notar que a avó materna de Maria Marcolina também tinha este nome, ou seja, ela se chamava Maria Marcolina Prado Monteiro de Barros. Maria Marcolina casou-se com Alfredo Claudio da Silva em 30.08.1879 em São Paulo e teve dois filhos: Alfredo Claudio da Silva (falecido solteiro em Recife, quando cursava a Faculdade de Direito) e Rodrigo Claudio da Silva, que se casou em Paris com Cecília Carmen Monteiro de Barros aos 14.11.191 (<http://www.dicionarioderuas. com.br>)
Maria Paula, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Esta rua foi aberta pela Baronesa de Limeira (d. Francisca de Paula Souza e Mello) em terrenos de sua propriedade e foi entregue ao trânsito público no dia 14 de maio de 1894 através do Ato nº 10 que, também oficializou a denominação de rua Maria Paula, em homenagem a Da. Maria Paula Machado, avó da baronesa de Limeira. Casada com Antonio de Barros Penteado, Da. Maria Paula teve, entre outros filhos, a Sra. Maria de Barros Leite. Esta, por sua vez, foi casada com Francisco de Paula Sousa e Mello, pais de d. Francisca de Paula Souza e Mello, a baronesa de Limeira. O marido da baronesa (Vicente de Souza Queirós - Barão de Limeira) era filho do Brigadeiro Luís Antonio de Souza (veja av. Brigadeiro Luís Antonio) e de Da. Genebra de Barros Leite, esta também homenageada na rua Genebra (<http://www.dicionarioderuas. com.br>).
Martin Burchard, avenida. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Martim Burchard, industrial e comerciante alemão que residiu e trabalhou no Estado de São Paulo.
Mendes Gonçalves, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	João Mendes Gonçalves: engenheiro atuante em São Paulo entre finais do século XIX e início do século XX (<http://www.dicionarioderuas. com.br>)..
Mendes Jr., rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo.	João de Almeida Júnior (1856-1923). Considerado um maiores jurisconsultos do seu tempo, foi catedrático e diretor da Faculdade de Direito. Deixou obras notáveis. Foi

✓ Bairro: Brás.	encarregado pelo Governo de São Paulo de organizar o Código do Processo Civil e Comercial.
Miller, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Brás: Brás.	Charles William Miller, esportista brasileiro de ascendência britânica (São Paulo, SP, 24.11.1874 - São Paulo, SP, 30.06.1953). Em 1884, após concluir o curso primário seguiu para a Inglaterra, onde cursou a Baniste Court School, de Southampton, ao mesmo tempo em que se dedicava ao futebol, críquete e tênis. Aos 19 anos, atuou como centro-avante do selecionado de Hampshire County, contra os amadores da equipe inglesa do Corinthians, constituído de estudantes de Oxford e Cambridge. Regressou ao Brasil em maio de 1888 e entrou para o São Paulo Athlétic Club, onde organizou os primeiros jogos de futebol disputados no Brasil. Em 1901 participou da fundação da Liga Paulista de Futebol. Em 1902, 1903 e 1906, a disputa da taça Álvares Penteado foi conferida, pela Liga, ao Clube Atlético Paulistano, que jogou contra entidades do Rio de Janeiro, Santos e Argentina. Representou o São Paulo Athlétic Club, defendeu as cores de São Paulo integrando a seleção que enfrentou a África do Sul, os chilenos, argentinos e outros times estrangeiros. Charles Miller está ligado à história do Brás e à tradição do futebol de várzea. Voltando da Inglaterra, ensinou as regras do jogo aos funcionários da São Paulo Railway, em cujo almoxarifado ia trabalhar. Miller organizou dois times com funcionários da Companhia de Gás e da London Bank. Os jogos aconteciam no Brás e na Várzea do Carmo (DIAFÉRIA, 2002: p.25-26).
Ministro Rocha Azevedo, alameda. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Dr. Álvaro Gomes da Rocha Azevedo (1864-1942). Bacharel em Direito, abolicionista, jornalista, fundador do Clube Republicano Mineiro e o Centro Republicano de Mococa. Ocupou cargos públicos importantes e foi prefeito de S. Paulo de 1919 a 1920. Agraciado por Alberto da Bélgica com a Comenda da Ordem da Coroa e pelo imperador do Japão com a Comenda do Sol Nascente.
Monsenhor Andrade, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Monsenhor Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade nasceu na Ilha da Madeira e fez os seus estudos canônicos em Coimbra. Em 1796 recebeu ordens sacras e veio para São Paulo nomeado cônego da Sé. Voltou a Portugal para se defender de sérias acusações que lhe eram feitas pelo governo brasileiro. Justificando-se plenamente foi restituído ao cargo de vigário geral em São Paulo. Durante mais de 20 anos prestou relevantes serviços, sendo afinal em 12 de outubro de 1826, eleito bispo da diocese de São Paulo, cargo que desempenhou com dignidade até a data de seu falecimento. Foi membro do Conselho do Governo em 1824 e 1826; vice-presidente da Província, com funções de presidente por quatro vezes de 1828 a 1831 e deputado provincial nas Legislaturas de 1835 a 1845. Em 1846, por ocasião da visita de D. Pedro II a São Paulo, foi agraciado

	com a Gran-Cruz da Ordem de Cristo. Faleceu em São Paulo em 26 de maio de 1847 (<http://www. dicionarioderuas. com.br>)...
Monsenhor Passalacqua, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Monsenhor Camilo Passalacqua, sacerdote de grande prestígio na sociedade paulistana. Catedrático da Escola Normal de São Paulo, diretor espiritual da Casa Pia de São Vicente de Paulo, prestou relevantes serviços na obtenção de recursos materiais para a manutenção daquela instituição.
Norte, largo do ✓ Topônimo simples. ✓ Cardinotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O largo tomou o nome da Estação do Norte.
Nova de São José, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Cronotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	A antiga rua Nova de São José foi aberta pelo capitão-geral marechal frei José Raymundo Chichorro da Gama Lobo (1786-1788). A motivação devocional a São José era só aparente, conforme apontado por Dick > Como era costume – e até hoje isto pode ocorrer – colocava o fundador ou o colonizador da área em questão o seu próprio nome no local e, por um sinal de suposta modéstia, fazia-o anteceder do determinante "santo" ou "são". Com isso atingia uma dupla finalidade: a preservação da memória do fundador e a homenagem a um santo, conforme determinação da Igreja, que poderia ser, ou não, da devoção daquele (DICK, 1996: p. 182-183). A rua estava localizada no centro velho e nos Oitocentos passou a se chamar Libero Badaró, do nome do jornalista de origem italiana, assassinado em 19.11.1889. O *Índice Official* das ruas de São Paulo de 1926 re-propõe a denominação no bairro do Brás.
Olaria, rua (da). ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Assinala a presença de olaria no local.
Oleiros, rua (dos). ✓ Topônimo simples. ✓ Sociotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Marca a presença de oleiros no local.
Oriente, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Cardinotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Homenageia a cidade de Oriente (estado de São Paulo).
Dr. Ornellas, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimos. ✓ Bairro: Brás.	Dr. Manuel Joaquim de Ornellas, ou de Ornelas, português, foi o primeiro administrador dos Correios de São Paulo. O serviço de correios, criado pelo capitão-geral Antonio Manuel de Melo Castro e Mendonça em 1798, ligava São Paulo a Santos e ao Rio de Janeiro.
Dr. Pacheco e Silva, rua. ✓ Topônimo composto.	O Dr. José Correa Pacheco e Silva foi magistrado e político brasileiro. (Itu, SP, 1778 - Rio de Janeiro, RJ, 1836).

✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Deputado suplente participou da Constituinte brasileira em 1823, fez parte do triunvirato que governou São Paulo após a independência, entre 1822 e 1823, e das legislaturas de 1826 a 1837.
Padre Lima, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Pe. Francisco de Paula Lima. Professor do seminário de Itu, pároco em Capivari, vigário em Campinas, Descalvado, São João da Boa Vista e Itatiba.
Pamplona, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	José Coelho Pamplona, Visconde de Porto Martin. Cunhado de Mariano Vieira.
Parahyba, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Hidrotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Homenageia o estado da Paraíba. O rio ruim, impraticável pelas dificuldades naturais da corrente (do tupi *pará-ayba*, SAMPAIO, 1987: p. 294).
Pary, largo do. ✓ Topônimo simples. ✓ Ergotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O Parí é um antigo bairro da Freguesia do Braz, à margem esquerda do Tietê, São Paulo. Étimo tupi, significando o cercado de apanhar peixe, o curral de peixe. (SAMPAIO, 1987: p. 296)..
Pasteur, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Homenagem a Luiz Pasteur, cientista francês (1822-1895).
Paulista, avenida. ✓ Topônimo simples. ✓ Etnotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Homenageia os paulistas. O alto do espigão onde corre a Av. Paulista, foi, desde os tempos coloniais, conhecido como Morro do Caaguassú. A primeira sugestão para a abertura de uma rua no local partiu do então vereador João Ribeiro de Lima que assim se pronunciou no dia 14/03/1878: [...] sendo de suma necessidade e utilidade pública a abertura de um caminho que partindo do alto do Caguassú (estrada de Santo Amaro - atual av. Brig. Luís Antonio) e passando pelo lugar denominado Mandiocal, e por uma parte de terra do Major Benedito Antonio da Silva vá sair no caminho dos Pinheiros [...] (<http://www.dicionarioderuas.com.br)>. A sugestão não prosperou, mas, a partir de 1880, o novo proprietário, Mariano Antonio Vieira, resolveu por conta própria abrir uma larga picada na mata que teria de largura cerca de 50 metros. Assim, foi aberta a estrada ou rua da Real Grandeza, primeira denominação da av. Paulista. Os empresários José Borges de Figueiredo, Joaquim Eugênio de Lima e João Augusto Garcia, ligados ao ramo imobiliário, aproveitaram a já aberta rua da Real Grandeza e, mediante um novo projeto e diversos melhoramentos, inauguraram no dia 08/12/1891 a chamada Av. Paulista.
Peixoto Gomide, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Francisco de Assis Peixoto Gomide (1849-1906). Bacharel em Direito, jornalista, político, republicano.
Dr. Pennaforte Mendes, rua. ✓ Topônimo composto.	O Dr. Francisco Pennaforte Mendes de Almeida, bacharel em Direito pela Academia de São Paulo em 1883, dedicou-

✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	se à advocacia e ao jornalismo. Exerceu o cargo de vereador na última Câmara do período monárquico.
Piratininga, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Zootopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Homenageia o planalto de Piratininga no qual os jesuítas fundaram a Vila de São Paulo. Do tupi *pirá-tininga* (peixe a secar, designa o rio que, por efeito dos transbordamentos, deixa o peixe fora da água, em seco, exposto ao sol. SAMPAIO, 1987: p. 303).
Progresso, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Animotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Denominação de inspiração positivista.
Quatorze de Julho, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Historiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Comemoração da tomada da Bastilha em 1789.
Rangel Pestana, avenida. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Francisco Rangel Pestana (1839-1903). Jornalista, advogado, político. Com a proclamação da República fez parte com Prudente de Morais e Souza Mursa do triunvirato que assumiu a direção da Província. Elaborou o projeto e a constituição republicana.
Dr. Ricardo Batista, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	O Dr. Ricardo Batista, médico em Casa Branca, foi republicano histórico. Faleceu no desempenho da função de Senador Estadual de São Paulo.
Dr. Ricardo Gonçalves, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Ricardo Mendes Gonçalves (1883-1916). De ilustre família paulistana, tentou sem sucesso a profissão de advogado. Político, intelectual, poeta, jornalista, amigo de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Suicidou-se por motivos passionais no Hotel Brasil, no bairro do Brás.
Rio Bonito, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Animotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Antiga povoação chamada Capela ***do*** Samambaia existente nas proximidades de Botucatu. Freguesia pela lei provincial de 28.2.1866. Desde 1921 esta antiga povoação transformou-se na atual cidade de Bofete (<http: www.dicionárioderuas.com.br>). Partindo do pressuposto que os rios passam geralmente o nome aos acidentes geográficos e humanos do entorno, não excluímos que o topônimo possa fazer referência ao município de Rio Bonito, RJ. Conta a história que o batismo da localidade com nome de Rio Bonito deve-se à passagem pelo local dos Sete Capitães, que, dirigindo-se a Macaé, ficaram impressionados com um belo riacho que atravessava região. Porém, as informações sobre o povoamento de Rio Bonito datam da segunda metade do século XVIII. Os Sete Capitães foram um grupo de militares, alguns nascidos no Reino e outros no Brasil, que receberam parte das terras do norte fluminense em sesmaria no século XVII. São considerados os exploradores e primeiros colonizadores da região de Campos dos Goytacazes, Conceição de Macabu, Carapebus, Macaé, Quissamã e Rio Bonito.

Rio Claro, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Cromotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Cidade do estado de S. Paulo, fundada em 1826. Seus primeiros povoadores foram: o ituano Antonio Pais de Barros (primeiro barão de Piracicaba), o capitão Francisco da Costa Alves, Joaquim José de Andrade e Manuel Pais de Arruda. Foi capela, em 1827, sob a denominação de São José do Ribeirão Claro de Piracicaba, freguesia em 1830 sob a denominação de São João do Rio Claro, vila em 1845 e cidade em 1857. A lei estadual n. 975 de 20.12.1905 substituiu a antiga denominação pela atual: Rio Claro. A denominação deriva da presença de um rio de águas claras nas proximidades.
Rocha, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Litotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Denominação de origem popular, consolidada com o Ato 972 de 24.06.1916.
Rodrigues dos Santos, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Brasílio Rodrigues dos Santos (1854-1901). Juiz, professor da Faculdade de Direito, político, jornalista, orador, republicano.
Rubino de Oliveira, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	José Rubino de Oliveira (Sorocaba, SP, 24.08.1837 – 04.08.1891). Seleiro de profissão, veio para São Paulo, matriculando-se no Seminário Episcopal, decidido a abraçar a carreira eclesiástica. Após quatro anos de estudos abandonou este seu projeto e resolveu ingressar na Academia de Direito. Bacharelou-se em 1868 e doutorou-se em 1869. Católico convicto manteve polêmicas notáveis com os protestantes, mudando-se em 1871 para Atibaia, onde pretendia advogar. Dotado de grande facilidade para falar, ocupou interinamente várias cadeiras na Academia até 1882, data em que assumiu a cátedra de Direito Administrativo, permanecendo no cargo por alguns anos.
Ruy Barbosa, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Jornalista, orador, político, abolicionista (Salvador, 1849 – Petrópolis, RJ, 1923). Elaborou a reforma eleitoral e pareceres sobre o ensino. Defendeu o regime federativo. Ministro da Fazenda e vice-presidente (1889-1891). Participou da primeira constituição republicana. Apontado como rebelde na Revolta da Armada (1893) exilou-se até 1895. Representou o Brasil na Segunda Conferência da Paz em Haia (1907). Candidato à presidência em 1910 (Campanha Civilista), 1914 e 1919. Publicou muitas obras jurídicas, peças de oratória e crítica literária.
Saldanha Marinho, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Brás: Barra Funda.	Joaquim Saldanha Marinho, pernambucano (1816-1895), bacharel em direito secretário do governo e promotor público para o Ceará. Promoveu a fundação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro,
Salta-Salta, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Dirrematotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Denominação de origem popular, ligada à existência do bairro do Salta-Salta.
Sampaio Moreira, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo.	Francisco de Sampaio Moreira, comerciante de São Paulo, acumulou grande fortuna e contribuiu para o desenvolvimento do Brás.

✓ Bairro: Brás.	
Sampson, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	O cidadão britânico Sampson, Esq. foi proprietário de uma chácara no local em que foi aberta a rua que leva seu nome.
Sant'Anna, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Nome de uma santa do hagiológio católico.
Santa Clara, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Designa vários acidentes geográficos do Brasil e um rio de São Paulo, no município de Rio Pardo. É também o nome de um antigo Recolhimento existente em Sorocaba.
Santa Cruz da Figueira, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hierotopônimo. ✓ Bairro; Brás.	A rua tomou o nome da capela construída em 1877 e demolida em 1976, para dar andamento às obras do metrô.
Santa Rita, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Nome de uma santa do hagiológio católico, comemorado no dia 22 de maio.
Santa Rosa, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Nome de uma santa do hagiológio católico, comemorado no dia 30 de agosto.
Santo Amaro, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	[...] Esta rua originou-se do velho "Caminho para Santo Amaro", aberto ainda no século XVI, e que servia de ligação entre a Vila de São Paulo e o aldeamento indígena chamado "Ibirapuera", este fundado pelo Padre José de Anchieta em 1560. Ao lado da antiga aldeia, estabeleceram-se João Paes e sua esposa Suzana Rodrigues que eram devotos de Santo Amaro e, em seu louvor, erigiram uma capela. Criada a paróquia em 1686, a povoação de Santo Amaro foi elevada para a condição de Vila (município) em 1832. Através do Decreto Estadual nº 6.983 de 22/02/1935, Santo Amaro foi anexado à Capital. Sendo, portanto, um dos mais antigos logradouros paulistanos, entre os séculos XVII e XVIII a rua Santo Amaro era considerada quase que uma extensão da rua Direita que, descendo pelas encostas do Anhangabaú (antiga ladeira de Santo Amaro e atual rua Dr. Falcão), seguia até o largo do Bexiga (atual praça da Bandeira) e tomava o rumo da encosta que levava ao Caaguaçú (espigão da av. Paulista). Em finais do século XIX, a sua extensão era a seguinte: começava no largo do Riachuelo (antigo do Bexiga e atual Praça da Bandeira) e terminava na av. Paulista. Posteriormente, o trecho entre a praça Perola Byington e a av. Paulista passou a fazer parte da av. Brigadeiro Luís Antonio (<http://www. dicionarioderuas. com.br>). Por volta de 1822, um trecho da rua Santo Amaro ficou conhecido como rua do Curral, denominação proveniente

	do curral do Concelho, que servia também de matadouro público. Chamou-se, a seguir, rua do Matadouro Velho e Subida do Bexiga. (AMARAL, 2006: p. 558)).
Santo Antônio, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	A Igreja de Santo Antonio foi edificada por devotos em 1717. A antiga capela que existiu no mesmo local foi substituída pela existente.
São Carlos do Pinhal, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista	Cidade do estado de São Paulo. Deve seu nome à abundância de pinhas.
São Domingos, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	A denominação provém, provavelmente, da capelinha construída por Domingos José Coelho da Silva, em 1833, no bairro do Bexiga. O hagiológio católico comemora São Domingos no dia 6 de agosto.
São Manoel, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Denominação confirmada pelo Ato 872 de 1916. Homenagem prestada ao santo do hagiológio católico.
São Miguel, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Antigo arraial, próximo de São Paulo, que teve início com o aldeamento de índios imigrados da aldeia de Taquacetuba em 1623, por acordo tomado pelos oficiais da Câmara de São Paulo em 21.09.1622. Aos paulistas Fernão Munhoz e João Álvares deve-se a construção da capela existente, como consta do inventário de Álvares, feito em 1673
São Vicente, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	A vila de São Vicente foi fundada por Martim Afonso de Souza, em 1532. Sua povoação é a mais antiga do Brasil. Foi cabeça da Capitania do mesmo nome até 22 de março de 1681, data em que esse privilégio passou para a Vila de São Paulo.
São Vicente de Paulo, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Hagiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Homenageia o santo do hagiológio católico, fundador da homônima associação beneficente.
Saracura Pequena, rua. ✓ Topônimo híbrido. ✓ Zootopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Nome do ribeirão no bairro do Bexiga/Bela Vista. (Do tupi *tara-cura*, galinha d'água, engole milho, ave pernalta, SAMPAIO, 1987: p. 313).
Sayão Lobato, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	João Evangelista de Negreiros Saião Lobato, fidalgo da Casa Imperial, mineiro (1817-1894). Formado em direito pela Academia de São Paulo. Exerceu números cargos públicos.
Dr. Sérgio Meira, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	O Dr. Sergio Florentino de Paiva Meira (1857-1917). Natural de Recife. Estudou medicina no Rio de Janeiro. Nomeado Inspetor Geral de Higiene de São Paulo permaneceu no cargo após a proclamação da República, em 1889. Com a reforma dos serviços a seu cargo, foi nomeado diretor da Higiene em 30 de julho de 1892. Organizou o laboratório de Análises Químicas, do Instituto Bacteriológico, com a cooperação do professor Le Dantc, da Farmácia do Estado e um dos fundadores da Sociedade

	de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da Policlínica, da Gota de Leite. Foi ainda diretor da Clínica da Beneficência Portuguesa, médico e mesário da Santa Casa de Misericórdia e membro da Comissão permanente do Instituto Pasteur. Como fazendeiro ocupou por muito tempo o lugar de diretor da Sociedade Paulista de Agricultura. Exerceu ainda numerosos outros cargos sempre com grande brilho e eficiência.
Silva Telles, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Dr. João Carlos da Silva Telles (1814-1901). Político, juiz, autor do *Repertório da Legislação Provincial de São Paulo no período de 1835 a 1875.* Proprietário de uma chácara no atual bairro do Pari.
Solimões, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	[...] O rio Amazonas, no trecho compreendido entre as confluências com o rio Negro e Tabatinga, na fronteira do Brasil com o Peru, recebeu a denominação particular de Solimões, denominação essa com todas as características de uma pura origem portuguesa. O topônimo, entretanto, tem um étimo eminentemente ameríndio, pois é oriundo do nome de uma tribo que, nos idos do descobrimento e ainda muito tempo depois, dominava aquele trecho do rio e que era, justamente, denominado o gentio *Sorimã.* (LEVY CARDOSO, 1961: p. 111). [...] os topônimos Solimões, Acre, e outros, todos de aparência nitidamente lusitana é, apenas, uma forma corrompida do nome de um antigo cacique de umas tribos que, outrora, dominou o tão encachoeirado curso d'água (*Ib.*, p. 170). Lexia *nheengatú* (?). Nheenegatu (língua geral amazônica) = a língua boa, a língua verdadeira.
Souza Caldas, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Padre Antônio Pereira de Souza Caldas (1792-1814). Veio para o Brasil com a família real em 1808.
Souza Lima, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Carlos Augusto de Souza Lima (1846-1900). Ministro do Tribunal de Justiça de São Paulo e Presidente deste mesmo tribunal durante alguns anos.
Thiers, rua. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Personalidade da história da Franca.
Treze de Maio, largo. ✓ Topônimo composto. ✓ Historiotopônimo. ✓ Bairro: Bexiga/B.Vista.	Treze de maio de 1888, data da assinatura da Lei Áurea que aboliu a escravidão negra no Brasil.
Treze de Maio, rua. *Idem.*	*Idem.*
Uruguayana, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Zootopônimo. ✓ Bairro: Brás.	A denominação lembra a vitória das tropas brasileiras, em setembro de 1865, após o sítio da cidade de Uruguaiana fortificada pelos paraguaios. O sítio da cidade foi assistido pelo Imperador D. Pedro II. (<http://www. dicionarioderuas. com.br>).

	O significado de Uruguai, e portanto, de Uruguaiana não foi ainda completamente esclarecido (<http:// ca.wikipedia .org/wiki/ 1600>). Muito provavelmente trata-se de um topônimo de língua guarani, significando o rio dos búzios ou dos caracóis (de *uruá-y*, *uruguá-y*, SAMPAIO, 1987: 341). Antonio Geraldo da Cunha (1982, p: 805) defende que a lexia Uruguayana deriva (i) do tupi *uru* sm., nome comum às aves galiformes da fam. dos fasianídeos, em 1584, (ii) do tupi *uru,* sm., cesto de palha (XIX século).
Várzea, rua (da). ✓ Topônimo simples. ✓ Geomorfotopônimo. ✓ Bairro: Barra Funda.	Lembra a chamada Várzea da Barra Funda (inundável pelas cheias do Tietê).
Vasco da Gama, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Navegador português (Sines, Portugal, 1469 – Cochim, Índia, 1524). Em uma expedição à procura de especiarias contornou a África, foi até Moçambique. Seguindo para Calicute (1498) encontrou um novo caminho para a Índia, tornando-se governador e vice-rei desta.
Vautier, rua. ✓ Topônimo simples ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Sobrenome de uma antiga família de São Paulo, proprietária de grandes glebas de terras no Brás. O Dr. Artur Vautier foi sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.
Victor Hugo, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Famoso escritor francês, autor de clássicos da literatura universal.
Vidal de Negreiros, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Antropotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	André Vidal de Negreiros (Engenho São João, PB, 1606 – Engenho Novo de Goiânia, PE, 1681). Combateu os holandeses na Bahia (1624). Principal chefe do movimento de restauração pernambucana. Participou das duas batalhas de Guararapes. Governador do Maranhão (1655), de Pernambuco (1657-1661 e 1667) e de Angola na África (1661-1666).
Vinte e Um de Abril, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Historiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Comemora a data da execução (21.4.1792) de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, herói da Inconfidência Mineira e herói-símbolo dos republicanos.
Visconde de Abaeté, rua. ✓ Topônimo composto. ✓ Axiotopônimo. ✓ Bairro: Brás.	Antonio Paulino Limpo de Abreu (Lisboa, 1798-Rio de Janeiro 1883). Chegou ao Brasil em 1809. Político. Autor do Protesto contra o ato do Parlamento Britânico, de 08.08.1845, que sujeitava ao alto Tribunal do Almirantado Britânico os navios brasileiros que estivessem transportando escravos. Deputado (1826, 1841, 1842, 1845). Presidiu a Câmara dos Deputados (1830-1833 e 1845-1847). Presidente de Minas Gerais (1833). Ministro no período regencial (1835, 1836 e 1840) e no Segundo Reinando (1844, 1848, 1853 e 1858). Senador (1847). Presidente do Senado (1861-1873).
Brás, bairro. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo.	O bairro deve seu nome ao português José Brás.

Bexiga,[7] bairro. ✓ Topônimo simples. ✓ Antropotopônimo.	O bairro deve seu nome ao dono da estalagem denominado Bexiga.
Bela Vista, bairro ✓ Topônimo composto ✓ Animotopônimo.	O bairro deve seu nome à iniciativa dos italianos.
Barra Funda, bairro. ✓ Topônimo composto. ✓ Hidrotopônimo.	O bairro deve seu nome à retirada de areia das margens do Tietê, que modificou as margens do rio, tornando-as mais profundas.

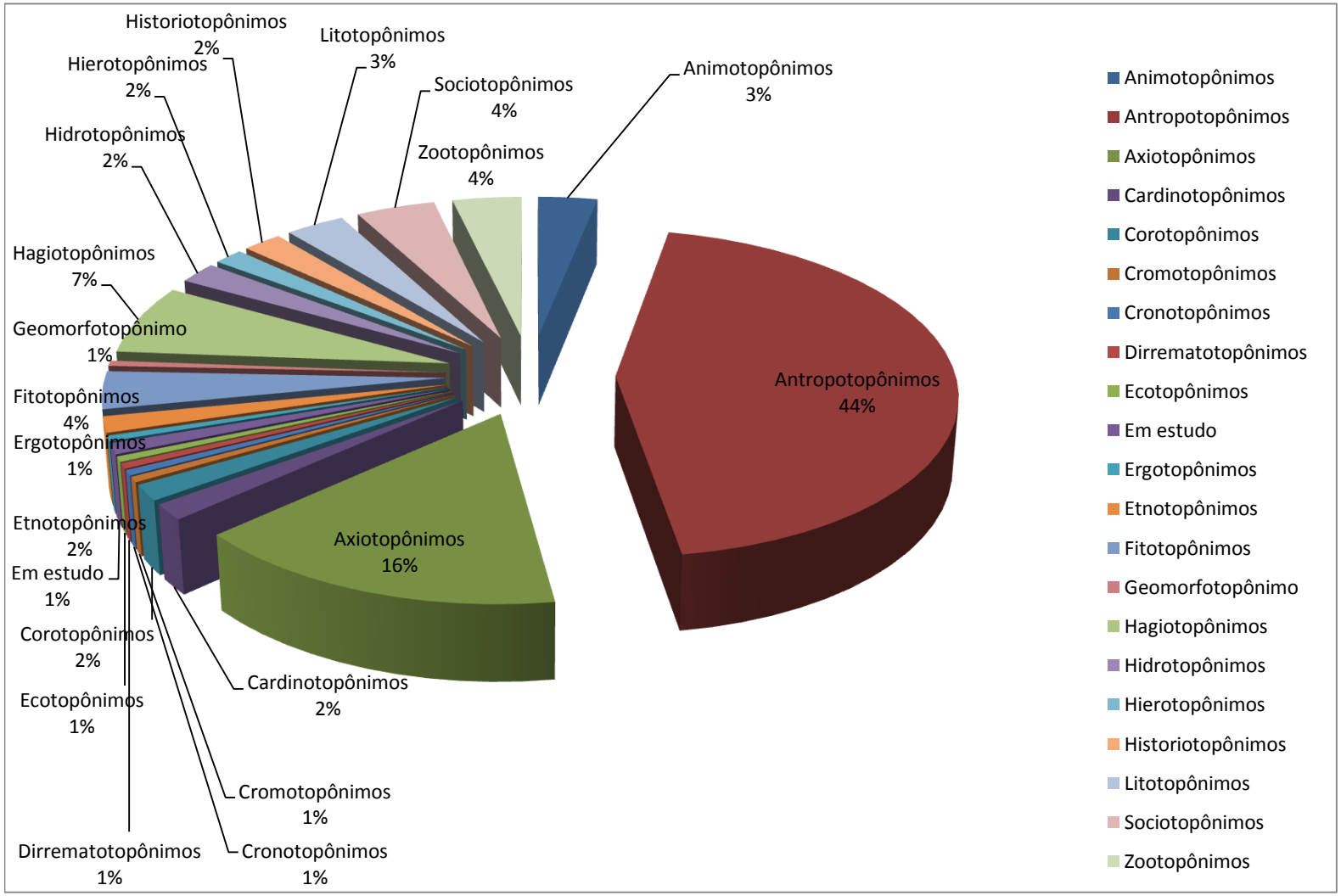
4.3 ANÁLISE QUALITATIVA DO *CORPUS*

Aplicando ao *corpus* as taxionomias toponímicas de Dick (1992: p.23-34), elaboramos o estudo da distribuição qualitativa dos topônimos no território, objeto da nossa pesquisa, a partir da consolidação, em 1926, do inventário toponímico dos bairros em apreço.

AH Taxionomias de natureza antropo-cultural	N.	AF Taxionomias de Natureza física	N.	Topônimos Em estudo N. & %
Animotopônimos	6	Fitotopônimos	7	2
Antropotopônimos	83	Geomorfotopônimos	1	
Axiotopônimos	31	Hidrotopônimos	4	
Cardinotopônimos	3	Litotopônimos	6	
Corotopônimos	3	Zootopônimos	7	
Cromotopônimos	1			
Cronotopônimos	1			
Dirrematotopônimos	1			
Ecotopônimos	1			
Ergotopônimos	1			
Etnotopônimos	3			
Hagiotopônimos	13			
Hierotopônimos	3			
Historiotopônimos	3			
Sociotopônimos	9			

Tabela 5: Taxionomias do *Corpus* (1926)

[7] Esclarecemos que somente para efeito de contagem do número de topônimos do *corpus*, de estatística e de motivação toponímica, separamos o Bexiga da Bela Vista.



Histograma 1
Representatividade das taxes

A análise qualitativa evidencia a elevada freqüência de antropotopônimos e de axiotopônimos e a presença diminuta de outras taxes.

As personalidades homenageadas são políticos, intelectuais, médicos, engenheiros, professores, empreendedores, proprietários de terras, moradores e moradoras, beneméritos e beneméritas dos bairros. Entre as mulheres destacam-se a baronesa de Portocarrero e a marquesa de Santos, personagens menores da história nacional. Cabe ressaltar que os nomes de batismo dos homenageados pertencem todos, sem exceção, ao hagiológio católico.

A análise qualitativa evidencia a elevada freqüência de antropotopônimos e de axiotopônimos e a presença diminuta de outras taxes. As personalidades homenageadas são políticos, intelectuais, médicos, engenheiros, professores, empreendedores, proprietários de terras, moradores e moradoras beneméritos dos bairros. Entre as mulheres destacam-se a baronesa de Portocarrero e a marquesa de Santos, personagens menores da história nacional. Cabe ressaltar que os nomes de batismo dos homenageados pertencem todos, sem exceção, ao hagiológio católico.

4.4 TOPONÍMIA REPUBLICANA

No século XIX e nas primeiras décadas do XX desenvolveu-se uma nova forma de nomear.

A acentuada tendência de homenagear ainda em vida personalidades de relevo sobrepujou o espontâneo e o popular no inventário toponímico do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda, tornando-se a prática que pautou as motivações dos denominadores a partir da Proclamação da República.

A Primeira República foi muito produtiva na criação e na manipulação do imaginário social, recurso tradicionalmente utilizado por regimes recém-instaurados à procura de legitimação.

O proletariado não teve participação ativa na formação e na proclamação da República. Foi incorporado à sociedade moderna nos termos da proposta positivista de

uma política social a ser desenvolvida pelo Estado. O direcionamento das visões republicanas para um mundo não elitista, como é o proletariado:

> [...] não poderia ser feito por meio do discurso, inaccessível a um público com baixo nível de educação formal. Ele teria de ser feito mediante sinais mais universais, de leitura mais fácil, como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos (CARVALHO, 2007: p. 10).

O mito fundamental do imaginário é o mito de origem universal presente em todas as culturas humanas. Nas mais antigas é uma figura mitológica: o herói epônimo, que deu origem à estirpe. No mundo moderno, o herói é um ser real, que encarna o modelo de valores de uma coletividade.

Mitos de origem criados por regimes recém-instaurados tornam-se um meio eficaz para veicular a superioridade da nova situação social, econômica e política.

A manipulação do imaginário é elemento de relevo em momentos de mudanças sociais, de definição e de redefinição das identidades nacionais, construções abstratas, elaboradas pelos intelectuais, mutáveis no tempo, porque criadas conforme a visão de um grupo social proeminente em determinado contexto histórico.

O grupo de intelectuais em evidência em determinada época re-elabora as manifestações político-culturais da vida de um povo, articulando-as de forma a interpretar o passado em função da realidade que está sendo construída e das suas implicações num futuro próximo, vai impactar diretamente na etnicidade de uma comunidade.

A identidade nacional é o processo de identificação dos indivíduos com um conjunto de características coletivas através das quais um grupo social humano é definitivamente reconhecível.

Esta identificação não é de natureza biológica. Baseia-se no sentimento de etnicidade que espelha a cultura de um povo fazendo com que os indivíduos, coletivamente, se sintam partícipes da mesma origem, das mesmas tradições e da mesma história.

A tarefa de estimular o sentimento dos indivíduos de pertencer a um mesmo grupo sociocutural foi demandada pelos republicanos à arquitetura, às artes figurativas e à toponímia, meios de canalização tradicionais, adequados à representação do panteão de heróis, ideólogos, líderes cívicos e militares do novo regime.

Edifícios, esculturas e pintura histórica demandavam tempos de execução demasiadamente longos. A toponímia proporcionou aos republicanos a vantagem imediata de registrar no mapa uma nova memória da cidade, dotando a malha viária do espaço urbano de um novo inventário toponímico.

As atas da Câmara registram meticulosamente os eventos da nova era em São Paulo seja no dia da proclamação da República seja nos meses sucessivos. Dos documentos camerais percebe-se como a nomenclatura dos logradouros da Capital foi objeto de manipulação de política.

> Em 19 de novembro de 1889 a Câmara reuniu-se em secção ordinária. Os camaristas iniciaram os trabalhos com a leitura do ofício de 16 de novembro de 1889, assinado por Prudente de Moraes, Joaquim de Souza Mursa e Francisco Rangel Pestana, com o qual o governo provisório solicitava a adesão de vereadores e munícipes ao "regimem da liberdade" (ATAS, v. LXXV, p. 316).

A ata relata de maneira clara e concisa a chegada de populares [...] com a bandeira da República e música à frente [...], que acompanharam Martinho Prado Junior que, em nome do povo, pede à Câmara a aprovação da mudança de nome de alguns logradouros do centro da cidade (Id., Ibid.*)*.

A moção, assinada por Carlos Garcia, Clementino de Souza e Castro e Martinho Prado Júnior, interessava exclusivamente algumas ruas do centro velho:

Denominações Existentes	**Novas denominações**
Imperador, rua do	Marechal Deodoro, rua
Imperatriz, rua da	XV de Novembro, rua
Princesa, rua da	Benjamin Constant, rua
Conde d'Eu, rua do	Glycério, rua
Príncipe, rua do	Líbero Badaró, rua
Comércio da Luz, rua	Tiradentes, avenida

Tabela 6 – Mudança de denominação
de alguns logradouros do centro velho de São Paulo

Naquela mesma secção, o vereador João Augusto Garcia propôs que o largo 7 de abril mudasse a denominação para XV de Novembro, mas acabou aceitando a sugestão de Correa de Moraes de chamar o logradouro de praça da República.

Uma vez definidas as primeiras mudanças na toponímia do centro histórico, os republicanos passaram a concentrar suas atenções nos bairros da cidade, iniciando pelo Brás.

A pauta das indicações dos vereadores reunidos na secção extraordinária de 27.11.1889, apresentada por João Augusto Garcia, aprovada por unanimidade pelos camaristas na secção de 3.12.1889, rezava:

> Indico que a rua Benjamin Constant na freguesia do Braz passe a denominar-se Benjamin de Oliveira, por isso que a Câmara na sessão passada pôs aquele nome na rua da Princesa, em homenagem ao atual Ministro da Guerra (ATAS, v. LXXV:. p. 331).

O clima político-patriótico da cidade repercutiu nos moradores da rua do Brás, que apresentaram à Câmara requerimento solicitando autorização para mudar a denominação do logradouro para Rangel Pestana [...] como prova de tributo e reconhecimento pelos patrióticos serviços prestados por aquele cidadão a este estado em particular e ao país em geral (ATAS, v. LXXV, p. 340).

Não há elementos que possam contribuir para determinar se a vontade popular foi monitorada por políticos e ativistas republicanos ou se foi uma manifestação espontânea. Seja como for, a ata registra um fato sintomático, representativo de uma nova tendência sócio-cultural na nomenclatura da malha viária urbana.

A partir de 1889 o emprego da antroponímia tornou-se um fenômeno irreversível, consolidado na nomenclatura paulistana e utilizado ininterrupta e sistematicamente até os nossos dias.

O discurso político estendeu-se também ao passado colonial de São Paulo (e da nação) e aos eventos ligados à Abolição.

O Brasil colônia é comemorado nas denominações das ruas que homenageiam o planalto de Piratininga, Manoel da Nóbrega, os índios Xavante, o Anhanguera e os heróis das guerras contra os holandeses (Vidal de Negreiros e Henrique Dias). A Abolição é celebrada, respectivamente nos topônimos rua (da) Abolição, rua Treze de Maio e largo Treze de Maio.

O regime republicano desestabilizando a toponímia do Brás, do Bexiga/Bela Vista e da Barra Funda, determinou a passagem das denominações descritivas às denominações comemorativas e histórico-simbólicas. Citamos algumas mudanças ocorridas nos primeiros decênios do século XX, extraídas do inventário toponímico dos bairros em apreço:

- rua Saracura Grande (Brás) > rua Almirantes Marques Leão em 1919;
- rua da Ponte Preta (Brás) > rua Dr. Ricardo Gonçalves em 1916;
- rua do Monte (de) Ouro (Bexiga) > rua João Passalacqua em1908;
- rua da Casa Verde (Barra Funda) > rua Capitão-Mor Gonçalo Monteiro em 1918.

Os topônimos de índole religiosa foram mantidos todos, com exceção da rua do Ó (Barra Funda), denominada Dr. Sérgio Meira com a Lei 2076 de 1917 e da rua Santa Cruz da Figueira, que, com Ato 2492 em 1915), tornou-se Capitão Faustino Lima.

A rua do Ó comemorava a festa, de origem portuguesa, da Expectação do Parto da Santíssima Virgem. Na cerimônia religiosa entoavam-se antífonas precedidas pelo vocativo *O!*, de uso comum nas ladainhas católicas, razão pela qual as celebrações ficaram conhecidas como Festa de Nossa Senhora do Ó. A lembrança desta antiga devoção permanece no bairro denominado Freguesia do Ó.

O *corpus* registra a transladação de algumas denominações para outros logradouros dos bairros em exame e a substituição dos nomes transladados por denominações de índole antroponímica como, por exemplo, a mudança de nome da rua São Vicente de Paulo (Bexiga/Bela Vista) em Aguiar de Barros e a transladação daquele hagiotopônimo para outra rua do mesmo bairro (Ato N. 10 de 14.5.1894). A antiga rua Cruz Branca (denominada Rodrigues dos Santos) passou a indicar outra rua do bairro do Brás.

No começo do século XX a municipalidade percebeu a existência de logradouros com denominações em duplicata como, por exemplo, Brás largo e travessa e resolveu baixar, em 1919, a Lei 2.220, cujos artigos 2 e 3 determinavam a substituição dos topônimos repetidos. A lista de logradouros com denominações em duplicata consta do *Índice Official* (1926: p. 175), que reza que denominações em duplicata de logradouros serão substituídas, futuramente, por outras [...] que de preferência se relacionem com os fastos da cidade.

A medida visava diversificar os topônimos da malha viária, mas não levava em consideração que a substituição de um topônimo por outro implica a eliminação do topônimo do mapa e da memória da cidade.

CONCLUSÕES

Os dados arrolados nos permitem identificar perdas e aquisições toponímicas no Brás, no Bexiga/Bela Vista e na Barra Funda.

O inventário toponímico resultante delas é função da dinâmica do agrupamento social ao qual o denominador pertence e permite estabelecer um confronto entre padrões de comportamento humano, nos vários períodos da organização histórica dos grupos que se fixaram na área: podemos notar que, em determinados estágios da vida da comunidade, alguns mecanismos de denominação se afirmaram com uma freqüência maior que outros.

Os primeiros núcleos de portugueses que se fixaram no Brás e no Bexiga/Bela Bela Vista adotaram alguns hábitos dos nativos, a língua e a toponímia deles por razões de adaptação à nova terra, que envolvia sobrevivência e locomoção.

Na época das bandeiras os paulistanos caracterizavam-se por um estilo de vida peculiar, desvencilhado dos parâmetros comportamentais da pátria de origem, influenciado pela cultura indígena e direcionado à descoberta do sertão. ´ O aparecimento de topônimos urbanos comemorativos da terra portuguesa (rua Coimbra, rua Luzitânia, rua Luis de Camões) remonta a épocas posteriores ao bandeirismo.

Os grupos de europeus residentes nos bairros em apreço nos séculos XVI, XVII e XVIII, empregaram o tupi (língua geral paulista) nas comunicações diárias, mas não fizeram dele o meio de construção do inventário toponímico que foi se formando aos poucos.

No século XVIII a toponímia tupi foi desaparecendo por efeito do desaparecimento da sociedade e da língua indígena. Os topônimos tupi remanescentes se configuram como língua cristalizada, termo empregado pelos toponimistas, para definir denominações provenientes de línguas não mais faladas, que testemunham a existência ou simplesmente a passagem de grupos humanos no território.

Apenas os numerosos cursos d'água da região, mantiveram as denominações pré-existentes à chegada dos portugueses, pelo papel de relevo que os rios exercem na vida dos habitantes de um país. Eles fornecem água e alimentos às comunidades que vivem em suas margens e transformam-se em vias de comunicação quando são navegáveis. A presença de um rio condiciona, geralmente e não somente no Brasil, a denominação de cidades e vilas do seu entorno.

Os nomes indígenas dos antigos caminhos, que constituíam as vias de comunicação entre São Paulo e outras cidades e vilas e que estabeleciam a ligação entre os bairros paulistanos, transformaram-se, com o passar do tempo em denominações portuguesas.

O topônimo tupi que mais resistiu ao desgaste do tempo e às novas tendências denominativas, que foram se formando, foi o Capão. O sítio mudou de nome apenas no século XIX, transformando-se no bairro da Bela Cintra, e por breve tempo foi chamado pelos populares de chácara das Jabuticabas.

Os logradouros públicos, com exceção das ruas Saracura Pequena, Piratininga e Pary, não foram denominadas em tupi. Os restantes 16 topônimos de origem indígena homenageiam acidentes geográficos localizados em várias localidades do território brasileiro. Desta forma, a toponímia dos três bairros não se configura como etnocêntrica.

O aparecimento de topônimos urbanos comemorativos da terra portuguesa (rua Coimbra, rua Luzitânia, rua Luis de Camões) remonta a épocas posteriores ao bandeirismo.

Os imigrantes italianos, que participaram ativamente da construção sócio-econômica de São Paulo e que contribuíram ao enriquecimento do léxico do português-brasileiro, legaram à toponímia dos bairros em apreço apenas o animotopônimo (acidente de natureza antropo-cultural) Bela Vista, nome que escolheram para re-nomear o Bexiga. Todavia, a municipalidade prestou-lhes homenagem com a rua Garibaldi, que comemora a figura do herói de dois mundos, e com a rua João Passalacqua, topônimo escolhido pelos moradores do Bexiga/Bela Vista, de origens étnicas diversificadas.

Da análise realizada emergem com clareza dois elementos significativos: o exacerbamento do processo de antroponimização, iniciado no final dos Setecentos e o papel do denominador republicano. Este, transformando um fato de cultura, como é a toponímia, em projeto político propriamente dito, se caracteriza como agente político, perdendo a dimensão de mediador simbólico da realidade.

Por mediador simbólico da realidade entendemos os “homens de letras“ e os “homens de ciências”, que reunidos no século XIX nos centros de difusão do saber (Academias e instituições congêneres), preocuparam-se em definir a identidade dos brasileiros, criando o mito das “três raças” e da convivência pacífica entre elas.

O inventário toponímico criado pelos republicanos acabou por inserir o Brás, o Bexiga/Bela Vista e a Barra Funda Brasil na antiga tradição dos povos ocidentais que denominam os logradouros urbanos com vistas a comemorar personagens de relevo da vida da nação.

Os vereadores da Primeira República, tão solícitos em homenagear personagens de relevo, esqueceram-se de homenagear os fundadores do bairro do Bexiga/Bela Vista: Mariano Vieira, José Leite Braga, Fernando de Albuquerque e Eugênia Pereira, viúva de Leite Braga, casada em segundas núpcias com Fernando de Albquerque.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F.do de ; MARTIN, Jules. **MAPPA DA CAPITAL DA P.cia DE S. PAULO, seos Edifícios publicos, Hoteis, Linhas ferreas, Igrejas Bonds Passeios, etc. publicado por Fr.do de ALBUQUERQUE e JULES MARTIN em 1877** São Paulo: Coleção IV Centenário, 1954. 1 mapa, color. 715 x 525 mm. Sem escala.

ALMEIDA NOGUEIRA. S.n.t.: p. 89 apud TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **O bairro do Brás.** Prefeitura Municipal de São Paulo – Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura. São Paulo:1969, p. 76).

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. Anhembi: São Paulo, 1955, 196 p.

AMARAL, Antônio Barreto do. **Dicionário de História de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. 661 p.(Paulística, v. XIX).

ARQUIVO AGUIRRA. S.n.t, apud MARZOLA, Nadia. **Bela Vista.** . São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 2006, p. 37 (Série História dos Bairros de São Paulo – v. 15).

ATAS DA CÂMARA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Divisão do Arquivo Histórico – Departamento de Cultura. v. XV, v. LXV,v. LXX, v. LXXII, v. LXXIII.

AYROSA, Plínio. Nomenclatura das Ruas de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM).** São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, v. XXXIV, 1937: 350 p., XXXV, 1937: p.330, v XXXVI, 1937 : 380 p.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa.** nº 2, p. 81-118. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/ flp/images/ arquivos/flp2/biderman1998.pdf> Acesso em: 5 nov 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 38ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.671 p.

BLIKSTEIN, Isidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. Cultrix/Edusp: São Paulo, 1983. 98 p.

BOAS, Franz. Raça e Progresso (1931). In: CASTRO, Celso (org). **Antropologia Cultural.** 4ª. ed. São Paulo: Zahar, 2004, 112 p.

BRANCO, Frederico. Aceno Histórico. In: SOARES, Dulce. **Barra Funda: esquinas, fachadas e interiores.** São Paulo: Imprensa Social do Estado S.A., 1982[8]

BRESSER Karl Abraham. **. PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO POR C. A. BRESSER 1841** (Copied from Original 1861). São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954. 1 mapa, color. 870 x 754 mm. Petipé de 3000 pés ingleses

[8] Álbum de fotografias sem número de páginas.

BRUNELLI, Aideli S. Urbani et al. **Barra Funda**. São Paulo: DPH, 2006. 105 p. (Série História dos Bairros de São Paulo – v. 29).

BRUNO, Ernani Silva**. História e Tradições da Cidade de São Paulo.** 3ª. ed. São Paulo: HUCITEC, 1984, v. I, Arraial de Sertanistas (1554-1828), v. III, Metrópole do Café (1872-1918), São Paulo de Agora (1919-1954), p. 899-1541.

CAMPOS, Eudes de Mello. São Paulo antigo: plantas da cidade. **INFORMATIVO ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL**, 4 (20): set/out.2008. Disponível em <http://www. arquivohistorico. sp.gov.br> Acesso em: 15 dez 2008.

_____. **CHÁCARA DO BISPO.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <alessandracirrincione@yahoo.com.br> em 2010.

CARDIM, Gomes.**PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO Organisada sob a direcção do Dr Gomes Cardim– 1897** –. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.1 mapa, color. 600 x 845 mm. Escala *1:20.000.*

CARDONA, Giorgio Raimondo. **Introduzione all'Etnolinguistica.** Bologna: Il Mulino, 1985. 338 p.

CARNEIRO, Glauco. **O Poder da Misericórdia.** São Paulo: Press Grafic, 1986, v.1. 466 p.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas. O imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 166 p.

CIRRINCIONE, Alessandra. Mapa e Memória: Parque Anhangabaú e rua Anhanguera. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS.** São Paulo, v. 39, n.1, p. 200-213, jan-abril 2010. Disponível em <http://www.gel.org.br/> Acesso em: 29 jul 2010.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural.** Florianópolis: UFSC, 2007. 453 p.

DIAFÉRIA, Lourenço. **Brás.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2000. 158 p. (Paulicéia).

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. 3ª ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1992. 224 p.

_____. Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. **Estudos Avançados**, 1994, v.8, n. 22, p. 435-436. <http://www.scielo.org/php/index.php-62k> Acesso em: 15 jun 2008.

_____. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897.** São Paulo: Annablume, 1996. 393 p.

_____. Método e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: **Linguistica e Teoria Literária**, v. 9. 1999.

_____. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e freqüência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Maria Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** 2ª ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001, p.79-90.

_____. A língua de São Paulo. **Revista USP**, 2004, n. 63, p. 36-63, setembro/ novembro.

_____. A Terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs). **As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicologia, Terminologia.** Campo Grande, MS: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007a, v. III, p. 459-471.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica. Uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola, 2005. 214 p. (Na ponta da língua, v. 12).

FELIZARDO E COSTA, José Rufino. **Planta da Cidade de S. Paulo** : **Levantada em 1810 pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa.** São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954. 1 mapa, color. 595 x 645 mm. Escala 1:3000.

FERREIRA, Antônio Celso. **A Epopéia Bandeirante: Letrados, Instituições, Invenção Histórica (1870-1940)**. São Paulo: UNESP, 2002. 372 p.

FERRERO, Gina Lombroso. Nell'America Meridionale. Fratelli Treves, Milano: 1908, p. 34 apud BRUNO, Ernani Silva**. História e Tradições da Cidade de São Paulo.** 3ª. ed. São Paulo: HUCITEC, 1984, v.III, p.59.

FINTEL, Kai von; MATTHEWSON, Lisa. Universal in Semantics. **The Linguistic Review.** Oct. 31, 2007 (Special issue). p.1-61. Disponível em <http://www. semanticsarchive. net/ archive/ tdimdy3z/fintel-matthewson-universals.pdf> Acesso em: 10 abr 2009.

FREITAS, Affonso A. de. **Tradições e reminiscências paulistanas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985 (Reconquista do Brasil, v. 92). 226 p.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780, programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra 1990, 230 p.

HOUAISS. **Dicionário da Língua Portuguesa**, 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUTTER, Lucy Maffei. A Cidade de São Paulo (séculos XIX/XX). In: **Cidades Brasileiras, políticas urbanas e dimensão cultural.** Projeto de Cooperação CAPES/COFECUB. São Paulo: USP-IEB, 1998, p. 133-145.

ISQUERDO, Maria Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. Apresentação. In: _____. (orgs). **As ciências do léxico. Lexicografia, Lexicologia, Terminologia.** Campo Grande, UFMS, 2004, v. II, p. 11-15.

JORGE, Clóvis de Athayde. **Santa Cecília: Contrastes e Confrontos.** São Paulo: DPH, 2006. 139 p. (Série História dos Bairros de São Paulo, 30).

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** 20ª reimpr. da 1ª ed. de 1988. São Paulo: Brasiliense, 2009. 205 p.

LANGENBUCH, Jűrgen – **A Estruturação da Grande São Paulo – Estudo de Geografia Urbana** – Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971. 354 p.

LEÃO, Antônio Carneiro. **São Paulo em 1920.** Anuário Americano 21, Rio de Janeiro: 1920. 194 p.

LUCENA, Célia Toledo. **Bairro do Bexiga.** São Paulo: Brasiliense, 1984. 91 p.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística: uma introdução.** Rio de Janeiro: LTC, 1987. 269 p.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea.** 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008. 346 p.

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga, Barra Funda e Laranja da China.** São Paulo: Klick, 1999. 165 p.

MAGALHÃES, Basílio in VIANA , Urbino. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t.101, v. 155, p5 e segs. apud SOUZA, Lincoln de. **Os Xavantes e a Civilização** (Ensaio Histórico). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953. 57 p.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. **Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos de São Paulo: seguidos da Cronologia dos acontecimentos mais notáveis desde a fundação de São Vicente até o ano de 1876.** Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980, v. I. 379 p. (Reconquista do Brasil; nova ser.; v.3-4).

MARRAS, Stélio. Pessoa e Instituição – Entrevista com João Baptista Borges Pereira. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA.** São Paulo: USP, 2003. V. 46, Nº 2, p. 319-345 .

MARTIN, Jules. **PLANTA DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO e seus arrabaldes desenhada e publicada por JULES MARTIN em 1890.** São Paulo: Coleção IV Centenário, 1954. 1 mapa, color., petipé de 1000 m, 165 x 986 mm.

MARTINS, Antonio Egydio. **São Paulo Antigo.** Coordenação Paula Porta. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 550 p. (Coleção São Paulo; 4).

MARZOLA, Nádia. **Bela Vista.** . São Paulo: DPH, 2006. 105 p. (Série História dos Bairros de São Paulo – v. 15). 138 p.

MENDELBAUM, David. Editor, ***Selected Writings of Edward Sapir*** (Berkeley: University of California Press), 1949.

MIGUES. S.l., s.n., 1996: p. 275 apud SANTOS, Florisvaldo Pereira dos. **Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o atlas toponímico de Mato Grosso.** 2006, Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral). FFLCH-USP, São Paulo: 2006, p. 60.

ORDENS RÉGIAS. Acervo de documentos manuscritos do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, v. 157 e 171.

RAFFARD, Henrique. **Alguns dias na Paulicéia**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1977. 109 p.

RAMOS, Luiz. **Índice Official das vias públicas do município da capital do estado de São Paulo da Prefeitura Municipal de São Paulo até 15 de setembro de 1926, trabalho organizado por Luiz Ramos, Director de Expediente da Prefeitura − mandado publicar pelo Snr. Dr. J. Pires do Rio, Prefeito de São Paulo.** São Paulo: Vanorden, 1926.177 p.

REALE, Ebe**. Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos**. São Paulo: Pioneira, 1982. 223 p.

REAL GRANDEZA, rua. Ficha datilografada, custodiada na Seção de Logradouros do Arquivo Histórico Municipal .Washington Luis.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo.** 2a. ed. Studio Nobel / FAPESP, 1999. 247 p.

_____. **São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001. 83 p. (Folha Explica).

SACCHETTO, João. **Bixiga, pingos nos is**. São Paulo: SODEPRO – Sociedade de Defesa das Tradições e Progresso da Bela Vista, 2001. 207 p.

SAMPAIO, Theodoro. **O Tupi na Geografia Nacional.** 5ª. ed. São Paulo: Nacional, 1987. 359 p.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Província de São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976. 229 p. (Reconquista do Brasil, v. 18).

SANT'ANNA, Nuto. **São Paulo Histórico.** São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1939, v. IIII. 359 p.

SANTOS, Florisvaldo Pereira dos. **Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do médio Araguaia, Mato Grosso: contribuição para o atlas toponímico de Mato Grosso.** 2006. 100 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral). FFLCH-USP, São Paulo, 2006.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: _____. **Linguística como ciência. Ensaios.** Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961, p. 42-62.

_____. **A Linguagem. Introdução ao estudo da fala.** Tradução, prefácio e apêndice de Joaquim Mattoso Câmara Jr. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. 262 p. (Filologia e Linguística, v. 3).

SESSO JR., Geraldo. **Retalhos da Velha São Paulo.** 4ª. ed. São Paulo: Maltese, 1995. 348 p.

SOUZA, Everaldo Vallim Pereira de. A Paulicéia há 60 Anos. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM).** Departamento do Patrimônio Histórico, 2006, v. 204, p.117-127.

SOUZA, Lincoln de. **Os Xavantes e a Civilização** (Ensaio Histórico). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1953. 57 p.

STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil.** Porto Alegre: L&PM, 2008. 184 p.

SZCZESNIAK, Konrad. O retorno da hipótese de Sapir-Whorf. **CIÊNCIA HOJE,** 2005, vol. 36, nº 214, p. 63-65.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **O bairro do Brás.** Prefeitura Municipal de São Paulo – Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura. São Paulo: 1969. 250 p. (Série História dos Bairros – I).

ULLMANN, Stephen. **Semântica. Uma introdução à ciência do significado.** 5a. ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1987. 577 p.

VIEIRA, Antônio Paim. Chácara do Capão. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM),** v. CXLXXX. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1952. p.112-141.

_____. Mapa da Chácara do Capão. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM),** v. CXLXXX. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico, 1952. p. 140.

Sites da Internet:

<http://www.dicionariosderuas.com.br>
<http://www.ipol.org.br/ler.phh?=cod.187>
<http://www. dicionarioweb. com.br/paginar.html>
<http://pt. wikipedia. org/wiki/ Memorial_do_ Imigrante>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Riacho_do_Ipiranga>
<http://www.ajorb.com.br/hb-mapas-antigos.htm>.

APÊNDICE A

PERGUNTAS À PROFA. DRA. MARIA VICENTINA SOBRE RUMOS DA PESQUISA ONOMÁSTICA NO BRASIL

Pergunta: Quais são, a seu ver, os topônimos mais representativos da cidade de São Paulo e por quê?

Resposta:
Um dos primeiros nomes registrados nas Atas da Câmara: São Paulo dos Campos de Piratininga ou São Paulo do Campo. Junto com este topônimo eu colocaria o Caminho da Tabatinga ou Caminho da Tabatinguera, atual rua Tabatinguera, pela posição geografica que desempenharam na cidade de São Paulo. É um topônimo que define bem um local da cidade.

O Pátio do Colégio é uma forma mais erudita ou euridizante de se definir a região, porque deveria ser Colégio do Jesuitas. Pátio do Colegio é uma denominação existentes em outros locais do Brasil que retraram a mesma circunstância geofísica, por isso que eu gosto mais da definição Colégio dos Padres, porém o nome oficial é Pátio do Colégio.

Pergunta: Na Itália cultiva-se o estudo dos nomes de produtos comerciais (Onionímia) caracterizados pela presença da marca DOC, sigla equivalente à Denominação de Origem Certificada. Pertencem a esta categoria alguns produtos como Parmesão, vinhos típicos e outros gêneros alimentícios. No Brasil temos produtos semelhantes, como, por exemplo, o queijo de Minas. No entanto, este tipo de pesquisa não tem seguidores no Brasil. Por quê?

Resposta: “Em se plantando tudo dá”, que o nosso mote para resguardar a propriedade civil, intelectual, a produção decorrente deste direito de propriedade e sobre tudo a marca, que define o objeto que está sendo pesquisado utilizado. A marca é isso. Ela vai definir este tipo de objeto. A marca para mim é o limite entre o público e o privado.

Existem estudos jurídicos. Para que o estudo toponímico se torne mais conhecido é aconselhável a divulgação do conteúdo semântico de marca. Este estudo integra as nossas pesquisas sobre o título de sóciotopônimos, nomes de lugares que projetam uma realidade supra-local.

Pergunta: Nomes de edifícios e nomes de estabelecimentos comerciais podem ser considerados topônimos?

Resposta: sim, em função deste conceito genérico de marca, eles identificam pontos do espaço que são utilizados com várias finalidades sociológica e onomástica.

Pergunta: Qual é a tipologia de topônimos mais estudada pelos pesquisadores engajados nos projetos de Atlas Toponímicos que a Senhora coordena?
Resposta: Os hagiotopônimos, que são nomes de origem religiosa.

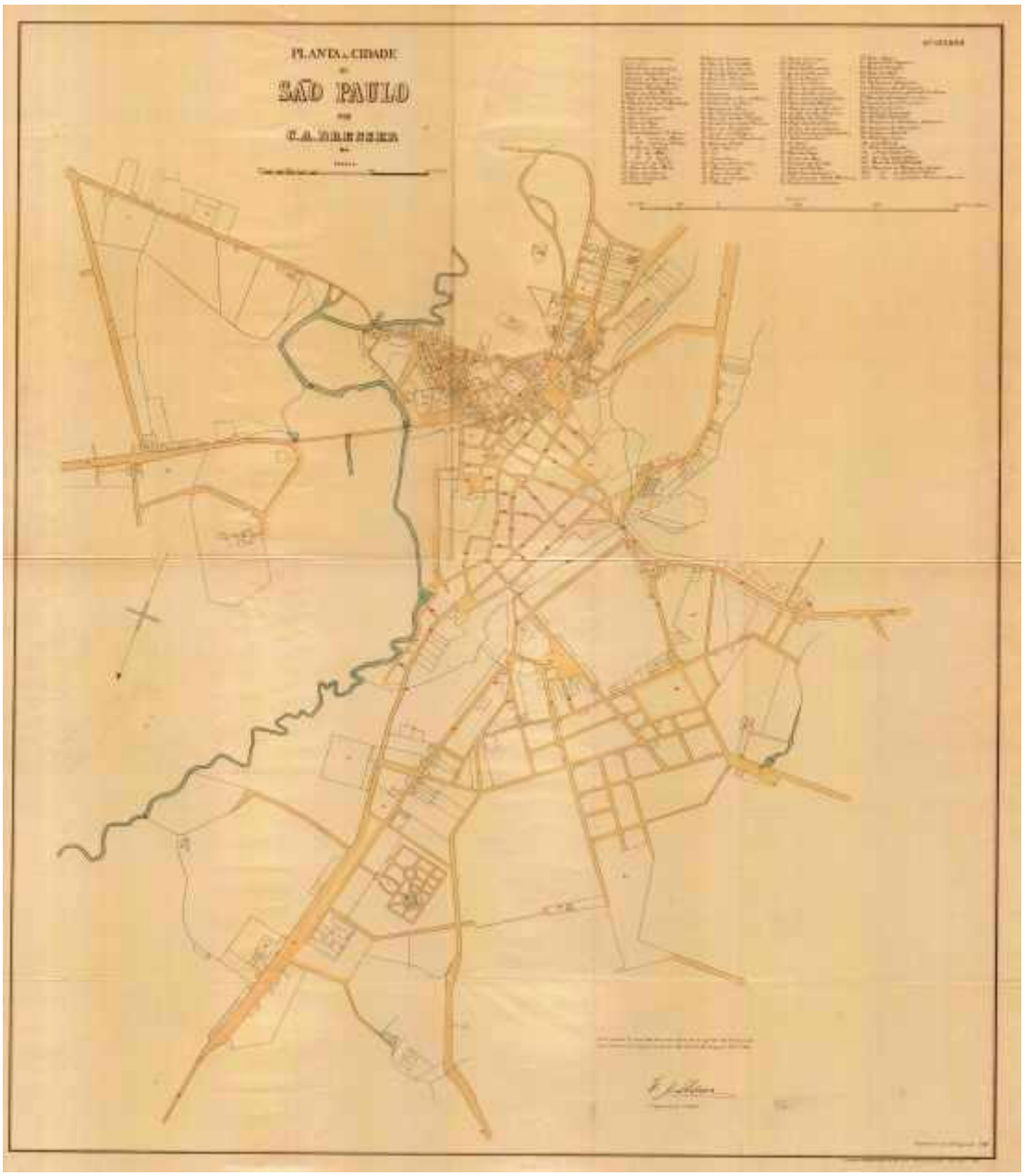
Pergunta: Considerando a grande difusão no território nacional dos projetos Atlas Toponímicos, seria interessante editar uma revista que agregasse material relativo à Toponímia. É cedo demais para pensar nesta possibilidade?

Resposta: Não, não é cedo demais, principalmente levando-se em conta a feição mais atual que vem sendo dada por nos aos estudos toponímicos. Vamos partir do princípio que o nome, uma vez colocado (seja nome de rua, praça, rio, morro, etc.), é material de estudo, que vai transmitir uma carga informativa considerável.

ANEXO A

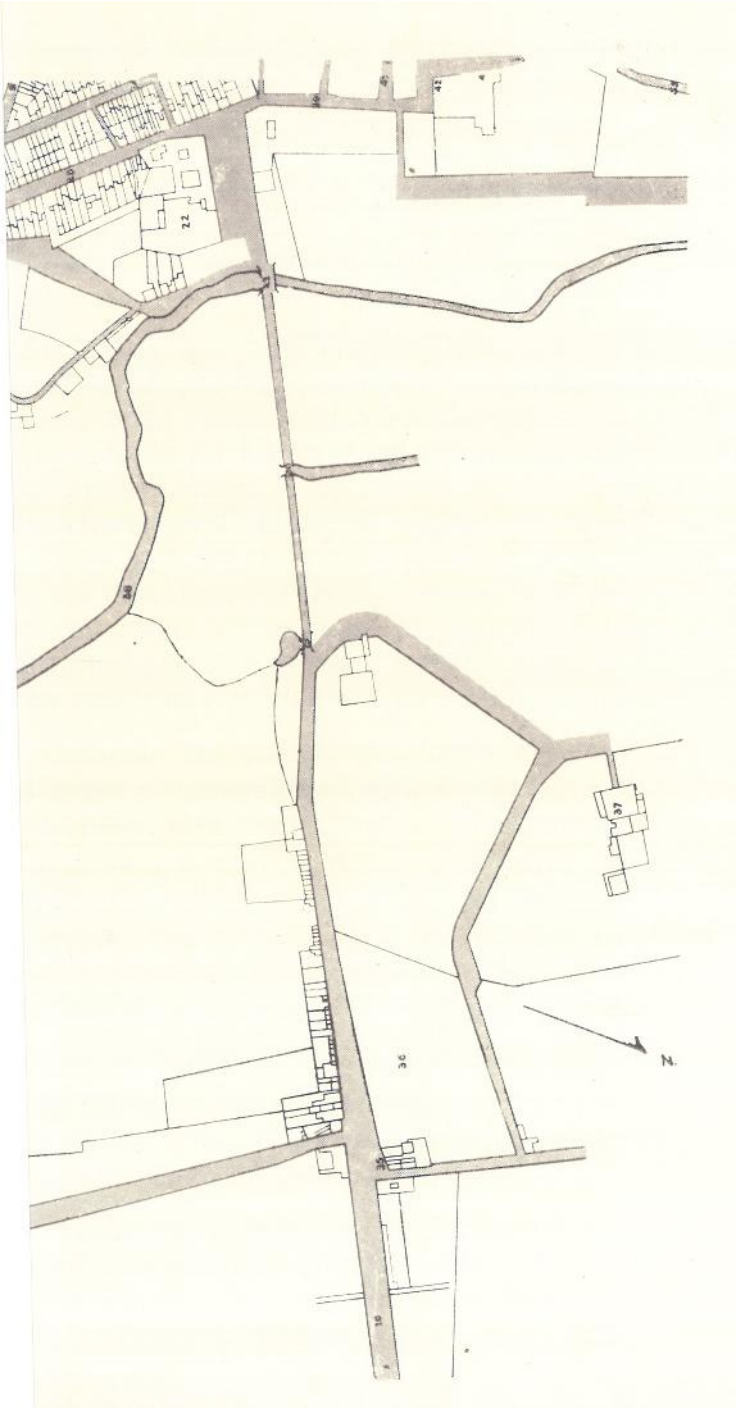
PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO LEVANTADA EM 1810 PELO ENGENHEIRO RUFINO JOSÉ FELIZARDO E COSTA

ANEXO B



PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO POR C. A. BRESSER 1841

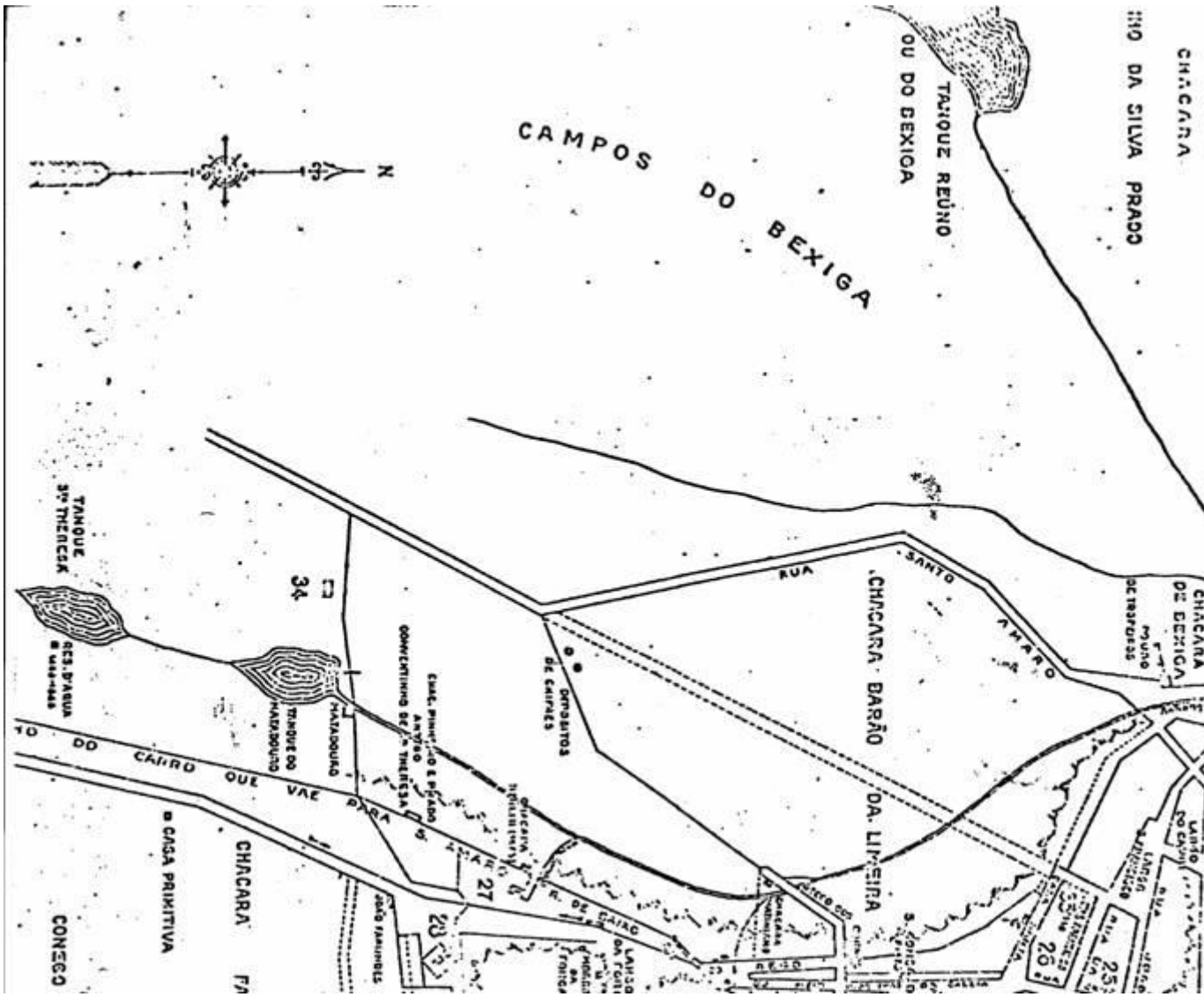
ANEXO C



PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO POR C. A. BRESSER 1841
DETALHE DO BAIRRO DO BRÁS

Legenda
35 – igreja do Bom Jesus do Brás
36 – freguesia do Brás
37 – rua de Santa Teresa
38 – rio Tamanduateí

ANEXO D

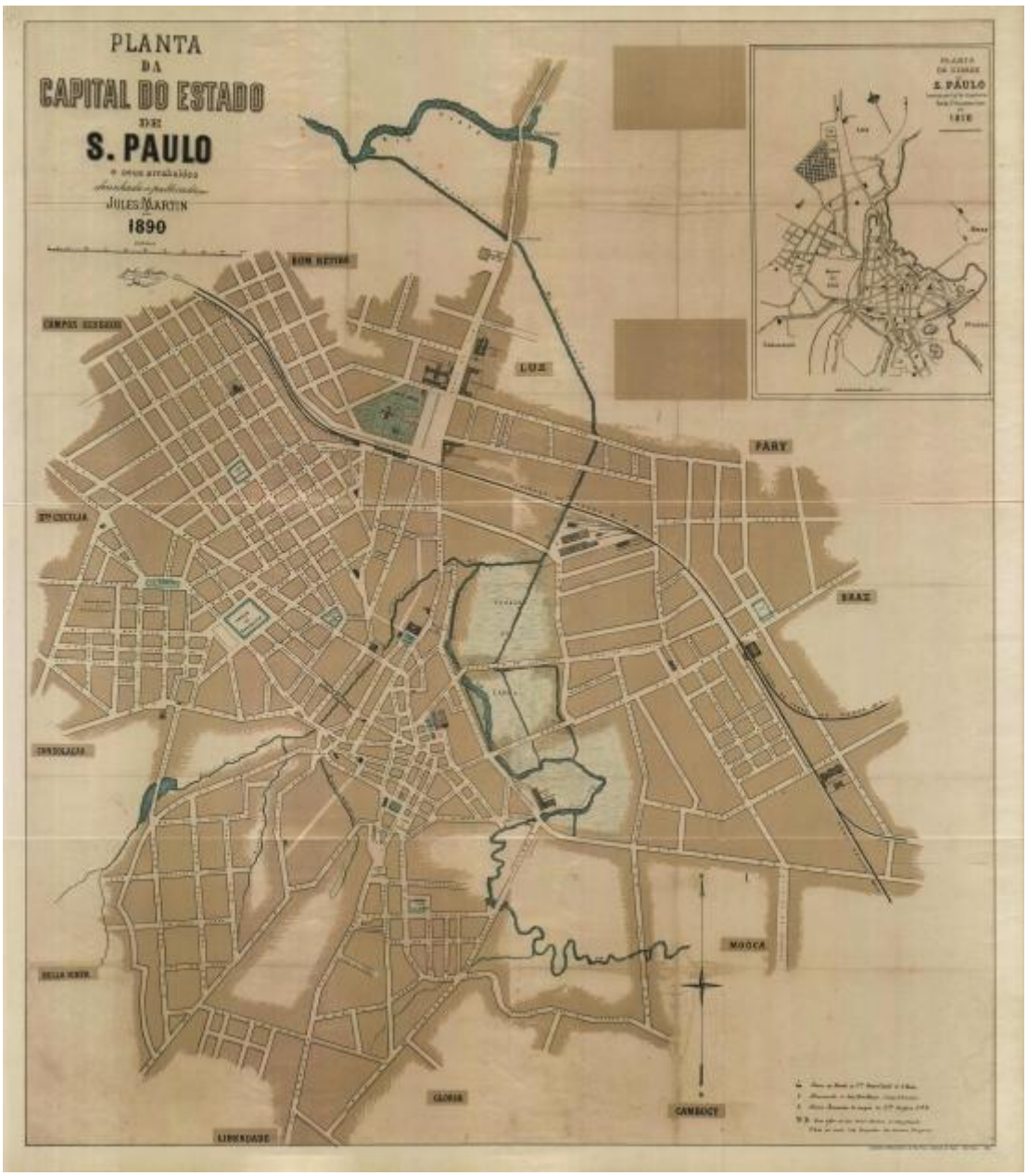


1.850 - MAPA, ONDE APARECE A CHÁCARA DO BEXIGA, COM O NOME DE CAMPOS DO BEXIGA. APARECE TAMBÉM O TANQUE REÚNO, EM CUJA VOLTA ESCRAVOS FUGIDOS E AQUILOMBADOS SE ESCONDIAM.
<http://www.ajorb.com.br/hb-mapas-antigos.htm>

ANEXO E

MAPPA DA CAPITAL DA P.cia DE S. PAULO seos Edifícios publicos, Hoteis,
Linhas ferreas, Igrejas Bonds Passeios, etc.
publicado por Fr.do de ALBUQUERQUE e JULES MARTIN em 1877

ANEXO F

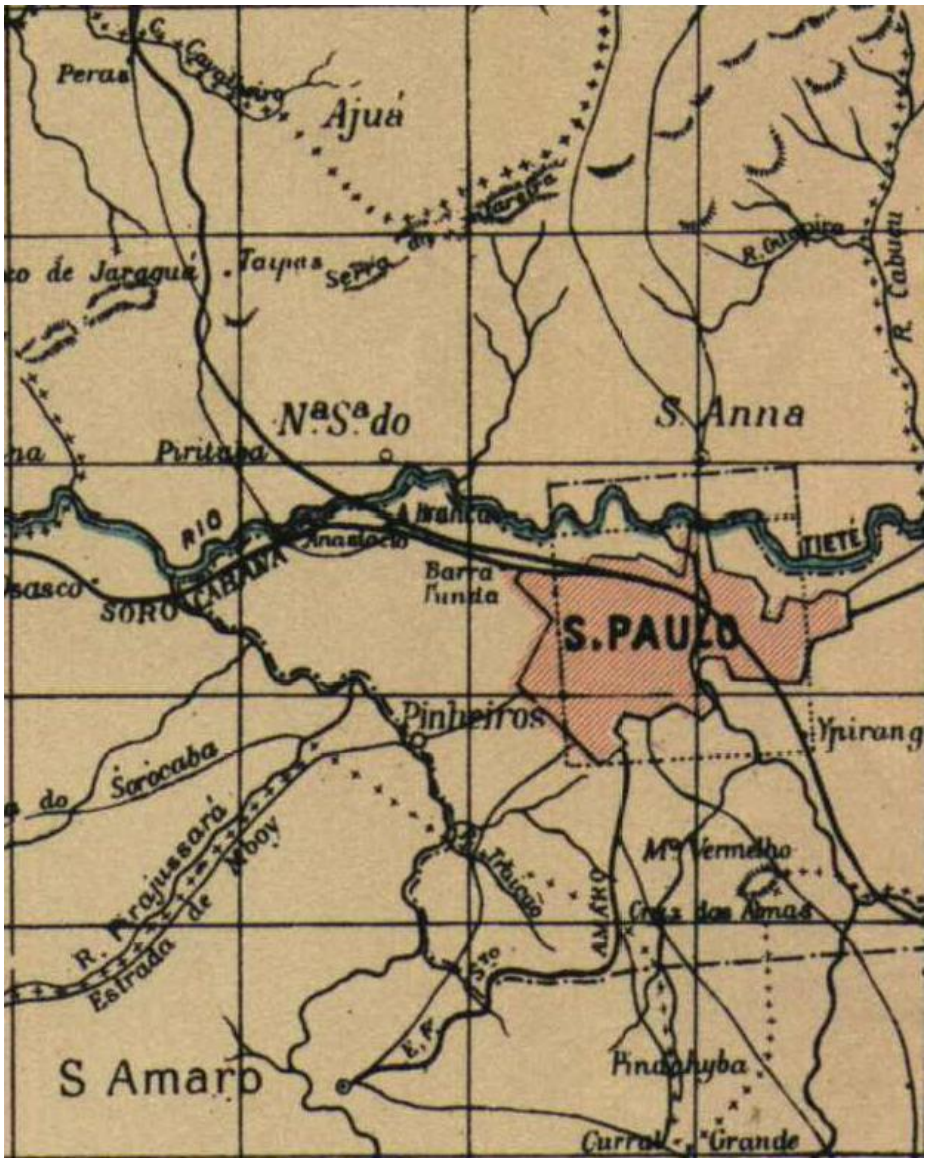


PLANTA DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO e seus arrabaldes
desenhada e publicada por
JULES MARTIN em 1890

ANEXO G

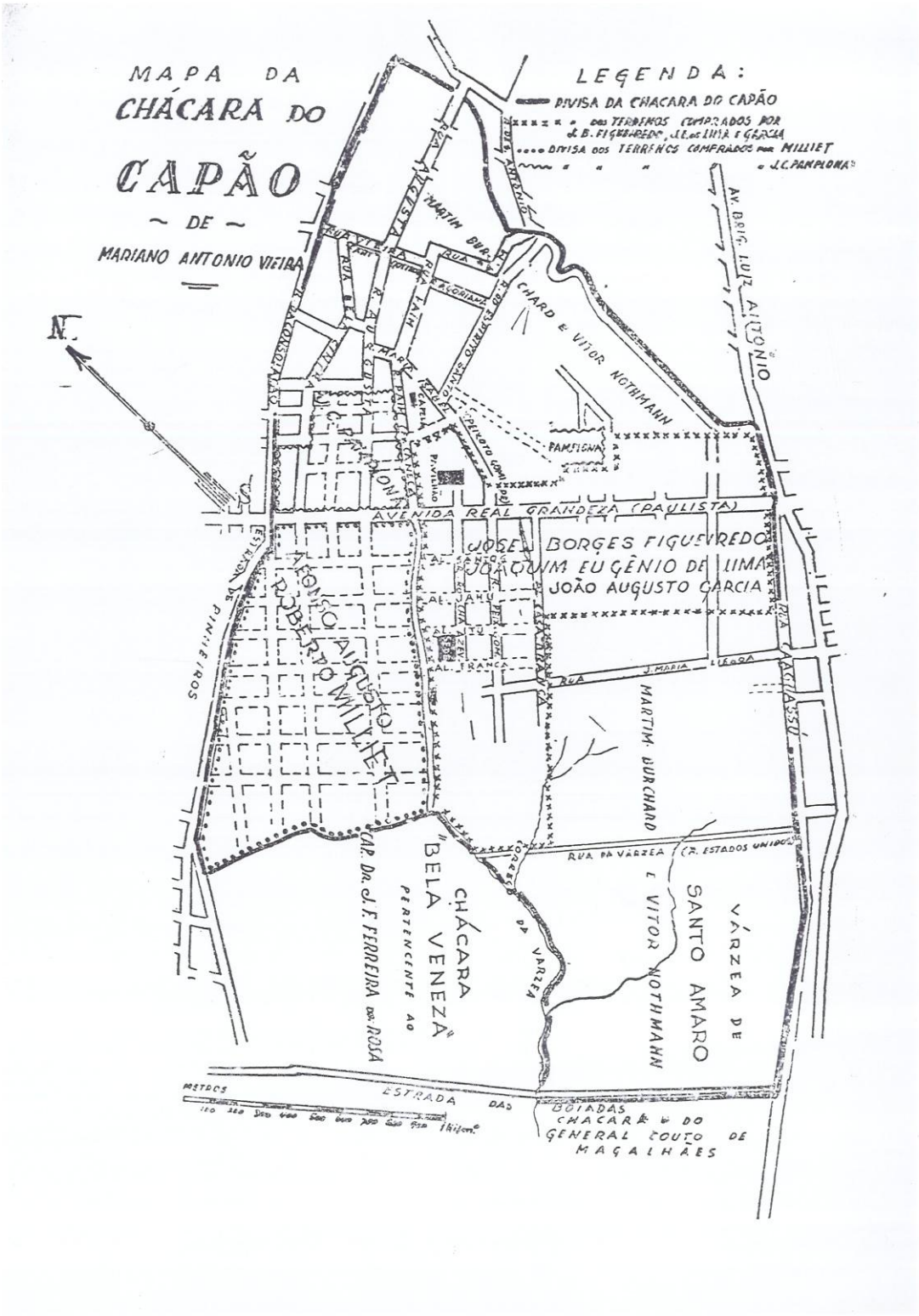
PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO
Organisada sob a direcção do Dr Gomes Cardim
– 1897 –

ANEXO H



PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO
ORGANISADA SOB A DIRECÇÃO DO DR GOMES CARDIM
– 1897 –
DETALHE DO BAIRRO DA BARRA FUNDA

ANEXO I



MAPA DE ANTONIO PAIM VIEIRA
CHÁCARA DO CAPÃO